



A COLCHA DE RETALHOS:

Vivências da Liga de Educação
em Saúde

A COLCHA DE RETALHOS:

Vivências da Liga de Educação
em Saúde



Mayara Floss
Arnildo Dutra de Miranda Júnior
(Organizadores)

© 2014, dos autores

Imagem da capa

Suzana Reis

Capa

Ariane Neuhaus

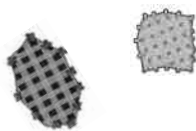
Diagramação

Mayara Floss

Revisão do texto

Gilson Borges Corrêa

Sumário



A colcha de retalhos 13
Mayara Floss

Prefácio - Um prefácio, uma colcha: das formas de costurar
retalhos com vento e poesia 14
Maria Amélia Mano, Júlio Wong Un e Ernande Valentin do
Prado

Introdução: A história que (ainda) não foi contada... 24
Tarso Pereira Teixeira

Introdução Lado B 29
Mayara Floss e Arnildo Dutra de Miranda Júnior

Fio da vida 48
Adriana Maria de Sousa

Entre naufrágios e amor 52
Noracy José de Castro, Ivone dos Reis Castro, Carlos Roberto
dos Reis Castro, Rosane Galarraga Martins Castro, Juliana Batista
Rocha da Silva e Mayara Floss

Meus 15 anos 56
Victória Adaeme Ribeiro

Sendo jovem, se é belo, sendo velho, se é sábio. 57
Cristie Cichelero

O Mito dos Saberes Inúteis 59
Luan Menezes

Pelas Nossas Vivências 62
Jéssica Pereira Sauer

Relembrando... 68
Clarissa Resende Corrêa

LES, no Plural 70
Juliana Batista Rocha da Silva

Uma história simples... 72
Rubens Caurio Lobato

Passou voando.... 73
Roberto Conter Tavares

Versinho 75
Nara Maria Pinheiro Almeida

A Bolha 76
Patrícia Weiber Schettini Figueiredo

Seu Juan: Pai, pescador e filho de Iemanjá 79
Juan Lourenço Hulmo e Jean Veronese de Souza

Modelando o Caminho da Vida 81
Suzana Camargo Reis

A influência da Liga em minha vida 85
Thiago Medeiros

Uma tarde para guardar debaixo de 7 chaves 87
Jéssica Pereira Sauer

A Educação que Adoece Luan Menezes	90
Viagem a Santa Catarina, um sonho realizado! Ledeni Alves dos Santos, Gabriel Loterio Marques, Jéssica P. Sauer, Thiago Medeiros e Luan Menezes	94
Palavra perdida Ariane Neuhaus	97
Ao educador, as batatas! Mayara Floss	99
A esquina Zaloni não deve ser a mesma Marcelino Passos Brum e Ana Maria Evangelista Ferreira	102
Que É; Que Querem Juliana Batista Rocha da Silva	103
Entre Memórias e Sorrisos Marina Anzolin e Luan Menezes	105
Sobre o vínculo Ana Maria Evangelista Ferreira	108
Sobre o amor que se foi Neiva Enilda O. Silva	110
Uma parte do que sou Larissa Fernanda Rizzardi	111
Cada planta tem uma história Gracelina David e Mayara Floss	113
Um olhar, um carinho, uma esperança... Clarissa Resende Corrêa	115
Senhores do Asylo Luan Menezes	118

Encontros e desencontros	123
Neiva Enilda O. Silva	
Chuva	124
Vanessa Cardoso Barrientos	
Há muito além dos livros	125
Laís Nascimento	
Poeminha pro tio Paulo	127
Roberto Conter Tavares	
A lâmpada de Dorval Martins	128
Rosane Galarraga Martins Castro, Juliana Batista Rocha da Silva, Mayara Floss e Carlos Roberto dos Reis Castro	
Da Liga de Educação em Saúde e seus reflexos	130
Vanessa Cardoso Barrientos	
Para meus netos	132
Nara Maria Pinheiro Almeida	
A caixa de Música	133
Jean Veronese de Souza	
Uma quinta-feira importante pra vida.	136
Roberto Conter Tavares	
Encontro de gurias	138
Amanda Ribeiro	
Futebol e lembranças	142
Vanessa Cardoso Barriento	
Obrigada	143
Marina Anzolin	

Lista de autores



Adriana Maria de Sousa - Extensionista da LES (2013/hoje)

Ana Maria Evangelista Ferreira - Extensionista da LES
(2012/hoje)

Ariane Neuhaus - Extensionista da LES (2013/hoje)

Arnildo Dutra de Miranda Júnior - Membro fundador da LES
(2010/hoje)

Carlos Roberto dos Reis Castro - enfermeiro da Barra

Clarissa Resende Corrêa - Extensionista da LES (2012/hoje)

Cristie Cichelero - Extensionista da LES (2011/2012)

Ernande Valentin do Prado - amigo da LES

Gabriel Loterio Marques - amigo da LES

Gracelina David - comunidade da Barra

Ivone dos Reis Castro - amiga da LES

Jean Veronese de Souza - Extensionista da LES (2012/hoje)

Jéssica Pereira Sauer - Extensionista da LES (2012/hoje)

Juan Lourenço Hulmo - asilado

Juliana Batista Rocha da Silva - Extensionista da LES (2013/hoje)

Julio Alberto Wong Un - amigo da LES

Laís Nascimento - Extensionista da LES (2011)

Larissa Fernanda Rizzardi - Extensionista da LES (2011)

Ledeni Alves dos Santos - artesã da Barra

Luan Menezes - Extensionista da LES (2011/hoje)

Maria Amélia Medeiros Mano - amiga da LES

Marcelino Passos Brum - asilado

Marina Anzolin - Extensionista da LES (2012/2013)

Mayara Floss - Membro fundador da LES (2010/hoje)

Nara Maria Pinheiro Almeida - asilada

Neiva Enilda Silva - asilada

Noracy José de Castro - amigo da LES

Patrícia Welber Schettini Figueiredo - Extensionista da LES (2012/2013)

Roberto Conter Tavares - Extensionista da LES (2011/hoje)

Rosane Galarraga Martins Castro - comunidade da Barra

Rubens Caurio Lobato - Servidor da FURG e amigo da LES

Suzana Camargo Reis - artesã da Barra

Tarso Pereira Teixeira - Coordenador da LES (2010/hoje)

Thiago Medeiros - Extensionista da LES (2013/hoje)

Vanessa Cardoso Barrientos - Extensionista da LES (2012)

Victória Adaeme Ribeiro - asilada

Agradecimentos



Agradecemos a todos que ajudaram de alguma maneira a “costurar” essa colcha de retalhos, são diversos nomes que marcaram nossa história, desde o começo com os criadores dos projetos que existiram antes da Liga de Educação em Saúde (LES) e que foram as primeiras portas abertas para que a LES existisse até os professores que contribuíram com seus pontos e nós. A todos que pegaram fios, retalhos e agulhas, para a confecção deste livro, desde a Pró-Reitoria de Apoio Estudantil até a gráfica da Universidade Federal do Rio Grande. A todos que compartilharam e nos ajudaram a crescer desde 2010 com a LES, seja nos acompanhando nas atividades práticas, seja revisando o texto deste livro, todos foram essenciais. Também, as comunidades que nos receberam ao longo das ações da LES. Em especial, agradecemos cada extensionista, amigo da LES e integrante da comunidade que decidiu dividir suas vivências neste livro. Certamente, a LES não existiria se não fôssemos cada um diferente e único, como a colcha de retalhos que costuramos para este livro em vivências e aprendizagem, e que ainda vai crescer muito e servir de aconchego para estes e os próximos que virão.



A colcha de retalhos



Mayara Floss

Na fina linha da vida
Cada uma das nossas mãos
Foram costurando
Os nossos pedacinhos de pano
Cada qual a sua maneira:
estampado, estudado,
pescador, listrado, artesão,
idoso, com florezinhas, adulto,
jovem, educador, colorido,
E quase nem percebemos
colcha de retalhos
Que já cresceu tanto
Que dá para usar de cobertor
E com essa linha fina
de mão em mão
Que nos Liga
E nos ligamos
Aprendemos e somos iguais
mesmo diferentes



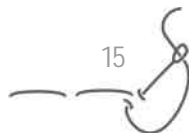
Um prefácio, uma colcha: das formas de costurar retalhos com vento e poesia

Maria Amélia Medeiros Mano, Ernande Valentin do Prado e Julio Alberto Wong Un

A Poesia pela Medicina:

Viver é Poesia. Melhor dizendo, pode ser. Sempre. Sem exceção. Mas Poesia não é doce nem dócil. Poesia dói também. E revolta. E faz com que vejamos coisas e dimensões que nem sempre quereríamos ver. Mas ela anda solta, sempre disposta, sempre possível, esperando ser percebida. Bastam olhos atentos, corações abertos, peles de onze sentidos despertos. Às vezes Poesia passa pelos ventos frios, no balanço das águas, ao afastar-se dos cais ou chegar a bons portos. Poesia é tricotar ou brincar de tecelagem, de juntar retalhos. Acompanhar dores e mortes. Renascer junto com os que encontramos no caminho. E ir fundo por baixo das areias geladas do Sul do Sul.

Na Medicina que, esquecemos sempre, faz parte da Saúde - mesmo com seus olhares singulares, com suas formas de opressão e dor, e com seus heroísmos e misérias humanas - tecer coletivos de afeto é desafio profundo. Ela foi perdendo tanta coisa em nome dos aparelhos organizativos, das formas de arranjo institucional, dos protocolos, dos sistemas de informação, das políticas que são re-inventadas (por vezes de maneira perversa) nos níveis locais, dos conceitos amados (criticidade,



amorosidade, dialogicidade) que são deturpados em nome de partidos e grupos de poder. Com os planos de saúde, a Medicina foi criando fama de sabotadora, de traidora do Sistema Único de Saúde. E médicos foram confundidos com seres ambiciosos e mesquinhos que procuram dinheiros, poderes e lucros desmedidos.

E eis que a outra, a segreda, a humilde, a quase sem voz, Medicina do Ser-Com-O-Outro, a que pega dois ônibus de ida e volta para o Posto de Saúde, nos aparece límpida e encarnada em muitos e muitos profissionais, pessoas queridas, seres do afeto e da Poesia. Neste livro, de projetos humanos de médicos assim, você leitor vai encontrar muita coisa. Coisa simples, delicada, oculta ao olhar apressado ou interesseiro. Mas, Poesia como ela é, presente e transformadora.

E quem se transforma? E como se transforma? Quais caminhos são os melhores? Leituras, conversas, aulas magistrais e palestras, oficinas, audiovisuais, visitas a hospitais ou comunidades, laboratórios, números - curvas - gráficos, discursos profundos sobre o subjetivo, práticas clínicas, apresentações de casos "interessantes". São tantas formas que são ofertadas - algumas mais, como a obrigação de memorizar, ou a obrigação de se distanciar e ficar neutro - que as respostas seriam muitas. Vale lembrar que essas formas todas de aprender/pensar/fazer/ser podem ser usadas de muitas maneiras. Que nenhuma forma, ou proposta ou metodologia, vai garantir um caminho que traga crítica, questionamento, imaginação, criatividade, Poesia. Sabemos, qualquer proposta pode ser usada para manipular, para eleger políticos, para acalmar trabalhadores mal pagos e desmotivados, para enganar pessoas e grupos com a ilusão da mudança, do humano que se superficializa e se perde.

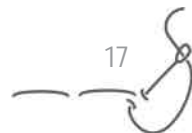
Além das formas, das ideias e os conceitos, e das políticas normativas, estão as pessoas e seus jeitos. E o que são esses jeitos? Formas de olhar, de fazer, de respeitar. Os valores e as intuições em ação. No viver cotidiano. E, no contexto de uma sociedade egoísta, individualista e consumista, o que poderia explicar o exercício gratuito desse jeito singular, da Medicina do Ser-Com-O-Outro, do fazer saúde que nos faz mais pessoas, mais

artistas, mas amantes?

Podem se lançar muitas possibilidades para tentar essa compreensão. Todas insuficientes. Mas podemos nos debruçar sobre o caso da Liga de Educação em Saúde da FURG, que aqui traz textos que são sabores, e são saberes. Saberes orientais - não pela geografia, mas pela reverência e pelo respeito pelo mundo e sua simplicidade; e pela confiança implícita que o invisível, o detalhe, o gesto do miúdo e do ignorado (uma gramática do chão, do descartado, da coisa e do inútil, como propõe Manoel de Barros) são aquilo que deve ser procurado. Ao longo das páginas desta colcha de retalhos se encontram reflexões, criações e depoimentos de professores e estudantes. Professores que aprendem. Estudantes que ensinam e aprendem. Usuários do SUS e lideranças comunitárias que trazem sabedorias intuitivas - e intuídas. E porque intuídas, também procuradas pelos jovens que escrevem aqui suas experiências, suas sensibilidades, essa mistura de poema em prosa, conversa de fim de tarde, sarau de poesia e cantorias, gestos de profissional da saúde em gestação. Médicos e muito mais do que médicos.

A liga se faz por constelação de seres. Os tempos de se encontrar, as coincidências de existir no mesmo tempo-espço e na mesma harmonia - uma certa musicalidade de poemas-canções. E lideranças. Porque lideranças são figuras paradigmáticas e simples. Aquilo que a sociologia chama de verdadeiros líderes - nem sempre públicos, nem sempre feitos de cargos oficiais, mas às vezes combinando o formal e o real. Seres que são da medicina, sim; mas, principalmente, da saúde: a procura utópica pela saúde profunda e respeitadora. Um horizonte imaginado e desejado. Uma forma da alegria e da delicadeza.

E é assim que nós três chegamos a esta história. Somos efeitos secundários da procura dos meninos e das meninas da Liga. Eles, descobrindo o estranho, o atípico, o anômalo na saúde e na medicina, chegaram até nós. Certa teimosia que compartilhamos em valorizar o simples, de ter indignação pelos poderes autoritários, pelas manipulações que traem a saúde, e traem movimentos sociais e sonhos coletivos de longa data; e



certa maneira de andar poeticamente no mundo, catando belezas, transformando-as em presentes, alimentando nosso Ser-Saúde - uma na clínica, um na gestão, e outro na universidade. E, talvez, por isso, grande amizade nos une, alimentada ao longo de anos, aprofundada de maneira mágica e inexplicável.

Mas tudo começou com a ideia do Blog. Fazer um blog. Explico: somos os três da Educação Popular em Saúde. Movimento de gentes e grupos que nos últimos anos atravessa a crise decorrente da sua absorção ao aparelho do Estado - uma parte dela - e da perplexidade dos intelectuais diante de um governo difícil de classificar e criticar. Distanciamentos, conflitos, grandes projetos financiados, imobilismo e falta de crítica, uma convivência com amigos e não tão amigos. Desgastes e explosões. Queríamos um remanso, uma ilha, uma enseada, um descanso. Daí começamos a pensar um blog. De textos literários e críticos, de crônicas e poemas. Desvinculado dos falsos coletivos e altos financiamentos. Essa era outra dança, quase um caso ou uma mentira inventada.

Antes, os meninos já tinham nos ofertado ajuda no Congresso Brasileiro de Saúde Coletiva, em Porto Alegre, em Novembro de 2012. Até coincidimos num bar na Cidade Baixa, bairro boêmio de Porto. Aprendemos aos poucos a admirar. Mas em abril, quase maio, decidimos conhecer. Visita meio apressada, meio sem jeito, meio de mais velhos com mais jovens. Mas ao mesmo tempo muita utopia e energia. Nas páginas seguintes, pensamos poeticamente partes da visita. No livro há muitos e muitos exemplos de como a experiência que toca, transforma. Aqui pensamos somente algo do que nos transformou. E nisso somos extremamente gratos. Aprender com os que inventam caminhos é uma sorte e um luxo.

Ao vento, à barca, ao jovem flutuante, ao som e ao poema: uma visita à Liga de Educação em Saúde da FURG.

Dos desejos, das perplexidades, dos desencantos, das dores e de outras tantas andanças de rumo incerto, nascem ideias e sonhos. Os rumos permanecem mistério, mas o sentido da caminhada ganha outra leveza. A leveza de quem paira no ar, de

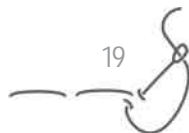
quem respira com os pássaros e nem sabe que pode voar...
ainda...

Ainda, expressa tempo. É jeito de falar do que pode acontecer, do que está para se fazer. Presente e futuro. É hoje e é uma fresta de amanhã que espiamos entre curiosos, temerosos e assombrados. Feridos pelo que não nos conforma, pelo que nos revolta, pelo que nos decepciona e, acima de tudo, pelo que nos desafia.

E do desafio que não cala, nasce o canto. O canto que é sopro de vento. Vento frio da lagoa, do mar, da Barra, da ilha, da balsa. Vento que perturba navegantes solitários, assusta principiantes, anima aventureiros ou simplesmente inspira poetas. Vento... sabemos tão pouco do que anima as árvores, do que curva os galhos, espalha as folhas, fecunda as flores, beija o céu, do que escava rochas e constrói desfiladeiros. Sabemos pouco do que nos atravessa, do que chamamos frio, do que chamamos dor, movimento, vela, cais, vida.

Vento. Em Ainda, do Madredeus, Pedro Ayres Magalhães escreve: Quem alcança / Mora longe / Da mudança / Do seu nome. Vento Sul transforma; o Sul faz dos Outros aproximações para se abrigar, para olhar estranhados e extasiados pelas janelas da barca que vai. Incerteza / São verdades / São procuras.... Aquilo que nos move, de olhos fechados, de intuição alada. De chegada noturna a Rio Grande e caminhar pelas velhas ruas de pedra, pelas árvores centenárias, pelas luzes pálidas dos faróis exaustos. Quem avança / Guarda o amor / Guarda a esperança / Sem favor / Ainda. Ainda, Ser sendo, Vento, faz tempo...

Era frio. Uma névoa cobria as ruas. Faróis e velhas casas nos acolhiam. Muito comércio e muitos sinais que mostravam a antiga glória da cidade. A sensação de estar em outro mundo, cem anos atrás, era forte nessa noite de névoa. E ainda, esses jovens nos levam a comer bauru gigante e boas conversas. O Luan persegue o Júlio com perguntas profundas. As respostas, meias verdades, evasivas, mostram que a busca não termina. Que idade não é documento. Que de alguma forma somos, ainda, tempo e vento misturados naquela mesa de lanchonete.



No outro dia, pegamos a balsa que saiu às 10 da manhã em direção a São José do Norte. Foi a balsa que o Luan não conseguiu pegar. Vimos ele se aproximar em um correr vagaroso. Na lentidão dos filmes de ação ou de romance e de iminente abraço e beijo.

Luan, longo jovem negro de grande beleza e olhar profundo, e respeito e curiosidade pouco comuns, veio começar a correr quando a barca se separava do cais. Quando as cordas grossas e velhas se soltavam. E os amigos chamando e agitando os braços. E todo mundo, passageiros e nós, tendo essa experiência real (real, justamente porque de muitos ao mesmo tempo) de ver como o espaço-tempo-espírito se transformava na vagarosidade impossível do corpo que flutuava, na santidade iminente do jovem que se faz médico diferente na interface com os marginalizados, com o chão gelado e frio da Barra, com os gestos suaves e os poemas especiais que produz para ele, para os amigos, e para os pacientes.

Luan perdeu essa barca.

Luan vagaroso, sensível e curioso, que corre contra o vento, na lentidão das certezas que virão - a da próxima balsa. Nele - névoa, vento sul - agradecemos a sorte de nos termos juntado, como uma balsa que encosta em outra, nesses dias de grandeza do ínfimo, em Rio Grande. Chegou ele, tempo depois. Perdeu a balsa das 10 e nós ganhamos a força do vento que tudo modifica. Depois da levitação lenta do Luan, o vento desses quarenta minutos de travessia foi tão, tão frio, mas tão renovador e profundo que, ao desembarcar e andar pelas pequenas ruas, fizemos de cada instante um infinito.

Ruptura, re-invenção do simples, re-encantamento do mundo. Eis quando a Poesia surge. E é ali que ela nos toca e nos transforma. Vem de nós para nós. Vem do mundo para o mundo. Vem do infinito para o grão de pólen, para a gota da primeira chuva, para um mundo que precisa, cada vez mais, de coragem não para as grandes batalhas visíveis, mas para o brilho singular do orvalho na flor.

Antes, dois dias antes, o Ernande foi conhecer a Liga. Já meio encantado - coisa difícil de atingir nele - por uma experiência com asilo de idosos, Ernande relata assim seu olhar sobre a Liga - em texto que, completo, está no Rua Balsa das 10:

[Num local] fui informado, aconteceria a reunião da Liga de Educação em Saúde. Umas 15 pessoas reunidas e desculparam-se por ter ido pouca gente, pois estão em período de provas. Alguns já de férias, e viajaram para casa.

Como assim, disse eu espantado, tem mais gente do que isso?

Tem, disseram, hoje só veio metade.

Cada um se apresentou, contou sua história, como foi parar nesta Liga, como a Liga foi pensada e posta em prática. [...] uma coisa devo dizer: ninguém, como no lar dos idosos, obedeceu regras ou ordens de falas estruturadas e certinhas, como num "teatro"...

Primeiro espanto - a Liga nasceu da iniciativa dos próprios estudantes. Não foi da cabeça de um professor esquisito (no bom sentido). Estudantes inconformados com o modo de vivenciar a saúde no curso de Medicina tomaram a iniciativa de reunir outras pessoas para pensar saídas e soluções. Poderiam ter saído do curso, mas acreditaram que existe algo mais do que o modo hegemônico de fazer. Apostaram e outros foram se juntando. Bonito demais um depoimento, que não tenho certeza de quem e nem se foi exatamente assim, mas é a ideia: "eu vi na fala deles uma chance de entender o tipo de médica que eu queria ser." [...]

Depoimentos como esse foram se somando e fui entendendo mais e mais e mais. Inclusive o professor, que os acompanha uma vez a cada 15 dias, deu seu depoimento, riquíssimo, contando sua trajetória também inusitada até chegar à Liga.

Segundo espanto - só tinha estudante de Medicina na sala. Quando acontece uma reunião de pessoas para falar de Educação em Saúde é normal ser uma iniciativa multi[disciplinar]. Mas esta não era. E não era por um motivo muito simples: não conseguiram ainda construir essa possibilidade, não por desejo de estarem sós, mas por dificuldades em dialogar, em ser aceito pelos outros cursos. Entendo perfeitamente isso. A



gente (que não é médico ou médica) fica sempre com os dois pés atrás com médico ou estudantes de medicina. É como se tivessem o tempo todo que provar que estão bem intencionados.

Eu mesmo devo confessar que se soubesse que ia para um encontro apenas com estudantes de medicina pensaria mais de uma vez antes de aceitar. Mas que bom que fui enganado, pois assim pude desfazer (e desfazer é mais difícil que fazer e muitas vezes mais importante) uma série de conceitos que fui desenvolvendo em minha vida sobre o ser médico e médica. Há vida na medicina. Sempre soube disso, mas não conseguia encontrar nada além de exceções. Para mim a regra era sempre aquele profissional especialista em doenças que não via as pessoas.


Na verdade, isso é cada vez mais verdade para todos os profissionais de saúde e não exatamente para médicos. Mas algo está mudando e esse grupo é um exemplo do que vem por aí.

São esses os elementos da Liga de Educação em Saúde - LES, a primeira do Brasil. A única, ainda. A que se torna magia e voo quando sopra o vento. A que ganha um mar quando perde uma balsa. A que aposta, sem prepotência, na descrição de escutas e olhares atentos e amorosos, no "viver real das pessoas", nas incertezas gostosas que a surpresa do dia depara - e prepara, distraída.... essa ideia nos ronda, nos urge, nos diz: quebra logo essa lógica do óbvio, essa burrice da mesmice, esse assassinato lento das ideias e dos termos e conceitos tão cuidadosamente gestados e lançados ao mundo décadas atrás.

Aonde irá nos levar? O que iremos deixar? Que alegrias trará? Que tempo de viver terá? Quais filhos irão mesmo crescer?

Respostas sem dono, mas cheias de esperanças. Como mergulhados no mundo da saúde que somos - todos, administradores, mentores, autores, produtores, sonhadores - nossas metáforas e chavões irão nos invadir em sonhos e em vigílias. Iremos sim, no romper das cascas, azeitar as ferrugens, mexer com mindinho o timão da balsa, e deixar essas histórias destinadas a quem quiser navegar, se encantar ou só cantar.

Inspiradoras, as canções, as histórias, os afetos, os passos,

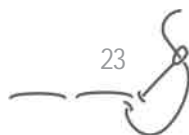


os retalhos coloridos da LES são unidos, manuseados, acarinhados, costurados e estão impressos em muitas velas. Parte do que agora se faz palavra, está no blog Rua Balsa das 10 - fácil de achar no Google - pequeno refúgio, ilha mágica nascida do vento frio e do voo lento do Luan. Também está no texto apresentado no VI Congresso de Ciências Sociais e Humanas em Saúde, "Do Espírito Simples da Saúde", que desvela a luz, a espiritualidade contida nas coisas mais simples e corriqueiras, como a poesia, como o encantamento dos amores; texto esse que ficará no blog que por fim criamos. E está aqui acima de tudo. Nessa fotografia em movimento. Esse filme em imagem eterna. Essa memória a muitas mãos e intuições. Essa singularidade de lideranças e participantes em diálogo e em ressonância.

As histórias da LES, as escritas aqui, as escritas na alma, as que estão por serem escritas, por serem vividas, descobertas, estão em muitos lugares. Estão em nossos corações e em nossas mais sinceras esperanças. Estão no tempo suspenso do passo que perde a balsa e ganha a Poesia. Se não fosse essa lentidão qual teria sido nosso rumo? No sorriso de quem olha pela janela, o quintal, o mar da Barra. As histórias da LES estão nas próximas páginas, nas próximas esquinas, nos próximos ventos e nos próximos retalhos coloridos que, juntos, fazem abrigo.

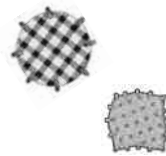
Quando ele, o vento, passar frio, não se assuste, é só um sussurro dizendo que bons tempos virão. Também não entristeça se alguém perder o trem, a balsa, o caminho, a hora. É só uma brincadeira do tempo, uma faceirice da vida que está dizendo que os melhores encontros ainda estão por vir e que, para uma grande história, grandes histórias, são necessárias as perdas, os enganos, os ventos, as lágrimas e, mais que tudo, o café passado na hora e um jeito bom de sentir que a conversa está só começando.

E se quiser conhecer um caminho do Ser Saúde, do Educar em Saúde, do Popular na Saúde - um caminho dos muitos possíveis, nem melhor nem pior, nem mais simples nem menos valioso, talvez mais difícil e lento... E talvez atrelado ao mundo singular de Rio Grande e arredores - chegue ao livro, chegue aos jovens que o escreveram, chegue à LES ou, se for ousado o



suficiente, percorra as estradas de Rio Grande, de São José do Norte, da Barra, da Lagoa dos Patos, da Ilha dos Marinheiros, da Ilha da Totorama, ou da Lagoa do Estreito. Porque lugar é também vento. E o vento se faz tempo na forma como neles - os jovens, os professores, as pessoas queridas da comunidade - encontram seus caminhos e aprendizados, formas leves de Ser Poesia na Saúde, através da Saúde, a partir da Saúde e como forma de Tempo de Possibilidade. Ainda há possíveis caminhos de médicos que se transformam e transformam. Que aprendem a inventar e enxergar a Poesia no mundo e nas pessoas. Que criam; e, ao criar, espalham. Simples, como o papel das florações no fim dos invernos.

Haveria mais que contar. A visita, curtinha, com final de cantos na casa da Mayara e ônibus gelado para Pelotas, rendeu processos e produtos que não parecem dar sinal de fim. Amores perduráveis, belezas de textos, atitudes renovadas, empurrões amáveis, carinhos de vento gelado. Mas paramos por aqui. Porque prefaciar é não roubar a cena. Abrir alas, anunciar, ser arauto simples e espantado. E isso somos; nós três. E agradecemos pela colcha de retalhos de sonho, vento e Poesia. Colcha é também vela, enchida pelo vento.

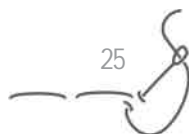


A história que (ainda) não foi contada...

Tarso Pereira Teixeira

O início poderia ser uma história sobre a reforma sanitária e os movimentos pela educação em saúde. Mas vamos contar esta história de um ponto de vista mais intimista. Durante a minha graduação em medicina, participei de uma atividade de extensão denominada PAID (Programa de Apoio Integral ao Diabético). Neste programa, havia atividades de educação em saúde, na tentativa de melhorar a adesão ao tratamento de pacientes com diabetes melitus. Mesmo tendo um enfoque centrado em uma doença, o cuidado integral às pessoas me chamou a atenção para as dificuldades de adaptação das pessoas frente a este agravo em saúde. Após a graduação, ingressei na residência em Medicina de Família e Comunidade do Centro de Saúde - Escola Murialdo, em Porto Alegre. Vivenciei um mundo diferente daquele da graduação, o envolvimento com atividades multiprofissionais era uma constante, e a educação em saúde uma tarefa diária e de difícil visualização.

Nesta época, durante o segundo ano de residência para ser mais específico, eu e duas residentes, de nutrição e de psicologia respectivamente, criamos um grupo de pacientes com diabetes. Os convidados eram pessoas com esta doença as quais eu acompanhei durante o primeiro ano. As reuniões eram semanais e cada semana havia um responsável pelas atividades. Ao final do ano, não houve resultados estatisticamente significantes quanto à redução de peso ou ao valor da glicemia capilar (o famoso HGT). Porém, ao conversar com as pessoas



que foram o alvo do grupo, o resultado não poderia ter sido melhor. Todos estavam cientes do que faziam de errado, do que faziam certo e estavam mais motivados a tentar em algum momento mudar o seu padrão de vida. Havia um clima de alívio entre os participantes, de que dependia apenas deles uma melhora em suas vidas, mas que isto não era nada fácil e que, só o fato de estarem tentando, já era uma vitória. Isto me trouxe mais motivação para seguir nesta tarefa árdua, pouco reconhecida pelos pares, mas extremamente gratificante ao ver uma pessoa conseguir se libertar do medo da doença e do que ela pode causar, mesmo que ela não consiga mudar sua vida naquele momento. E que a troca era mais importante do que ensinar algo a alguém. O que as pessoas queriam era serem mais escutadas do que ensinadas.

Após a residência estar concluída, resolvo retornar a Rio Grande e continuar o trabalho pelo qual me preparei. Fiz mestrado, entrei na Faculdade de Medicina, entrei na Estratégia Saúde da Família da cidade e, mais tarde, na Faculdade de Medicina da FURG. Não foram poucos os desafios: desconfiança sobre a especialidade, a falta de estrutura física de algumas Unidades de Saúde, o ensino médico centrado quase exclusivamente no hospital. Mas também não faltaram colegas, pacientes e familiares que me mantinham com força para seguir em frente. Neste período, fui convidado a dar aula em uma disciplina com o nome Relação Médica, elaborada por professores da Faculdade que tinham uma visão que ia muito além da maioria. Esta se mostrou uma disciplina muito interessante, com uma definição difícil, múltiplas tarefas e desconfiança por parte de muitos colegas. Nela, ministravam-se conceitos de psicologia médica, saúde pública, relação e comunicação médico-paciente, clínica, pediatria, sociologia, antropologia e atendimento às urgências e emergências. Mas o mais polêmico era a prática: inserir o estudante de primeiro ano de medicina em uma Unidade Básica de Saúde da Família e acompanhar um médico de família, uma equipe de enfermagem e os agentes comunitários de saúde em suas práticas, além de adotar uma família durante um ano. Tarefa árdua, com muitos problemas, críticas, erros, mas também com muitos acertos. Entre os acertos certamente está o de incomodar. Não são

poucos os estudantes, colegas docentes e médicos que todo ano perguntam: afinal, o que esta prática quer dizer? Por que escutar as queixas das pessoas em suas casas? Se o sistema tem problemas, o que eu tenho a ver com isto? Como vou poder lidar com o sofrimento alheio, se não consigo lidar com o meu próprio sofrimento? Perguntas difíceis de serem respondidas em aulas teóricas para setenta alunos, ou em discussões de uma hora por semana, com tarefas a serem executadas. Mas já que esta disciplina incomodava, e acredito que por esta razão, um grupo de seis alunos resolveu me procurar e pedir para formar uma Liga Acadêmica que abordasse o tema da Educação em Saúde, tema este que havia sido uma das aulas teóricas ministradas nesta cadeira. Uma longa história começaria.

Ao ser feito o convite, percebi que o incômodo daqueles estudantes estava resultando em uma atividade nova e que a biologia não respondia mais a todas as angústias. Enfim, o resultado de alguns anos de prática nas casas das pessoas causou motivação para buscar aprender mais. O objetivo que era fazer os alunos ficarem inquietos deu certo. Muitos acabam optando por evitar esta prática. Afinal de contas, é diferente lidar com uma pessoa doente em uma cama de hospital. Ela tem medos angústias, tristezas, mas sempre há o diagnóstico e a terapêutica desafiante. Já no domicílio, nem sempre é assim. No domicílio, muitas vezes o diagnóstico já foi estabelecido e a terapêutica está sendo realizada bem ou mal. Muitas vezes, o que sobra é lidar com aquelas angústias, tristezas e medos dos pacientes, além de um contexto social quase sempre desfavorável. Ou seja, apesar de ser fundamental na prática médica, acaba por não ser atrativo. Porém, alguns alunos conseguem entender que pode haver algo bonito, importante e intrigante no processo de comunicação com pessoas que vivem uma realidade distinta da sua, e isto os faz buscar mais informações. Mas o desafio seria como realizar esta tarefa, já que ela não havia ainda sido realizada na graduação em medicina. Como aproveitar as atividades realizadas até então como prática em extensão para a medicina? Faríamos atividades multiprofissionais? Como atrairíamos nossos colegas para este desafio? Será que conseguiria mostrar todas as faces da educação em saúde, sem estereotipias?

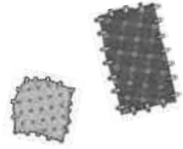


Desta forma, iniciou-se uma atividade inédita nesta Faculdade de Medicina do extremo sul do país. Esta Liga com o passar dos anos foi adquirindo características semelhantes ao seu tema principal, a educação em saúde: encantadora, criticada, mal entendida, elogiada, desafiante, gratificante. Já foi apelidada de “Liga do Bem”, já trouxe momentos de reflexão e de reconstrução, mas, no final, os resultados mostram que o conhecimento do ser humano para além da sua biologia é fundamental para o adequado ensino médico. Não se podem formar bons profissionais sem que os mesmos entendam como as pessoas vivem em seus mundos, e que estes mundos podem ser (e são diferentes) de quem lhes está atendendo. Este é um dos principais ganhos desta Liga: entender ao outro e a si próprio, trabalhar nossas fraquezas e nossas fortalezas e, acima de tudo, superar desafios com técnica e paciência.

Durante estes quatro anos, por várias vezes a palavra desistência rondou a nossa prática. Ela se deveu muitas vezes por conta do chamado “currículo oculto”, ou seja, aquele proferido nos corredores da faculdade. Frases como “não leva a nada”, “não é medicina”, “não aumenta nota da prova” e “perda de tempo” infelizmente foram proferidas várias vezes, por estudantes e alguns professores, fazendo muitos futuros médicos evitarem a Liga de Educação em Saúde. Mas isto faz parte de qualquer cenário de mudança de paradigmas e, portanto, tínhamos que estar preparados para as dificuldades. A motivação e os resultados obtidos durante as práticas na Barra, Asylo, EJA, CAIC e UBSF, além das discussões nas quintas à noite, fortaleciam aqueles que estavam participando e apaixonavam os que não acreditavam. Em alguns momentos, as discussões da prática mais parecem terapia de grupo e, inegavelmente, acabam muitas vezes sendo mesmo. O mais interessante é que as angústias, medos, expectativas e frustrações dos estudantes também acabaram sendo discutidas, inclusive sobre própria prática curricular. Desta forma, o que estava repleto de dificuldades, tornou-se algo apaixonante e cheio de sentido, de troca, de “ensinagem”. Este termo, proferido por Paulo Freire, relata o processo de ensino em conjunto com o da aprendizagem, ou seja, você ensina aprendendo e aprende ensinando. Isto encantou a todos e fez com que várias pessoas nas comunidades

assistidas por estes extensionistas ficassem encantadas.

Portanto, nada teria sido possível sem o entusiasmo destes futuros médicos que, tenho certeza, serão muito mais do que pretendem as Diretrizes Curriculares do Ensino Médico. Um professor pode e deve ser um facilitador de boas ideias, e é isto que procurei fazer ao longo destes anos. Procurei observar, auxiliar, mas, acima de tudo, tenho conseguido aprender e voltar a me entusiasmar com a prática médica e docente, apesar das barreiras muitas vezes imposta. A nossa sociedade tem implantado a idéia de que o médico idealiza apenas atender em um consultório luxuoso, realizar procedimentos super especializados e que isto é sinônimo de status e dinheiro. Algumas vezes, parece que isto até é verdade, mas, se devidamente incomodados, os futuros médicos mostram que, querem saber lidar melhor com este ser humano tão complexo e gostam de conhecer não só o somático, mas também o seu contexto psicológico e social. Isto não quer dizer que este médico não possa realizar exames sofisticados, mas ele não esquecerá de que, por trás do exame, há um ser humano sendo examinado e que este ser tem uma complexidade que necessita ser conhecida e trabalhada. Fica meu convite para ler as próximas páginas. Espero que as experiências aqui contidas consigam também entusiasmar outros colegas da área médica, e de outras áreas da saúde, tanto quanto fez comigo, para seguir em frente e melhorar a nossa tão gratificante e bonita prática.



Introdução - Lado B

Arnildo Dutra de Miranda Júnior e Mayara Floss

"Escolho meus amigos não pela pele ou outro arquétipo qualquer, mas pela pupila. Tem que ter brilho questionador e tonalidade inquietante. / A mim não interessam os bons de espírito nem os maus de hábitos. / Fico com aqueles que fazem de mim louco e santo. / Deles não quero resposta, quero meu avesso. / Que me tragam dúvidas e angústias e aguentem o que há de pior em mim. / Para isso, só sendo louco. / Quero os santos, para que não duvidem das diferenças e peçam perdão pelas injustiças. / Escolho meus amigos pela alma lavada e pela cara exposta. / Não quero só o ombro e o colo, quero também sua maior alegria. / Amigo que não ri junto, não sabe sofrer junto. / Meus amigos são todos assim: metade bobeira, metade seriedade. / Não quero risos previsíveis, nem choros piedosos. / Quero amigos sérios, daqueles que fazem da realidade sua fonte de aprendizagem, mas lutam para que a fantasia não desapareça. / Não quero amigos adultos nem chatos. / Quero-os metade infância e outra metade velhice! / Crianças, para que não esqueçam o valor do vento no rosto; e velhos, para que nunca tenham pressa. Tenho amigos para saber quem eu sou. / Pois os vendo loucos e santos, bobos e sérios, crianças e velhos, nunca me esquecerei de que "normalidade" é uma ilusão imbecil e estéril." - Oscar Fingal O'Flahertie Wills Wilde.

Uma introdução é um início, um começo, aqui vamos deixar os nossos primeiros passos na criação da Liga de Educação em Saúde (LES). Éramos um grupo de uns seis acadêmicos de medicina descontentes com as nossas vivências na universidade. Faltavam algumas coisas no que víamos na prática: amor, cuidado, sentimento. Parecia que tudo era mecânico. Sabíamos uma belo discurso sobre como devia se cuidar da saúde e os pacientes.

Mas um discurso, é apenas um discurso sem a prática.

Nos questionávamos, inclusive, se estávamos no lugar certo, se a medicina era para nós. Não cabíamos (e acreditamos que até hoje não nos enquadrados bem) na lógica da faculdade, no sentido atual da própria medicina.

Nos encontrávamos em um primeiro ano de curso, cheios de curiosidade, medos e anseios. O desejo de sermos bons profissionais, era sem dúvida uma unanimidade entre o grupo. Segundo o pensamento coletivo, deveríamos sentar nossas “nádegas” em uma cadeira e estudarmos pilhas e mais pilhas de livros imensos de fisiologia, anatomia e muitos outros. Por outro lado, víamos profissionais muito qualificados, com um domínio profundo da técnica de diagnóstico e condutas, os quais nos serviam como ídolos. Contudo após uma consulta, víamos os pacientes mais perdidos do que quando chegavam, com grandes diagnósticos e respostas biomédicas, mas que muitas vezes não compreendiam do que se estava falando nem o que estava acontecendo com o próprio corpo. Por outro lado, os médicos não se preocupavam se o paciente, por exemplo, poderia comprar aquele remédio. O fígado, o pâncreas, o diagnóstico eram mais importantes do que a pessoa que estava na nossa frente.

E depois, disso tudo, ainda nos sentíamos “fracassados” ao visitar aqueles pacientes, conversar com eles e descobrir que mesmo com a hipertensão, o diabetes, e as suas doenças, eles não seguiam os tratamentos. Começamos a pensar “tem alguma coisa errada aqui!” ou “não era bem isso que eu queria fazer quando entrei na faculdade”. Enfim, parecia que estávamos (e provavelmente estamos) contra a maré.

Assim, em 2010 “perdidos” no curso de medicina da Universidade Federal do Rio Grande, algumas coisas nos aproximaram entre músicas, violão e grandes discussões (no ônibus) do nosso primeiro ano de faculdade. Ali por agosto, no começo do segundo semestre, sentamos e decidimos que não ficaríamos apenas nas reflexões, decidimos por as coisas “em prática”.

Primeiramente, conversamos com os nossos colegas e falamos das nossas ideias e aí juntamos aquelas seis pessoas para



iniciar o processo em “termos mais práticos”. Mas, o primeiro desafio foi encontrar um professor, que ao longo dos anos não tivesse se perdido no meio de tanto academicismo, que não tivesse esterelizado os seus sentimentos.

Conhecíamos poucos professores e tudo era um tanto assustador, mas precisávamos escolher alguém que abrisse uma fresta na porta da faculdade para as nossas ideias. Então o professor Tarso apareceu para dar uma aula na disciplina de “Relação Médica” e bem, ele parecia ser um “cara legal”. Ficamos esperando no final da aula para falar com ele e, milagrosamente, ele aceitou participar da primeira reunião daqueles alunos do primeiro ano e cheios de ideias.

Como ele mesmo já falou várias vezes, naquele momento ele pensou: “Vamos ver o que esse pessoal está pensando, vai que dá certo”. O grupo ainda não tinha nome, mas éramos unânimes no fato de querermos ir para a comunidade, o que significava vivenciar a prática. Se dependesse de nós, na semana seguinte já estaríamos começando as atividades. Acho que ele também deve ter ficado preocupado com a nossa determinação, porque se ele não abraçasse nossa causa, iríamos de qualquer maneira por nossos “planos” em prática.

Ele falou: “bom pessoal, não é bem assim” e explicou que seria importante termos alguns textos base para não chegarmos “crus” na comunidade. Ainda bem, acatamos com facilidade a ideia. Inicialmente pretendíamos conversar mais com a comunidade para tentar compreender o que eles falavam sobre a doença, ajudar na adesão ao tratamento, enfim não eram os principais princípios da Educação Popular (EP), nos perguntávamos, aliás, mal sabíamos o que era isso, desde já tínhamos a intenção de ouvir e compreender, a identificação com a “EP” aconteceu algum tempo depois.

No final da reunião, pensamos “já que somos alunos de medicina vamos montar uma Liga”, mal sabíamos também o que isso significava, juntamos as palavras “Educação” e “Saúde” e primeiramente ficou “Liga de Educação e Saúde”, mais tarde transformamos em “Liga de Educação em Saúde”. Bom, e tudo

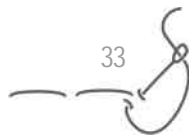
surgiu assim, em um certo mês de agosto, no final do inverno, e prevendo uma primavera.

Começamos com reuniões semanais para o “mês” de preparo. Isso aconteceu entre agosto e setembro de 2010, discutimos alguns textos que o Tarso trazia e que ajudaram a moldar o começo da Liga de Educação em Saúde, que carinhosamente, chamamos de LES. E que sempre acabamos ouvindo a piadinha de algumas pessoas que a sigla significa Lúpus Eritematoso Sistêmico (uma doença reumatológica) e não Liga de Educação em Saúde.

Mas é possível imaginar o quão poderia ter dado errado, não consolidando o nosso projeto, isso é algo que pensamos constantemente, tanto que as primeiras reuniões foram uma pequena amostra das dificuldades que estavam por vir, e claro dos sucessos. Várias vezes, já pensamos “vai acabar” ou “estamos muito cansados para continuar”, mas sempre aparece um novo “fôlego”, certas vezes a própria comunidade que não permitiu que nós deixássemos o “barco”. Foram idas e vindas de muito trabalho e esforço, que acabaram consolidando de vez o projeto proposto.

Então, depois de um mês, com reuniões semanais, fomos articulando com o Centro de Atenção Integrado da Criança (CAIC) do Carreiros que tinha turmas noturnas de Educação de Jovens e Adultos (EJA), para começarmos a desenvolver nossas atividades com o EJA. Fomos muito bem acolhidos, e a primeira reunião foi marcada no dia sete de outubro de 2010. A quinta-feira fatídica.

Acho que nessa noite o Tarso pensou: “Ou eles abraçam ou eles saem correndo”. Estávamos nos preparando para a nossa primeira reunião, cheios de ideias e ideais. Nosso plano era “puxar uma conversa”, porque já tínhamos desde o começo na nossa cabeça que não iríamos fazer “palestras” e que isso, segundo nossa opinião, não servia para quase nada. Sempre discutimos que mal suportávamos nossos professores com seus slides e que a tela preta no fim da aula, às vezes, é um alívio. Queríamos conversar com aquele grupo de EJA, quer era composto por uma faixa etária ampla de jovens até idosos.



A diretora do CAIC nos levou para uma sala bem grande, que possibilitava a disposição das cadeiras em forma de círculo, aquelas cadeiras brancas de plástico, bem simples. Fomos sem jaleco (quase dá para dizer, sem armadura, uma das primeiras coisas que colocam na cabeça de um acadêmico de medicina que você sempre deve estar de jaleco, além de usar para manter a higiene, para também se “distinguir” das outras pessoas), organizamos as cadeiras em forma de círculo, em cujo sentamos no meio “misturados” entre a comunidade, e ficamos apreensivos aguardando os alunos do EJA chegarem. Também fizemos uns cartazes para ir preenchendo com a comunidade com as seguintes frases: “O que é saúde?”, “Porque eu vou ao médico?” e os “temas” que seriam escolhidos para as próximas reuniões. Pela porta entraram cerca de vinte alunos timidamente, caminhando até o círculo de cadeiras e nos olhando desconfiados. Estávamos nervosos. Quem éramos nós? Seis alunos do primeiro ano do curso de medicina descontentes com as nossas vivências que queriam conversar com a comunidade.

Começamos com uma dinâmica que já é um “clichê” nosso para nos apresentarmos, já a praticamos várias vezes, mas neste grupo, foi a primeira vez. Esta prática em entregar um palito de fósforo para cada participante e, enquanto o palito queima a pessoa deve se apresentar. A apresentação foi divertida e houve um pouco de constrangimento, mas ajudou a quebrar aquele “gelo” inicial. Então começamos a questionar: “o que é saúde?”, as respostas foram muitas: realizar todo o calendário vacinal, viver em um ambiente saudável (no meio da discussão foi levantada a questão do que seria um ambiente saudável que segundo eles, deveria ser limpo, sem animais, com o lixo no lugar certo, com saneamento básico), ter hábitos de higiene, realizar exames preventivos, não utilizar drogas, ter educação, fazer atividades que deem prazer e bem-estar. Aos poucos, percebemos a construção daquele conceito que aprendemos no primeiro dia de aula: que saúde é o tal bem-estar biopsicossocial e não só ausência de doença.

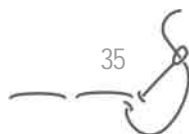
Até aqui tudo bem, porém quando perguntamos: “Porque vou ao médico?”, a reunião, tornou-se o que podemos chamar de

tenha. Logo que o grupo começou a se “soltar” na reunião todos foram se sentindo mais à vontade para se expressar, e bem, aí está uma grande questão da Educação Popular, todos tinham voz e vez. O começo foi bom, eles começaram falando que não iam ao médico porque não queriam descobrir doença. Mas, então, um jovem falou “tu chega lá e o médico nem te olha na cara, dá uma receitinha e te manda embora” ou uma senhora que disse “ia lá e ficava esperando horas, enquanto os médicos ficavam tomando cafezinho e dando risada em numa sala e minha irmã passando mal”. E, bem, os outros estudantes começaram a concordar e dar mais exemplos.

E nós tentando consertar: “Somos só alunos do primeiro ano... queremos ser diferentes...”. Até que perguntaram enfaticamente: “Por que vocês estão fazendo medicina? É pelo dinheiro?”. Neste momento, olhamos um para o outro e cada um falou um pouco: “É porque queremos ajudar”, “Porque gostamos de pessoas”... Por fim, eles começaram a nos aconselhar: “Não vão ficar mais velhos e não olhar nos olhos dos pacientes”, “Têm que aprender a conversar direito”. Também, tentamos explicar como é estressante a rotina e que às vezes um café cai bem. E, bem, o professor Tarso estava quieto, só observando. Depois ele esclareceu sobre os tipos de médicos, as dificuldades, o dia-a-dia, e etc.

Foi engraçado, que na reunião seguinte, tínhamos que nos apresentar (com o palito de fósforo novamente - como vocês podem perceber nossa variedade de dinâmicas era estreita) e tínhamos que falar de coisas que gostávamos de fazer e foi muito legal, quando descobrimos que gostávamos das mesmas coisas, por exemplo, comer, dormir, tocar violão. E eles ficaram impressionados que nós não éramos robôs universitários de jaleco branco. Que tínhamos vidas diferentes, porém de certa forma éramos iguais e humanos.

Voltando à primeira reunião, definimos os temas para abordar nas próximas reuniões. Sim, reconhecemos que não foi a reunião perfeita, mas foi perfeita no momento. Aquela reunião ocorrida naquele dia foi de certa forma um choque, e sentamos e tivemos que discutir muito sobre o que estávamos pensando. Se



estávamos seguindo o caminho que queríamos, e acreditamos que foi ali, depois da reunião, exaustos e perplexos, sentados em círculo que realmente nasceu a LES e decidimos continuar, afinal a EP e a vida não são um mar de rosas.

Ao longo das próximas reuniões, fomos ganhando mais confiança, a comunidade foi nos apoiando e também confiando na gente. Cada vez os relatos se tornavam mais profundos, carregados de sentimento, e nós falávamos da nossa vida acadêmica também. Estávamos “trocando” experiências e não impondo ideias ou conceitos próprios, e discutindo sobre saúde. Começamos a criar nossas analogias de explicação para as dúvidas, estudar os temas propostos. E nas reuniões teóricas estudar também Paulo Freire, Eymard Vasconcelos, construindo as bases de uma bibliografia.

Certamente, há muitas histórias boas neste primeiro ano de LES, no final das reuniões, com o passar do tempo, já no fim do ano, todos nos ajudavam a organizar as cadeiras, chamavam-nos pelo nome, nos conhecíamos e respeitávamos. No final do ano, foi com tristeza e alegria que concluímos o primeiro ciclo da liga, uns passando para o segundo ano do curso de medicina e outros concluindo o curso do EJA.

Em 2011, já estávamos no segundo ano, recebendo os calouros e apresentando o projeto da LES, com o objetivo de saber se tinham novos interessados, porque no final do ano, já havia algumas dissidências. E, bem, conseguimos “reforçar o time”, organizamos reuniões “introdutórias” para discutir os textos, e a nossa ideia, apesar de tímida para os padrões, começava sua expansão paulatinamente. Nós com a nossa pouca base, já estávamos orientando os novos integrantes.

Nossa luta contra a maré continuava, tentávamos ao máximo fazer propaganda do nosso projeto para os calouros, mas era sempre uma dificuldade, porque não tínhamos mega atividades, com procedimentos especializados. Mas tínhamos vivências, pessoas, contato humano (algo difícil de mensurar e explicar). Então, criamos formas de atrair estudantes para o projeto fazendo dinâmicas ou discursos mostrando toda nossa

empolgação; valia tudo. Nunca limitamos as entradas no projeto, se havia alguém a fim de participar estava dentro, bastava participar das reuniões teóricas e das práticas. Este era o desafio.

A nossa forma de seleção era na base da resistência, quem permanecesse era porque realmente tinha encontrado um sentido no projeto. Isso em alguns momentos também se tornou um problema, porque no início do ano tínhamos 60 pessoas no projeto, que ao longo do tempo foram desistindo, deixando, muitas vezes, outros colegas na mão ou prejudicando as atividades com a comunidade. No final, em geral, terminamos com cerca de 20 participantes. Mas mesmo com a dificuldade nunca encontramos forma melhor de seleção, muitas vezes pensamos (e tentamos) criar entrevistas, fazer reuniões obrigatórias e a regra era que a pessoa que faltasse estaria fora do projeto, mas nunca deu certo, sempre acabávamos aceitando aqueles que tinham força de vontade e interesse. A educação bancária da universidade já era suficientemente autoritária para nós a utilizarmos também.

A LES foi se construindo conforme o passar do tempo, se adaptando, mudando os assuntos, os enfoques, conforme amadurecia também em termos de projeto. E essa remodelagem continua até hoje. Cada integrante tem a sua influência, todos são iguais, mesmo o professor ou o residente se colocam sem hierarquias. E essa ideia se expande para as comunidades nas quais atuamos, somos iguais e essencialmente humanos como o próximo.

O ano seguiu com as atividades no EJA do CAIC e tentamos iniciar um grupo com idosos na Unidade Básica de Saúde da Família da Castelo Branco (UBSF). Porém, diferente do grupo do EJA, que estava evoluindo bem, na UBSF queríamos criar um grupo para os idosos participarem, e não nos inserirmos em alguma atividade já existente na comunidade. Ainda estávamos amadurecendo, e esse grupo (que já adiantamos não se desenvolveu bem) foi fundamental para esse crescimento, nos obrigou a buscar mais conhecimento para compreender a péssima adesão dos idosos.

<p>Como ocorre a ereção?</p> <p>a) <i>Porque os vasos sanguíneos do pênis recebem mais sangue e o "trancam" ali dentro.</i> b) <i>Porque o músculo do pênis contrai.</i> c) <i>Porque só assim é possível engravidar.</i> d) <i>Porque o pênis tem um osso por dentro.</i> e) <i>Nenhuma das respostas anteriores.</i></p>	<p>Sobre o uso de camisinha é correto afirmar:</p> <p>a) <i>O ideal é o uso de duas camisinhas masculinas para o caso de alguma estourar.</i> b) <i>Só deve ser colocada na hora da ejaculação.</i> c) <i>Deve-se usar camisinha masculina e feminina durante a relação.</i> d) <i>Pode ser utilizada em mais de uma relação sexual.</i> e) <i>Nenhuma alternativa anterior.</i></p>
<p>Sobre sexo anal sem preservativo:</p> <p>a) <i>Não oferece riscos nem transmite doenças.</i> b) <i>Pode ser uma maneira de engravidar.</i> c) <i>Não transmite DST.</i> d) <i>Não deve ser feito sem camisinha pelo risco de DSTs, lesões e outras infecções.</i> e) <i>Deve ser feito sempre no lugar do sexo vaginal, pois assim não se engravida e não se transmite DSTs.</i></p>	<p>Camisinha serve para prevenir:</p> <p>a) <i>Gravidez</i> b) <i>DSTs</i> c) <i>Gravidez e DSTs</i> d) <i>Somente AIDS</i> e) <i>Dor</i></p>
<p>Os sintomas de uma DST <u>só</u> aparecem na parte externa dos genitais?</p> <p>a) <i>Sim só aparecem de uma forma feia na parte de fora da vagina e do pênis.</i> b) <i>Qualquer DST só aparece por fora (externamente)</i> c) <i>As DSTs podem tanto causar lesões e doenças externamente nos genitais, quanto internamente.</i> d) <i>Só aparecem por fora se a pessoa tiver azar.</i> e) <i>Não aparecem na parte externa.</i></p>	<p>O canal por onde sai o xixi na mulher é...?</p> <p>a) <i>É o mesmo por onde se tem a relação sexual.</i> b) <i>É o mesmo por onde desce a menstruação.</i> c) <i>É o mesmo por onde nascem os bebês.</i> d) <i>É um canal diferente que só sai xixi, existe outro canal por onde se tem a relação sexual e nascem os bebês.</i> e) <i>Só existe um canal para se fazer relação, nascer bebês e xixi.</i></p>
<p>Quando eu devo utilizar anticoncepcional oral?</p> <p>a) <i>Antes da relação.</i> b) <i>Depois da Relação.</i> c) <i>Diariamente com horário fixo e parar na época certa conforme a explicação do médica/enfermeira.</i> d) <i>De vez em quando.</i> e) <i>Quando menstruar.</i></p>	<p>Sexo oral sem uso de preservativos:</p> <p>a) <i>Não oferece riscos, pois não há transmissão.</i> b) <i>Só oferece risco para o homem</i> c) <i>Só oferece risco para a mulher</i> d) <i>Pode oferecer riscos e transmitir doenças tanto para o homem quanto para a mulher</i> e) <i>Deve ser evitado na menstruação</i></p>

Quadro 1. Questões do QUIZ sobre sexualidade realizado junto com os alunos do EJA-CAIC.

Entretanto, refletindo hoje, nós achávamos que estávamos fazendo algo maravilhoso, porém devia ser terrível para os idosos saírem de casa e se mobilizarem em uma sexta-feira à tarde para discutir saúde com acadêmicos de medicina. Reconhecemos que a estratégia foi péssima. A nossa impressão era que os idosos estavam fazendo uma extensão das consultas médicas da UBSF e tentavam ocupar o tempo para cada um falar de suas próprias queixas, competindo para ver quem tinha mais dores, usava mais remédios ou tinha mais doenças. Porém, nunca tínhamos lido sobre diagnóstico de campo, ou coisas do gênero.

Para não falar que o grupo foi um fracasso total, nós conseguimos fazer várias reuniões interessantes, uma em especial foi o “bingo da saúde” na qual colocamos cartões com vários desenhos, por exemplo “família”, “coração”, enfim, englobavam os aspectos, familiares, sociais e culturais dos idosos. E aí foram distribuídas as cartelas, que indicavam através dos desenhos, e quem ao sorteio da ficha do bingo tivesse na sua cartela, o “coração”, por exemplo, poderia falar sobre o que a imagem remetia. Este procedimento acabou organizando e dando voz para todos os idosos. Além disso, havia a animação geral do pessoal ao receber os brindes que consistiam em materiais para cuidado e higiene pessoal. Assim, os idosos conseguiram compartilhar suas histórias e vivências. Foi um grande passo para aquele grupo, mas no final do ano se tornou inviável continuar com as atividades, devido ao nosso pouco vínculo e por questões de horário também (a agenda sempre foi algo difícil de conciliar na LES).

O grupo do EJA também seguiu muito bem, foi feito um grupo de adolescentes da sétima série com idade de 12 até 16 anos para trabalhar com sexualidade, um acordo entre a coordenação do CAIC e a LES. Era a turma de alunos repetentes de anos anteriores, mesclados com alguns alunos que estavam acompanhando as aulas no ano certo. Ou seja, uma turma bem heterogênea. Como começamos a ficar “bons” em dinâmicas inventamos mais uma, dessa vez o QUIZ da sexualidade (Quadro 1). Com várias perguntas que tentavam aproximar-se da linguagem dos adolescentes que já conhecíamos das reuniões anteriores. E nós, que tínhamos quase a mesma idade que os



adolescentes, estávamos tentando discutir sexualidade, o que podemos assegurar que no começo não foi fácil. Com o tempo fomos nos conhecendo e criando mais vínculo, e aí então foi feito o QUIZ da sexualidade e para encerrar as atividades do ano inventamos um tabuleiro com atividades para os alunos fazerem, conforme iam avançando nas casas. Construímos um dado gigante, eles se dividiram em meninos versus meninas e no final de cada rodada em que as atividades eram cumpridas, eles ganhavam um brinde que variava desde camisinha até pipocas.

Com o tempo fomos nos conhecendo e criando mais vínculo, e aí então foi feito o QUIZ da sexualidade e para encerrar as atividades do ano inventamos um tabuleiro com atividades para os alunos fazerem, conforme iam avançando nas casas. Construímos um dado gigante, eles se dividiram em meninos versus meninas e no final de cada rodada em que as atividades eram cumpridas, eles ganhavam um brinde que variava desde camisinha até pipocas.

Uma coisa que marcou, é que no dia nós estávamos cansados, tínhamos construído todo o tabuleiro em um papel pardo, e acabamos esquecendo de fazer os peões. Mas estávamos na esperança de inventar alguma coisa na hora (o tal do improviso), então quando eles se dividiram entre meninos e meninas, eles colocaram os estojos deles para representar cada grupo, as meninas um estojo rosa e os meninos um estojo preto. Uma coisa que de certa forma regeu um pouco as nossas atividades foi a nossa criatividade e a intuição em seguir por determinados caminhos, como montar um tabuleiro para discutir sexualidade ou um bingo sobre a saúde. Um aspecto interessante é que nunca julgamos ninguém capaz ou incapaz de compreender qualquer coisa, mesmo o que aprendemos na faculdade, a questão era sempre tentamos tornar isso o mais acessível possível levando inclusive nossos livros e bibliografias utilizadas na faculdade, usando o princípio que todos podem aprender. Os resultados sempre foram positivos.

A educação popular é também palco de improvisos. E foi assim que fechamos o ano de 2011, com uma bagagem maior. O ano de 2012 começou bem, mais alunos participando e,

novamente muitos desistindo, inclusive, alguns que nos quais víamos muitas perspectivas da Liga, porque sempre fomos um trabalho sem fundos monetários, a não ser os nossos próprios.

Esta peculiaridade acaba fazendo com que muitos alunos optem por outros projetos que possam, por exemplo, obter uma bolsa remunerada, ou então optando por dar mais atenção ao curso, visto que o segundo ano de nossa faculdade é um dos mais complicados. Mas sempre tem os persistentes, e o ano de 2012 foi um misto de persistência e novos começos.

Neste período, Iniciamos o trabalho no EJA novamente, porém havia trocado a direção, os alunos se formado e muitos professores tinham saído, o que configurava o trabalho começar novamente do zero. O grupo dos idosos da UBSF foi encerrado e o grupo de jovens do CAIC se tornava praticamente inviável, pelo período de aulas serem pela manhã e pelo fatos de conciliar alunos de turmas e anos diferentes. Neste momento, surgiu a possibilidade e a ideia de iniciar as atividades no "Asylo dos Pobres", uma instituição filantrópica de Rio Grande, a mais antiga do Estado (como muitas coisas em Rio Grande), fundada em 1885. O Asilo abriga idosos institucionalizados, alguns por vontade da família, outros por ordem judicial e outros ainda por não terem condições de se sustentar ou viver mais em suas próprias casas.

Podemos citar como uma das grandes dificuldades enfrentadas no ano de 2012, foi além da reestruturação das atividades práticas, a conjuntura da universidade. Foi um ano de greve, tanto dos professores como dos técnicos e estudantes universitários. Tivemos que interromper as práticas no EJA, e recém tínhamos iniciado o trabalho de vínculo com os idosos do asilo. Foram mais de três meses de greve, o que deixou todo o cronograma alterado. No EJA, as aulas voltaram no final do semestre letivo da escola impossibilitando o seguimento do trabalho. E no asilo os extensionistas que participam da LES e ficaram na cidade continuaram visitando os idosos e mantendo as atividades de vínculo, o que permitiu uma aproximação mais fácil do grupo e uma certa continuidade das atividades.



Podemos afirmar, no entanto, que as reuniões teóricas foram abaladas, inclusive o planejamento. Um fato interessante sobre o início das atividades do asilo é ressaltado através da atividade dos integrantes da LES, os quais fizeram algumas reuniões, delimitando atividades prontas, organização do grupo e cronograma. Entretanto, ao chegar no asilo, sofremos uma verdadeira decepção, porque os asilados mal conversavam entre si, o que, sem dúvida, inviabiliza qualquer atividade de grupo. Imagine realizar uma atividade em grupo, sob estas circunstâncias! Isso se tornou um verdadeiro obstáculo, era paradoxal imaginar que pessoas que tanto precisavam se comunicar e dividir as suas experiências vivessem praticamente em silêncio entre si, vivendo no mesmo espaço.

Identificamos que a comunicação entre eles seria um dos desafios da LES dentro do Asylo dos Pobres (nome do Asilo de Rio Grande). Foram diversas tentativas de abordagem dessa questão, mas nenhuma dava muito certo. Uma vez, decidimos levar música para tentar que eles interagissem entre si um pouco mais. Nada feito, no fim a maioria ficou sentada olhando um para o outro e alguns conversando apenas com os extensionistas, que estavam ao lado. Queríamos em pouco tempo provocar grandes mudanças, mas constatamos, que no final do dia eles sentavam no refeitório nos mesmos lugares de sempre.

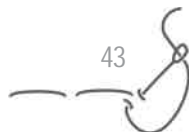
Então percebemos que a única coisa que dava certo era ouvir. Escutar um a um e falar pouco, o asilo foi (e é) um exercício de paciência e audição. Parece claro a frase "os idosos tem muito a ensinar para os jovens", mas na verdade não era isso que estávamos fazendo na prática. Fomos descobrindo que mesmo presente no nosso discurso "não devemos levar nada e, sim, fazer uma troca", ainda assim queríamos levar mais, e o grupo do asilo nos ensinou a escutar. Os idosos foram mestres nisso. À participação dos integrantes do "Asylo dos Pobres", no começo, foi um verdadeiro "banho de água fria" e ainda hoje, muitos que iniciam nas atividades do asilo não entendem o propósito de ir lá mais para escutar do que para falar. Parece que, ao menos, com esse grupo conseguimos aproveitar os aprendizados do grupo da UBSF Castelo Branco e melhorar como Liga.

O interessante é, que no início pensamos de certa maneira a “ensinar como eles deveriam cuidar de suas vidas”, algo que, percebemos que eles já fazem há bons anos. A atividade do asilo gerou muitos questionamentos, como por exemplo “o que se pode fazer para ajudar na saúde de um idoso?”. Tivemos que vivenciar, refletir e respeitar os asilados para entender o valor dos ensinamentos. Ficamos cerca de um ano visitando os idosos individualmente e no começo de 2013, conseguimos realizar as primeiras atividades em grupo com os asilados, as quais foram verdadeiros sucessos.

Em uma delas aconteceu um fato engraçado: dois asilados começaram a conversar e um deles durante as reuniões em grupo, comentou: “Nossa, até que você não é tão burro como eu pensava, podemos até conversar”. Para nós, foi um momento desconcertante (até porque eles são colegas de quarto), o que nos fez perceber que, ao poucos, estávamos construindo algo durante as atividades do asilo.

Hoje, eles ficam esperando os alunos chegarem no portão do Asylo dos Pobres. Uma cena bonita é produzida, apesar da arquitetura do asilo bem desgastada com o tempo, com um jardim mal cuidado e na frente uma calçada na entrada com alguns bancos, pois ali os idosos ficam sentados esperando os alunos. Conforme chegamos existe quase uma comissão de recepção, os idosos querem apertar as mãos, abraçar e contar as velhas e novas histórias. Encontramos verdadeiras pérolas escondidas nas paredes amareladas e antigas do asilo.

No começo, muitas pessoas perguntaram “porque escolher um asilo para Educação Popular?”. Essa foi uma pergunta difícil de responder no começo, foi um misto de intuição, a localização central e a vontade de trabalhar com idosos. Mas hoje, podemos responder essa pergunta com mais tranquilidade, porque a resposta se tornou óbvia “porque não um asilo? Um asilo não é uma comunidade? Não é um grupo de pessoas? Não precisa de atenção também?”. É possível perceber o preconceito daquilo que o asilo representa ainda na nossa sociedade, e por isso talvez ele deixe de se tornar um espaço de



interação e valorização daqueles que tem muito a ensinar a todos nós.

Além do grupo do Asylo dos Pobres que iniciou no começo de 2012, e como não seria mais possível dar continuidade no grupo do EJA, estávamos procurando um novo espaço de inserção (que permitisse certa flexibilidade também com o novo calendário no pós-greve). Assim, acabamos conhecendo o Grupo de Artesãs da Barra (GAB) que se encaixava no que procurávamos. O GAB fica localizado em uma vila de pescadores aqui em Rio Grande, a Vila da Barra, que fica cerca de quinze quilômetros do centro da cidade, em uma área de expansão portuária. Trata-se de uma comunidade que tem muito pouco acesso ao sistema de saúde pela ausência de uma equipe de saúde da família no local e pela distância que existe dos centros de saúde e hospitais. Foi novamente, uma certa intuição que também nos fez seguir para a Barra.

Como sempre, os começos não foram fáceis. E na Barra não foi diferente, conversamos com o grupo, pesquisamos entre os moradores, conhecemos o lugar e ficamos praticamente seis meses criando vínculo com as artesãs. Literalmente um trabalho de “formiguinha”. No começo, elas deixaram claro que tinham interesse em saúde, mas não dispunham de tempo para um grupo de educação em saúde, pois tinham muitas ocupações e encomendas. Porém, elas deram uma pequena brecha para irmos visitá-las nos sábados, durante um curso que estavam fazendo de serigrafia.

E, assim, começamos semanalmente a organizar os nossos próprios carros e idas de ônibus para conhecer as artesãs, estávamos lá todo o final de semana. Por outro lado, já tínhamos ouvido em um outro momento, quando reiniciamos as atividades em 2011 no EJA, elas falaram “vocês sempre voltam”. E foi o que aconteceu durante seis meses: “sempre voltamos”, o que gerou certa confiança e cumplicidade entre nós. Em março de 2013 a Suzana, líder do GAB falou: “Agora podemos marcar uma reunião com vocês”.

E prontamente marcamos uma reunião para nos

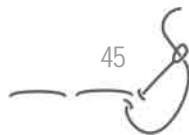
apresentarmos “formalmente” para mais artesãs e interessados. Foi uma reunião muito marcante, em cujo desenvolvimento, construímos, inclusive, um curta-metragem para o 12º Congresso Brasileiro de Medicina de Família e Comunidade. Foi muito bonito ver o que a Suzana falou: “Eu tenho meu pensar mesmo, que era para nós mesmos cuidar uns aos outros, por isso o médico”. Desta forma, foi o começo das reuniões da Barra.

Começamos a definir os temas, conversamos sobre hipertensão, sobre aspectos posturais, entre outros. Mas certamente uma das reuniões mais marcantes ocorreu, quando discutimos sobre o Sistema Único de Saúde (SUS). A reunião foi muito interessante, tanto pelos desdobramentos que teve, como pela troca de conhecimento intensa que ocorreu: nós com a nossa visão universitária da organização do SUS, elas com as vivências do sistema, as histórias antes da implementação do SUS (antes de termos nascido, inclusive), como era antes e como era na comunidade, o choque que havia entre aqueles que tinham acesso ao serviço de saúde e aqueles que não tinham. Quando começamos a conversar sobre o SUS, ninguém da comunidade sabia o que significava a sigla, e foi assim que começamos. Nós trocamos muitas experiências naquela reunião. Apresentamos a Estratégia de Saúde da Família (ESF) que elas ainda não tinham contato e, também, a importância dos Conselhos Locais de Saúde, visto que a Unidade Básica de Saúde da Barra era uma Unidade tradicional.

No final dessa primeira reunião elas já estavam falando da importância de montar um Conselho Local de Saúde. Foram várias reuniões, e começaram a surgir participantes não só do GAB para tentar explicar os “direitos no SUS”, até construirmos juntos com os participantes das atividades um panfleto e cartazes para chamar mais pessoas para as discussões, cujo título do panfleto foi “Meus direitos no SUS”. O panfleto foi construído com essas frases, além de uma foto da Casa Branca da Barra, um centro comunitário da Barra:

MEUS DIREITOS NO SUS

- Você sabe o que é o SUS? O SUS significa Sistema Único de Saúde



O SUS:

- É um sistema que garante o acesso a saúde para todos.
- O SUS não faz distinção: atende a todos igualmente.
- É universal: deve atender a todos.
- É integral: atende todas as necessidades de saúde.
- É descentralizado: então a sua comunidade tem direito a esse atendimento.
- Exige a participação popular: a lei diz que todos devem ajudar na sua melhoria e construção.

Participe do SUS!

Como? Ajudando a formar o Conselho de Saúde da Barra.

Pra que? Para lutar pelos nossos direitos no sus: como médico, dentista e equipe de saúde diariamente no posto da barra.

- Para termos atendimento de qualidade.

- E conseguirmos infraestrutura de atendimento próxima.

Quando? A liga de educação em saúde da medicina da FURG está fazendo reuniões informativas na casa branca da barra.

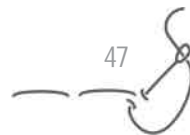
Esse panfleto foi interessante porque foi construído conjuntamente, como reflexo das reuniões. Foi muito interessante a compreensão dos direitos e a força que foi se criando no sentido de conscientização. No final do panfleto, havia um espaço para marcar a data da próxima reunião e os próprios participantes das reuniões da LES começaram a distribuir. Desse ponto em diante, começamos a nos firmar de uma maneira muito intensa na comunidade. Conseguimos fazer reuniões dentro da Unidade Básica de Saúde Tradicional, na qual encontramos mais um grande aliado e amigo para organizar o Conselho Local de Saúde, o enfermeiro da unidade o Carlos Roberto, que se apresentou como Beto. E logo a Suzana junto com o Beto foram até o Conselho Municipal de Saúde para tentar estruturar o Conselho Local.

Essa movimentação acabou refletindo na escolha da Comunidade da Barra no final do ano de 2013 como o próximo local para a implementação de uma Estratégia de Saúde da Família. Toda essa ação acabou gerando um envolvimento nosso maior, começamos a ir além das sextas-feiras para as reuniões a fazer visitas também nos finais de semana, nas casas da comunidade conhecer e aprender mais sobre as pessoas

fantásticas, que estávamos conhecendo. Um momento marcante ocorreu quando a Suzana fez aniversário e convidou todos os integrantes da Liga de Educação em Saúde para comemorarem na sua casa junto com os seus filhos e família. Hoje, não é só um projeto de extensão, são laços fortes de amizade que nos aproximam.

No aniversário da Suzi, todos estavam nos esperando de braços abertos. O marido da Suzi, Gonzalo, que também já participava das reuniões organizou um churrasco enquanto ela preparou doces, saladas e a casa dela (inclusive eles agilizaram uma reforma que estavam fazendo há anos para construir uma churrasqueira nova). Fomos muito bem recebidos, e ficamos até à madrugada conversando à beira da Lagoa dos Patos, visto que a casa da Suzi fica muito próxima da água, sendo que de sua janela pode-se ver os leões marinhos e barcos de perto. Segundo ela, é possível dormir ouvindo o barulhinho da lagoa. Também, levamos o violão e o cajón para tocarmos e, assim, nos conhecermos ainda melhor. Foi uma noite muito emocionante e envolvente.

As atividades seguem e uma das participantes da LES, a Celina, até comentou que nunca falava em público e em uma reunião sobre saúde conseguiu falar da importância de cuidar da própria saúde para os mais jovens. Ela também gosta de cuidar das suas plantas e, nós, inclusive já colaboramos com algumas flores e outras plantas leguminosas que foram plantadas no jardim da Celina. A Leda, outra artesã, também sempre sentava afastada em todas as reuniões, e atualmente já conversa bastante e conta histórias. Mudanças que escrevendo aqui talvez não pareçam tão grandes, mas para quem viveu tem sido uma construção importante. Visitamos também o Beto, e conhecemos a sua esposa e todos os seus animais, cachorros, pássaros, patos, perus, galos - todos muito bem cuidados. Fomos e somos recebidos todas as vezes, com muito carinho. É interessante ver, que com o tempo, as ruas da Barra tornaram-se conhecidas, os atalhos, as curvas, as casas. Assim como os quartos e corredores de muitos idosos no Asilo e até a parte dos fundos do velho prédio, que quase ninguém vê. Fomos guiados pelas comunidades e essa “via de mão dupla” que é a Educação Popular nos



permitiu diversas vivências.

Todas essas histórias nos dão muito orgulho, e ficamos felizes em saber que elas continuam acontecendo a cada encontro da LES, seja com os idosos do Asilo, seja com as artesãs da comunidade da Barra ou com nossos colegas nas reuniões teóricas. Algumas delas foram contadas com mais minúcias, que outras porque o tempo e a memória vão escondendo os detalhes que acabam ficando esquecidos, mas sem dúvida todas foram muito marcantes para nós. Também buscamos nas “gavetas”: fotos, materiais, arquivos no computador, gravações, materiais para escrever esta introdução.

Não podemos negar que ao longo dessa trajetória fomos cansando com o tempo, principalmente nos finais de ano. Tínhamos a faculdade e muitas outras atividades (Diretório Acadêmico, grupo de palhaçoterapia, iniciação científica, estágios). Muitas vezes, pensamos em desistir. Mas depois de vários processos de amadurecimento, aprendemos a delegar e a criar novas lideranças no grupo. Isso foi um grande aprendizado (e ainda é). Essas etapas de cansaço foram (e são) muito difíceis, pois acadêmicos desenvolvendo atividades de Educação Popular não é exatamente o que a maioria dos nossos colegas e professores compreendem como “ideal”.

Ocorreram vários comentários (e ainda acontecem) sobre “assistencialismo” ou expressões que tentam desvalorizar o trabalhos, como “perda de tempo”, “você deveriam estar estudando”, “isso não é importante agora”. Além disso, houve momentos em que os grupos não estavam em perfeita coalização, sem uma atuação em conjunto, com atritos entre os alunos que estávamos coordenando, junto com a comunidade e ficávamos bem desanimados. Mas era ainda o começo da LES (sempre será) e olhávamos um para a cara do outro e dizíamos “hoje vamos falar que vamos ter que sair” e nenhum de nós falava nada. E bem, algumas vezes tentamos, mas choramos e acabamos continuando. Isso aconteceu em 2011, 2012, e 2013. No entanto, parece que agora que somos praticamente obrigados a sair devido à carga horária do quinto ano que começa no próximo semestre, não queremos mais “arredar o pé”, somos os membros

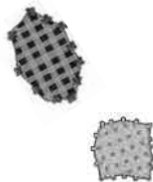
fundadores, junto com o Tarso, que continua na LES desde o princípio.

E, bem, hoje estamos organizando este livro. Queríamos construir algo cheio de sentimento e sem tanto academicismo, poderiam ser poesias, crônicas e todo o tipo de manifestação que coubesse aqui. Algo que além de ter o ponto de vista dos acadêmicos, fosse buscar as histórias que a comunidade quisesse dividir. Esse processo de construção foi fantástico, e foi marcante poder ver os idosos fazendo versos e as artesãs da Barra nos contando histórias. A capa foi feita pelo GAB, que costurou-nos uma colcha de retalhos para, cada um como um pedacinho diferente de pano.

Convidamos a todos que já passaram pela LES, para construir este livro. Podemos ver ao longo desses anos, muitos acadêmicos que vieram de passagem e outros que decidiram continuar, cada vez mais envolvidos. Para nós é nítida a transformação, já ouvimos que na medicina muitas vezes os alunos se sentem como “caixas”, cujos livros teóricos são depositados dentro de si e também que a medicina é uma “bolha” e, percebemos, que através da LES, pode-se sair da bolha. Muitas reuniões foram também verdadeiros desabafos das nossas vivências na faculdade, de querer perceber o paciente como um humano com sentimentos e histórias e também de conseguir colocar nossas frustrações em palavras. Inúmeras vezes, durante a faculdade, não se permite o erro, não se permite o choro, mas na LES todos já choraram (pelo menos um pouquinho), ficaram revoltados, e erraram - inclusive nós.

Como toda a construção da LES, queríamos fazer esse livro juntos e acreditamos que conseguimos abrir este espaço nessas páginas. Esse livro não começa nem termina aqui, mas segue como esse fio que viemos costurando nessa colcha da vida, onde as diferenças compartilham e aprendem entre si, cujos retalhos somos todos nós. Esperamos que todos possam aproveitar um pouco das nossas vivências na Liga de Educação em Saúde e participar dessa costura juntos.

Fio da vida



Adriana Maria de Sousa

Existem muitas experiências marcantes na vida, desde coisas boas as coisas ruins, mas que deixam a nossa vida mais suave. Pouco tempo atrás fui conhecer a Liga de Educação e Saúde (LES) não por me interessar pelo assunto, mas por estar procurando e precisando de algo que iria me manter no curso de medicina que um dia foi meu sonho, mas que na época havia perdido a graça e o prazer sendo que a minha única vontade era a de abandonar tudo, inclusive a vida. Foi por esse motivo que entrei pra liga de educação e saúde, precisava de algo novo, inusitado dentro do curso, algo que de fato eu pudesse mudar a forma de enxergar a medicina que até o momento conhecia e que deixara de ser um sonho e passara a ser um pesadelo. Não gostava de enxergar um paciente como uma máquina ou um simples objeto de estudo, isso me irritava profundamente e também muitas vezes irritava o paciente - porque nem o nome interessava a nós - a não ser apenas ver um sinal ou sintoma e assim foi-se esvaindo meu sonho em ser médica.

Foi aí que procurei outras opções para voltar a ter prazer em estudar e exercer a profissão e aí entrou a LES no meu caminho. Meu ingresso, ao primeiro momento, não me pareceu interessante ou diferente, não achava um objetivo definido por parte da liga, porém vieram as atividades práticas, entre elas, as na Barra. Quando fui pela primeira vez e vi apenas duas artesãs na reunião, que apesar de serem pessoas bem queridas, comecei a pensar que a atividade que eles propuseram na comunidade era

totalmente inútil, pois de uma comunidade inteira aparecer apenas duas?! Achei estranho, acreditando que não havia dado certo o proposto pelo grupo, mas as idas quinzenais na comunidade foram transformando o meu modo de enxergar a Barra, inclusive porque mais artesãs foram chegando e nós fizemos mais atividades de educação popular. Num desses dias, começamos a falar sobre o SUS e os direitos que os direitos das pessoas, tanto que as artesãs se mostravam muito empolgadas e até o motorista da Kombi da Universidade, que nos levara para essa reunião mostrou-se tão interessado na atividade, que nos propôs a fazer uma atividade também no bairro dele.

Esse dia para mim foi tão emocionante que ao pensar na Barra, a primeira coisa que vem a minha cabeça são as falas, os sorrisos, as motivações e as esperanças que uma simples conversa pode trazer a essas pessoas. A comunidade de artesãs foi, aos poucos, ao longo das reuniões deixando de ser apenas aquelas mulheres que faziam artesanato, mas foram se tornando uma força; percebi que sementes de sonhos começaram a brotar em seus olhos, principalmente os da Suzi. Ao longo da participação na liga, vi que há pessoas que se ao se esbarrarem nos sonhos ou vontades mais difíceis não se deixam abater, aliás a palavra impossível, na minha opinião, não existe mais no vocabulário daquelas mulheres, pois elas vão atrás de conquistar o que querem. Confirmando isto, vemos que o resultado não foi somente através dessas belas faces esperançosas e radiantes, mas houve uma conquista em prol da comunidade, que foi o processo de incitar a criação do conselho local, que a ainda não foi criado, porém essa mobilização resultou numa conquista enorme: em 2014 o posto da Barra terá uma equipe de estratégia de saúde da família à comunidade; e a LES fez parte desse processo de mudança.

É claro que nada é tão radiante quanto parece, houve muitas pedras no caminho nesse processo e ainda haverá, pois nada na vida é fácil, até porque se fosse, perderia a graça. Um clichê que eu usei, mas de propósito, porque foi a melhor forma que eu encontrei para transcrever em palavras, o que essas mulheres me ensinaram em troca: nunca desistir, pois a única maneira de não chegar lá é abandonando o que se quer. Nessa

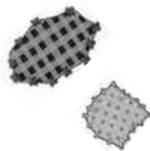


comunidade, pelo pouco tempo que participo da liga, já vi que existe uma liderança para incitar a comunidade a querer, correr atrás e conquistar mais coisas. Esse espírito foi transmitido para mim, voltei a perceber, aquilo que estava diante dos meus olhos, mas não conseguia ver, a força que tenho dentro de mim para conquistar meus objetivos. Uma força que compararei a uma chama que tinha em meu ser, mas que estava apagada, entretanto, perceber que fiz parte de algo que pode mudar de fato a realidade de uma comunidade, foi uma das coisas que fez essa chama reacender e saber que a escolha que fiz foi certa: ser médica realmente é meu sonho, ajudar a população, as pessoas é o que eu quero pra minha vida.

Esta é uma marca que tenho orgulho de ter cravado em meu coração, que apesar de mais simples que pareça a atividade, esse dia aos meus olhos, foi algo que deixou minha vida mais suave. Posso afirmar que houve uma imensa troca entre nós e aquelas mulheres, simples e humildes e que apesar de serem poucas as que vão à reunião, são um motivo de orgulho para mim por terem me retribuído com um sinal na minha vida. Este sinal que possibilitou para que eu abandonasse a ideia de largar tudo, me fazendo enxergar algo a mais em minha vida e na medicina.

Realmente a LES proporciona essa visão mais humana da Medicina na minha vida acadêmica e penso no que fizemos e ainda podemos fazer na comunidade da Barra e em outras também. A LES é um dos fios da minha vida que manteve e ainda me mantém no curso de Medicina, ao qual hoje enxergo com outros olhos. Além disso, não importa a quantidade de pessoas que vão às reuniões da comunidade, mas sim que, através das atividades e interação, podemos emponderá-las e transformá-las em multiplicadoras sobre a saúde. Cada dia na comunidade, cada reunião me traz a esperança de que no futuro, eu serei uma médica mas humana e uma grande parte disso eu devo a LES e às artesãs.

Entre naufrágios e amor

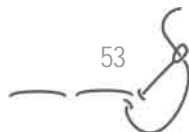


Noracy José de Castro, Ivone dos Reis Castro, Carlos Roberto dos Reis Castro, Rosane Galarraga Martins Castro, Juliana Batista Rocha da Silva e Mayara Floss

Boa parte dos acontecimentos relacionados a Rio Grande foram minunciosamente anotados por sr. Dorval em sua caderneta. Uma forma não só de registrar lembranças, mas também de postergar, em poucos parágrafos na notícia de jornal, uma história que se fez entre naufrágios e história.

O naufrágio do Araçatuba guarda uma história peculiar. A embarcação errou a entrada da barra e encalhou sobre as pedras do molhe leste submarino. Eram esperados da embarcação automóveis, tecidos e pneus, mas só chegaram à cidade máscaras, serpentinas, confetes e fantasias de carnaval. Felizmente, todas as pessoas foram salvas. O navio, porém, afundou lentamente nos dias posteriores ao acidente e encontra-se oculto nas águas da Barra do Rio Grande.

Em 19 de fevereiro de 1950, um forte temporal atingiu uma embarcação chamada Quequem. Ela foi parar despedaçada no molhe leste, mas toda a sua carga, maçãs argentinas vermelhas, como uma herança da embarcação e um presente do mar, veio à praia e fez a festa dos moradores que se fartaram comendo maçãs por dias. Uma espécie de presente no dia do aniversário da cidade do Rio Grande. Dona Ivone era pequena e



ajudou a recolher por vários dias além de maçãs, também pêras, e palha de vassoura.

Mas o mar além de trazer as histórias com misto de tristeza e felicidade dos naufrágios, também foi palco das histórias de amor. Há algum tempo, em 1956, em meio a uma tempestade, uma embarcação dinamarquesa chamada Herling Madsen número 85 de registro foi atingida, o motor parou de funcionar nos molhes leste. Um comunicado via rádio chegou até os que estavam em terra. Quando o barco apontou lá longe, os descendentes de portugueses fizeram uma corrente humana dentro do mar para ficarem presos à terra e poderem resgatar aqueles que estavam chegando do naufrágio. Enquanto os portugueses faziam a corrente humana, as portuguesas rezavam.

Não havia coletes salva-vidas para todos os tripulantes e os mais bravos teriam que nadar até a praia da Barra. Foi o caso do capitão do barco, Noracyr. Sem colete salva-vidas, já que num gesto de generosidade e bravura, cedeu seu colete ao tio que não sabia nadar. O capitão chegou próximo à praia a nado e foi resgatado pela corrente humana. No final do resgate, e em meio à tempestade, as famílias da 5ª Secção da Barra levaram para suas casas os marinheiros, enquanto a embarcação era levada pela força das águas depois das 25 toneladas de corvina e pescada olhuda da costa do Uruguai. Toneladas de carga de peixe foram perdidas, mas felizmente todos os tripulantes foram salvos.

E o capitão foi para a casa do senhor João Reis, o qual era guindasteiro da obra dos Molhes e fazia outros vários trabalhos; era também pai da bela Ivone, a qual Noracy só conheceria algum tempo depois. Seu Noracy lembra bem como foi bem acolhido; estava muito fragilizado depois do naufrágio. O capitão perdeu suas roupas em meio ao temporal e só lhes restavam algumas poucas peças de vestuário, sujas de óleo e molhadas que foram resgatadas dias depois na embarcação. Dessas, D. Olga, mãe de Ivone, lavou e cuidou com carinho. Esse gesto, junto à recusa do dinheiro ofertado à senhora pela gentileza do cuidado com suas roupas, surpreenderam Noracy, pois como disse na ocasião, “nunca havia encontrado ninguém que me fizesse algo de graça”. Sua gratidão, porém, foi mais valiosa.

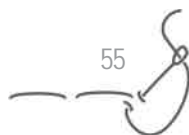
Ele brinca que primeiro apaixonou-se pela sogra, e depois só ficou esperando a Ivone chegar, afinal ela estava passando um mês na cidade e na época a locomoção era difficilima, uma pequena estrada de ferro que ligava a Barra ao centro de São Jose do Norte. Também não tinha comunicação, apenas um telefone que funcionava com um fio comprido que quando necessário, estendiam pela Barra para fazer a comunicação sobre as obras dos Molhes e não como hoje, cheio de modernidades, na época não tinha telefone, nem luz e estrada.

O seu Noracy conheceu a amabilidade daquela família da Barra. Eles tentaram por cerca de seis meses tirar o barco da praia. Durante todo esse tempo, o seu Noracy, o dono do barco e outros tripulantes ficaram hospedados na casa do seu João Reis. Enquanto Ivone não voltava, Noracy conversava com a irmã dela e antes de ir embora para ficar um tempo na cidade, deixou uma foto sua para mostrar para Ivone.

Noracy aprendeu muito com a família, e mais tarde, com o retorno de Ivone, conheceu o amor. Eles se conheceram no dia 4 de janeiro de 1957. Quando Noracy a viu pela primeira vez, Ivone estava cuidando do pequeno jardim que tinha no quintal de casa. Já começaram a namorar no dia 6, antes de uma festa, o capitão aproximou-se e perguntou se Ivone queria namorá-lo, ela respondeu prontamente que sim. Diziam que o seu João Reis não permitiria ninguém namorar a bela Ivone, mas quando o Noracy se apresentou, ele aceitou calmamente.

Um dia quase salvaram o barco do naufrágio, mas o dono da embarcação, seu Brasulino, falou no final da tarde que tiraria o barco no dia seguinte, e um pescador falou "Se Deus quiser", e ele retrucou "Se Deus quiser não, se eu quiser". Naquela noite choveu forte, e o barco por fim afundou irremediavelmente na Barra. Seu Brasulino ficou sem resgatar o barco, como um castigo.

E assim, depois de um naufrágio e no meio de uma tempestade, que o amor teve chance de nascer entre o Noracy e a Ivone. Mais tarde nasceria o Carlos Roberto, apelidado de Beto,



que viria a ser o enfermeiro do Posto de Saúde da Barra. Deve ser por isso, que ele gosta tanto do “tempo fechado” e de chuva. Assim como o Noracy e a Ivone, a Barra foi palco de outras histórias de amor como a do Beto e a Rosane, que se conheceram, namoraram, se separaram, namoraram novamente e se casaram na Barra. A Rosane é filha do sr. Dorval, que guardou em sua caderneta muitas histórias da Barra e deixou para a filha uma lâmpada de 500 velas que iluminou por anos as noites de trabalho nos molhes da Barra.

De repente, caminhamos por essa teia de vida, em meio a naufrágios e amor. Noracyr e Ivone vivem juntos até hoje, com um brilho nos olhos tão característico quanto o clarão da lâmpada de 500 velas do sr. Dorval Martins: um brilho vivo, que não se apagou com o tempo. E essas histórias aqui contadas reavivaram essa luz: de quem contou, de quem escreveu, e espera-se, de quem as lerem.

Meus 15 anos

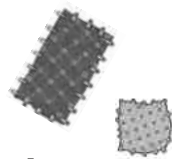


Victória Adaeme Ribeiro

Eu dançava muito, mas meus pais me punham limite.

Para namorar era preciso o rapaz ir na casa da moça para pedir ao papai e à mamãe e para o irmão mais velho.

O namoro era só no domingo à tarde e ficava toda a família junto, cuidando.



Sendo jovem, se é belo, sendo velho, se é sábio.

Cristie Cichelero

A senhora, no Asylo dos Pobres, era tímida nas minhas primeiras visitas. Sempre dava um jeito de escapar as nossas conversas, um tanto tímidas também, mas de boa vontade. Mas um dia ela me deixou entrar. Entrei no quarto onde havia a cama onde a senhorinha dormia, e também na confiança dela – o que naquele momento, era muito precioso.

As conversas versavam não sobre a juventude dela. Eram sobre como foi parar ali, no Asylo dos Pobres.

- Vim de boa vontade, menina. Não tive filhos. Não tive marido. E agora, não queria mais ficar sozinha na casinha da vila.

Ela me chamou de menina. Eu ali, aos meus 19 anos, nos últimos suspiros de adolescência (por definição biológica), já me soava estranho ser chamada assim. Mas sorri e continuei a escutar pacientemente. E depois do “menina”, veio aquela constatação sincera de quem já não enxergava muito bem.

- Você é muito bonita!

Fiquei naturalmente desconcertada, mas feliz. Agradei o elogio, e perguntei sobre as lembranças da juventude, sobre como eram as moças na mocidade dela. Ignorou de forma



sublime minha tentativa de retomar o assunto. Sorriu de novo e disse mais enfática:

- Você não escutou o que eu disse? Você é muito bonita.

O que eu disse não me acode a memória. Mas sim as palavras sábias que vieram após. Ela me explicou que os jovens carregam muita vida. E que a vida é bonita. Então, todo jovem é bonito. Aconselhou-me a sorrir mais, e não deixar os problemas me roubarem a beleza. Então entendi que o que ela via na minha figura, talvez não fossem traços finos e delicados, mas sim o sorriso farto e o brilho nos olhos que a companhia dela me despertou naquela tarde. Saí de casa para levar conforto e alento, mas voltei banhada em sabedoria. No caminho de volta, fui notando no semblante das pessoas, a vida delas. Desejei a todas, que tivessem uma beleza farta.

O Mito dos Saberes Inúteis



Luan Menezes

Publicado originalmente no blog da LES (lesfurg.blogspot.com) no dia 12 de junho de 2012.

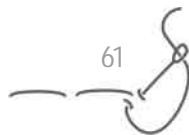
“Certa vez um padre foi visitar uma tribo de índios e durante o caminho de volta ficou se gabando sobre o seu grande conhecimento e sabedoria. Ele comentou que a tribo do índio que dirigia a embarcação era ignorante e para provar perguntou se o índio falava outra língua. O índio respondeu que não e que para ele somente era interessante entender a língua do povo dele. O padre disse que isso era um símbolo de ignorância e que aprendeu a falar latim e italiano. O padre perguntou quantos livros ele havia lido. O índio respondeu que nenhum, pois todas as lendas eram passadas em canções ou contadas em uma roda de fogueira. O padre retrucou que os livros tornavam uma pessoa culta e inteligente e que ele lia um toda semana. O padre continuou a falar sobre como era importante saber sobre botânica, astronomia etc. O índio, com um ar simpático e calmo, perguntou se o padre sabia nadar, pois todos os índios aprendiam isso desde pequeno. O padre lhe disse que não, que jamais havia perdido o tempo dele com besteiras. O índio, sereno e tranquilo, falou que isso era uma pena, pois o barco estava afundando e neste momento nadar era a única coisa importante.”

Vivemos em um tempo curioso. Nunca o homem dependeu tanto de conhecimentos diferentes. Nunca se fez tão necessário conhecer e ter ideias sobre o mundo a partir de perspectivas diferentes. E nunca nós valorizamos tanto uma só

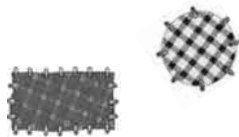
forma de aprender, saber e olhar as coisas. É só pensarmos um pouco em como fomos educados. Uma minoria de nós estudou teatro, "ballet", música, canto ou pintura da mesma forma que estudou matemática. Sabemos que o quadrado da hipotenusa é a soma do quadrado dos catetos, mas não sabemos o porquê de dançarmos, pintarmos, cantarmos e de nos mexermos tanto. Não sabemos como se deu a história da música brasileira, ou nunca assistimos a uma apresentação de dança. Quantos de nós tivemos contato com outra realidade que não a nossa? Não quero dizer com isso que matemática não seja importante, ela é, para alguém é interessante que saiba tudo sobre geometria, mas quem disse que saber dançar é inútil? Aliás, deveria ser um erro de português falarmos a palavra saber junto com mais, menos ou inútil. Alguém aí sabe de algo, de algum saber, que não seja importante para ninguém?

Aliás, palavra interessante essa. Li outro dia que conhecimento sem experiência, não é um saber é só um refúgio para a ignorância. Infelizmente, nossa forma de avaliar e de ensinar não valoriza muito as experiências. Quase não saímos da sala de aula, e na faculdade, quando estamos fora dela, pensamos na prova que iremos fazer dentro dela. É como se tivéssemos aula de natação, mas nunca tivéssemos visto o mar. Creio que o nosso padre teria se afogado.

Assim como Darwin notou que a economia da natureza possui espaços a serem preenchidos, a nossa sociedade carece de uma gama muito grande de saberes para que possa resolver os problemas que a afligem. Esses saberes devem ser aprendidos através da experiência. Precisamos conhecer a sociedade, não olhar uma foto de um garotinho desnutrido em um livro e achar que conhecemos a pobreza, ou pior, achar que lamentar a foto irá aliviar a dor da fome. Isso é tão útil para o garoto, quanto uma foto da molécula de oxigênio para quem morre asfixiado. Somente com a experiência entraremos em contato com as mais diversas formas de conceber o mundo, de problematizá-lo, de vivê-lo, de solucioná-lo, iremos entender que a realidade de nossas vidas é só uma forma de perceber o mundo, em meio a tantas outras que existem. Assim poderemos nos emancipar da



importância dada pelos padres a certos conhecimentos, pois a única coisa realmente importante são as pessoas e todas as outras coisas tem a importância que nós damos a elas.



Pelas Nossas Vivências

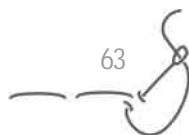
Jéssica Pereira Sauer

O convite da Mayara para escrever sobre a Liga de Educação em Saúde (LES), que veio em um encontro nosso em uma quinta-feira à noite, confesso que me provocou uma certa inquietação. Ela explicou que havia um projeto para publicação de um livro, com histórias e relatos daqueles que participaram e participam da construção da nossa querida LES. Sim, o que vivemos aqui é digno de ser passado adiante, e isso precisa ser feito!

Mas pensando bem, como escrever tudo o que viemos construindo e vivendo ao longo desse tempo? Fiquei pensando e passou um filme em minha cabeça, cheio de momentos únicos, sentimentos, descobertas, aprendizados, e é isso que vai se tentar passar aqui, desde o começo...

Tudo começou pra mim em março de 2012, quando na primeira semana de aula um grupo de pessoas (eram os estudantes que participaram da LES em 2010 e 2011) reuniu aquele grupo de calouros recém-chegados, pediu para que sentássemos em círculo, e se propôs a nos ouvir e nos conhecer um pouco. Depois, começaram a falar sobre a importância de sair da universidade, aprender um outro tipo de saber, trocar, e construir coisas junto. Eu, curiosa com aquilo tudo, resolvi participar das primeiras reuniões.

Naquela época, muita gente entrou na LES, era um espaço diferente dentro da Universidade e também não exigia



provas para entrar, bastava estar interessado e disposto a construir de alguma maneira. Mas se passaram algumas reuniões e algumas coisas foram mudando. As provas começaram, sempre havia alguma coisa nos puxando de um lado ou de outro e nos obrigando a seguir a marcha do “não tenho tempo”, e demos boas-vindas ao ritmo que infelizmente nos acompanharia pela faculdade. Hoje, já sabemos que são muitas coisas e que sempre vamos aprender com tudo que fizermos, mas na época, estudantes acostumados com matéria pronta nos cursinhos pré-vestibulares, tudo se tornava motivo para preocupação, quase desespero. Como reflexo disso tudo, a LES foi diminuindo em número de participantes. Confesso que muitas vezes saí dos encontros tarde da noite, cansada, e pensando que não iria mais, mas ao mesmo tempo eu saía com uma pulguinha atrás da orelha em querer saber mais sobre pessoas, e como teimosa que sou, na próxima reunião lá estava eu novamente.

Até que começaram as atividades práticas. Já tínhamos feito discussões, adquirido alguma bagagem teórica sobre Educação Popular e outros temas, e chegava a hora de trabalharmos isso lá, fora do nosso mundinho universitário. Iríamos para um grupo de Educação de Jovens e Adultos (EJA), que já acontecia em 2011 e que estava recomeçando em 2012. Foram duas reuniões, e nelas conhecemos a turma e o ambiente, conversamos com a coordenadora da escola e planejamos as atividades, mas eis que entramos em greve. E a greve durou 4 meses!

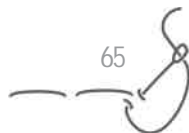
Voltamos então com novos desafios. O grupo do EJA estava indo por água abaixo, afinal tínhamos perdido uma parte do vínculo e teríamos que começar novamente, com o agravante de que nosso calendário não seria o mesmo que o da escola, e logo eles estariam de férias de verão e tudo teria que parar novamente. Ao mesmo tempo, se abria a oportunidade de conhecermos um pouco mais e trabalharmos no Asylo dos Pobres de Rio Grande, com todas as suas especificidades e dificuldades, mas ao mesmo tempo com muita coisa a ser vivenciada.

E lá fomos nós, criamos contato, sofremos uma

resistência inicial, afinal quem eram aquelas pessoas querendo conversar e ouvir os idosos de lá? Mas também não desistimos. Eles tinham todo o direito de serem reservados no início, e muito provavelmente também seríamos se estivéssemos em ocasião semelhante, afinal isso é um processo. Quando eles foram percebendo que apesar de tudo nós voltávamos, e que estávamos lá na semana seguinte, algumas coisas foram mudando. E a mudança foi indescritível. Cada um de seu jeitinho, percebíamos que éramos esperados por lá, e cada encontro era uma riqueza muito grande de sentimentos.

Cada encontro provocava em nós uma cascata de emoções. Recebíamos uma grande carga de carinho e era muito bom, mas também passávamos por momentos de reflexões mais difíceis. Estávamos diante de uma realidade em que nos era gritante a fragilidade humana, a noção de que algumas vezes nosso papel não é o de super-herói que imaginávamos e que consegue resolver todos os problemas. Mas aprendemos também que a gente, ainda assim, pode trazer conforto. Aprendemos a importância do ouvir, e que isso às vezes é mais complexo que imaginamos. Tivemos que aprender a nos comportar diante do choro do outro ao desabafar coisas guardadas. Tivemos que nos ajustar a diferentes realidades, a aprender a ouvir a mesma história várias vezes seguidas se necessário, e a valorizar momentos pequenos. E aprendemos muito, coisas que provavelmente não teríamos aprendido se não fosse a LES e as pessoas com quem cruzamos nesse caminho, e são essas coisas que nos ajudam a ser pessoas melhores hoje e futuros profissionais melhores também.

Algumas histórias do Asilo vão ficar guardadas pra sempre na minha memória. Uma delas eu tive a oportunidade de escrever no blog da LES (lesfurg.blogspot.com.br) e será uma daquelas que vou contar aos meus filhos quando os tiver. Basicamente, foi o cumprimento de uma promessa para uma senhora muito mal compreendida nos seus problemas individuais do Asilo, que havia nos pedido um doce de abóbora na semana anterior. Como não podíamos encontrar o doce naquele momento, o levamos na semana seguinte, e o efeito de um simples doce me fez quase chorar por duas vezes. Essa senhora



era uma mulher de cabelos brancos, cadeirante, toda agitada e que andava sozinha pelos corredores resmungando e brigando com as pessoas que encontrava. Ao perceber que tínhamos voltado na semana seguinte, que não tínhamos desistido dela, e que ainda lembrávamos do seu pedido, entrou em um estado de êxtase, seus olhos brilhavam, e ela queria muito saber quem eu era para me ajudar pelo resto da vida. Conseguem imaginar? Da senhora “rabugenta” para a pessoa de cabelos brancos e olhinhos de criança, segurando o doce com as duas mãos como se fosse a coisa mais preciosa do mundo naquele momento. E essa foi a primeira vez que eu quase chorei naquele dia, de emoção e felicidade por aquele momento mágico. Mas o doce acabou, e em pouco tempo ela entrou em outro estado, retornou ao seu mundo paralelo em que era dona de uma fábrica e queria me apresentar a toda sua família - mas a sua fábrica era o armário na parede dos fundos do Asilo, e sua família eram os remédios que lá estavam guardados. Como agir? Nunca havia passado por qualquer situação semelhante. E essa foi a segunda vez que quase chorei naquele dia, dessa vez em perceber o quanto os momentos bons se dissolvem rapidamente, o quanto somos frágeis e o quanto a mente humana é complexa. Mas isso não é de todo ruim, porque nos leva a outras reflexões importantes, e hoje percebo que, por mais que momentâneo, alguma coisa muito incrível aconteceu naquela tarde e nos acrescentou algo, tanto para mim quanto para ela, e que isso vai ser guardado em algum lugar daquela cabecinha de cabelos brancos da mesma forma que vai ficar na minha cabeça e no meu coração.

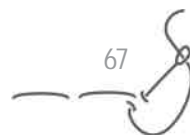
Sem contar os sorrisos soltos em meio às conversas, as histórias super interessantes que nos faziam conhecer um pouco mais de outros tempos, outras coisas, outras vidas. E só saíamos de lá depois de conversarmos, trocarmos experiências, e recebermos muitos abraços daquelas pessoas tão sábias.

Além das atividades no Asilo, também começamos a desenvolver atividades com um grupo de artesãs da comunidade Vila da Barra, uma comunidade que se estrutura em torno da pesca aqui em Rio Grande. E lá estava eu, moradora em cidade do interior, que só conheci o mar pela primeira vez aos 17 anos de idade e sequer sei nadar, convivendo com pessoas que tem

suas vidas girando em torno do mar, que olham pela janela de suas casas e veem a Lagoa dos Patos a menos de 10 metros de distância, e que veem os maridos e filhos embarcados. Eu que nunca havia visto leões marinhos, pinguins e golfinhos, de repente estava trocando experiências com pessoas que conheciam tudo isso, e mais um mundo de coisas que não sabíamos.

Também passamos um tempo criando vínculo, e em abril de 2013 fizemos lá nossa primeira reunião oficial. O tema que foi sugerido por elas foi “pressão alta”. E lá fomos nós estudar o que os livros nos dizem. Bastante gente participou – foi o maior grupo que fizemos na Barra, as artesãs levaram os filhos, outras levaram os esposos, e cada um contribuiu com conhecimentos que já tinham sobre pressão alta, que era bastante prevalente por lá. Colocamos tudo em um cartaz e fomos conversando a partir disso. Depois falamos sobre como se mede a pressão arterial, e todos que quiseram puderam praticar uns nos outros. Já naquele momento algumas coisas foram ouvidas, do tipo: “ah, agora depois disso eu vou procurar o médico e tomar os remédios direitinho”. Mas o mais incrível é, hoje, passados 6 meses desse encontro, ver que o cartaz ainda está lá pendurado na parede como lembrança daquele dia. Percebemos que algumas pessoas que participaram daquela ocasião, mas não puderam mais participar em todas as reuniões, nos reconhecem e se identificam com nós. Ao perguntarmos o que mais marcou de nossas atividades, muitos responderam que foi a reunião da pressão alta, que os fez perceber algumas coisas e mudar alguns hábitos, e que o momento mais marcante foi quando conseguiram “ouvir aquele barulhinho que é a pressão”, no esfigmo.

E nós também aprendemos muitas coisas naquele dia. Aprendemos sobre sintomas, culinária e coisas do dia-a-dia, segundo aqueles que vivenciam e conhecem sob outro ponto de vista, a doença, que conhecíamos apenas nos livros. Também pudemos ver o quanto é importante não considerarmos a pessoa como um livro vazio. Talvez na nossa vida profissional futura, nos deparássemos com pacientes hipertensos e simplesmente agiríamos de acordo com o senso comum, dizendo: “você precisa tomar o seu remédio, precisa diminuir o consumo de sal, porque isso faz mal”. Mas naquele dia pudemos ver que essas



coisas eles já costumam saber, que precisamos considerar essa sabedoria popular e, também, conhecer e considerar quem é a pessoa que está com a doença.

Depois de falarmos sobre hipertensão arterial, vieram outras demandas e conversamos sobre outras coisas. Conversamos sobre o SUS, as demandas que existem e o que pode ser feito para melhorar. E estamos caminhando a passos largos. Logo, logo, teremos novidades e grandes conquistas na melhoria do serviço de saúde ofertado.

A LES formou uma família por lá. Fomos convidados à festa de aniversário, a passeios nos finais de semana, conversamos muito e construímos muita coisa juntos. Formamos um grupo em que pessoas diferentes se uniram para formar um grupo único, semelhante a uma colcha de retalhos, e que podemos chamar de nossa LES.

Por fim, seja nas atividades da Barra, do Asilo, ou das reuniões teóricas (em que estudamos coisas fundamentais e geralmente negligenciadas, como a realidade das pessoas, o processo do adoecer, a visão sobre a doença e a vida, a visão sobre a morte e o morrer, e muitas outras coisas), percebo que muito foi aprendido, que nos tornamos pessoas melhores, e que também sempre temos o que aprender.

Certa vez, em uma reunião teórica, percebemos que nossa LES é diferente de outros programas, porque não é apenas uma Liga acadêmica de disciplina, ela é uma liga de habilidades. É uma liga que nos faz desenvolver a habilidade de saber ouvir, a habilidade de comunicar, a habilidade de aprender, e a habilidade de ser humano com aquele que estabelecemos contato. É muito gratificante fazer parte de tudo isso.

Relembrando...



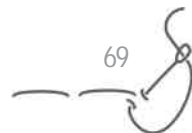
Clarissa Resende Corrêa

Publicado originalmente no blog da LES (lesfurg.blogspot.com) no dia 14 de maio de 2013.

Hoje tive o privilégio de me lembrar como eu entrei na medicina, como foi bom e estranho sentir-se uma página em branco prestes a ser preenchida com tanto conhecimento novo e instigante. Lembrei-me de como é aquela sensação de estar no início de uma nova etapa e me deu saudade. Saudade dos inícios, saudade de quando tudo é expectativa e sonho, saudade daquela sensação que se tem ao abrir uma revista nova, com aquele cheiro de plástico novo.

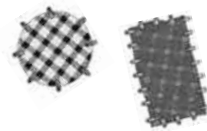
Assim resolvi escrever, resolvi pegar essa página em branco e relembrar todos os momentos bons que passei na LES. Ah, foram muitos, a começar pelo primeiro contato quando eu, uma monitora de anatomia e aspirante a cirurgiã, encontrei dois alunos do primeiro ano cheios de idéias malucas. Depois de um tempo, por mais que eu não quisesse ouvir e nem quisesse saber daquilo, eles foram me conquistando, acho que essa é a palavra, a LES surgiu como um romance na minha vida, eu não tive acolhida como a maioria dos alunos que hoje faz parte da LES, eu fui conquistada, eu fui dominada por um sentimento de curiosidade e de esperança.

E o segundo ano passou e eu, finalmente, não resisti e no início do meu terceiro ano de medicina fui a minha primeira reunião da Liga de Educação e Saúde. Na época, LES pra mim



era Lúpus Eritematoso Sistêmico, a doença do House. Cheguei na minha primeira reunião incomodada, queria saber mais sobre aquelas ideias tão malucas antes e que agora pareciam ter tanto a ver com o que eu sentia, e claro que eu, filha de professores, irmã de duas professoras, já havia ouvido falar em Paulo Freire, porém o enfoque que LES deu pra ele foi como se um mundo estivesse se descortinado na minha frente. Repentinamente, a medicina tinha voltado a ter o tom e a cor que tanto faltavam pra mim naquele momento.

Acabei descobrindo o quanto é bom ouvir aquele sujeito atrás da mesa no ambulatório, o tal do paciente, que hoje pra mim tem nome, é o seu João, pescador que toma umas caninhas, às vezes, mas que hoje já sabe que não pode mais, ou é a Dona Maria que tem tanto carinho por mim e me espera sempre com um sorriso largo e firme, apesar de estar em uma maca no corredor e com muita dor, eu sei que ela confia em mim e eu confio nela, e também no seu João. Hoje eu não tenho mais uma relação estritamente objetiva e profissional com os pacientes, ao contrário do que a Semiologia me ensinou, nem sempre o Porto tem razão, às vezes a dor é doída mesmo, nem sempre ela tem um caráter, talvez o caráter da dor seja o mesmo caráter da minha dor, talvez seja frustração por estar na maca ou a tristeza por saber que o meu problema parece não ter solução. De qualquer forma, ter a confiança em dizer que o problema é nosso, meu e do meu amigo paciente, me fez uma acadêmica de medicina melhor, me fez um ser humano melhor e eu sei que me fará uma médica melhor, mesmo eu querendo ser cirurgiã.



LES, no Plural

Juliana Batista Rocha da Silva

Mas, quando falo dessas pequenas felicidades certas, que estão diante de cada janela, uns dizem que essas coisas não existem, outros que só existem diante das minhas janelas, e outros, finalmente, que é preciso aprender a olhar, para poder vê-las assim.” - A arte de ser feliz, Cecília Meireles

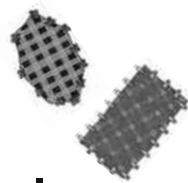
Certa manhã, eu e muitos outros calouros da FURG fomos convidados a conhecer a Liga da Educação em Saúde. A LES. Junto com o convite, veio um relato de um membro da liga, cujo título era “Uma tarde para guardar debaixo de sete chaves”. Eu, que sempre gostei de ler, confesso que levei muito tempo para resgatar aquele texto, que ficou semanas embaixo de apostilas de anatomia, fisiologia e de todas as informações pré-requisito para o curso que escolhi, as quais, de início me fizeram deixar de lado prosas, poesias, sonetos... relatos. Assim como foi com a família, com os amigos, que ficaram longe, pensei que isso seria mais algo para o qual eu não teria mais tanto tempo que pudesse dispor. Há coisas, porém, que felizmente criam raízes dentro de nós. Sem ter vindo com um único livro na mala, comecei a procurar entre livros de Medicina e cadernos aquele texto. E ao terminar de lê-lo, eu senti a sensação de resgate, de encontro. Ou melhor, de reencontro. LES. Essa sigla começou a ter um significado para mim.

Nas reuniões teóricas da Liga, essa sensação foi fortalecida pelo que eu via, ouvia e falava. Diante de tantas mudanças, eu encontrei, longe de casa, um lugar tão acolhedor



quanto o meu quarto em Rio Grande e o aeroporto na ida para casa nas férias. Aeroporto mesmo, não avião. Nas noites de quinta-feira, a despressurização naquela sala é algo saudável; os efeitos, humanamente fisiológicos. Nunca esquecerei que coisa mais doce foi aquele corredor humano feito pelos membros da Liga antes da reunião, por onde passávamos de olhos fechados e recebíamos um cafuné, uma massagem no ombro, um afago no braço e do qual não se tinha pressa de passar... e com direito a um abraço no final daquele túnel! Hoje, atravesso esse corredor humano por dezenas de quilômetros; da sala de reunião do Hospital Universitário até a casinha branca, na Barra, onde ouço, reflito, construo e sou abraçada pelos ensinamentos de pessoas simples e sábias. Aprendi na Barra, sobretudo a me envolver, a aceitar os desafios; a olhar e ver. Lembro de quando assisti ao relato de uma das moradoras da comunidade da Barra, a dona Celina, dizendo que antes das reuniões com a Liga, sentia-se um “bichinho do mato”, tímida, sempre tentando se esconder, evitando falar. E como agora isso mudou para ela. Eu me vi nessas palavras e comentei com alguns colegas: “A LES faz isso com a gente...”.

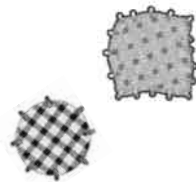
Depois das experiências do primeiro ano com a Liga, comecei a refletir como uma sigla tão minúscula e, de início, de sonoridade estranha aos meus ouvidos pôde me trazer tanto o que refletir. De fato, agora, escrevendo esse texto, eu me dei conta que LES não é só o significado para Liga de Educação em Saúde. O sentido se estendeu dentro dessas três letras. LES por si só é uma palavra, em espanhol. Um pronome. “Algo a alguém”. Plural. O vínculo. Pede mais de um complemento. O Asylo, a Barra. Somos todos. Isso é LES.



Uma história simples...

Rubens Caurio Lobato

Certa vez, conheci uns meninos e umas meninas
Todos de um sorriso farto e límpido
Alguns mais acanhados outros divertidos,
Mas todos com certo sentido.
De viver a vida, de buscar um rumo
De buscar um prumo...
Às vezes, entre anseios e ideologias
Buscamos dar sentido à palavra, ao contato
E muitas vezes, é no gesto, é de fato...
Apenas no olhar do outro, refletido na retina da menina que
mareja os olhos
Ao sentir que a fala da velha, que cuida de plantas
Sabe mais destas plantas que a própria ciência,
Pois tem no centro de seu conhecimento, uma imensa vivência.
Estas faces, estes olhos, estas falas que buscam sentidos
Se caso, algum dia, conseguirem ao menos olhar para dentro de si
Encontrarão lá dentro, bem no fundo, todas as respostas.
Certa vez, eu pensei que conhecia uns meninos e umas meninas...
Engano meu!
Eu, ao ver esses meninos e essas meninas, me re-conheci...
Olhei nos olhos deles e me vi...
Certa vez eu conheci uns meninos e umas meninas...
Certa vez eu conheci bons homens e boas mulheres!




Passou voando....

Roberto Conter Tavares

Nem consigo acreditar, mas três anos atrás, eu entrava pra LES. Muito perdido no início da Faculdade, a Liga foi um porto seguro para formar amizades e buscar uma base humanista, que em poucos lugares eu poderia encontrar. Amor à primeira vista? Não sei, mas como coisas boas ocorrem em lugares desconexos, o convite veio quando dois alunos do segundo ano (Arnildo e Mayara) entraram numa aula de anatomia e convidaram para o encontro falando de um tal de Paulo que eu nunca tinha ouvido falar, mas como diziam coisas que eu queria me aprofundar, decidi entrar nesta aventura, digo aventura por que às vezes, a faculdade te fecha tanto em uma sala de aula, que até ir ao mercado parece um grande passeio.

No início, meio desconfiado, eu demorei muito para dar minha primeira opinião, andava muito acostumado com aulas e diferente de tudo, a LES perguntava o que eu achava das coisas e tentava construir algo nas comunidades e grupos onde instalávamos. Participei de vários grupos e de reuniões memoráveis na comunidade e de outras que deu tudo errado, mas aprendi que na Liga a gente não desiste e amanhã dá pra tentar tudo de novo e de uma forma diferente. Fiz parte das reuniões com os jovens da escola CAIC-FURG e da turma do EJA, depois passei pro Grupo de Artesãs da Barra. Como diz um colega meu, “a gente não vê a Terra girar, mas ela gira”, assim não sei no que mudei, mas a mudança que observo em cada um que participa da LES é imensa. A Liga, como grupo, me



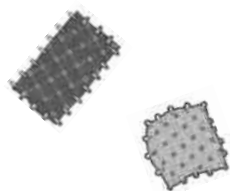
ajudou quando não conhecia ninguém em Rio Grande, depois quando tive minhas primeiras dúvidas sobre ética médica, relação médico-paciente e promoção de saúde, além do apoio quando meus familiares tiveram problemas de saúde.

Ao entrar para a Liga, eu nem sabia, mas entrava para um novo mundo de discussões e para uma família diferente, onde as vivências que tive ao longo destes anos fizeram valer à pena cada dia em Rio Grande. Um grande abraço para todos os colegas que fizeram e fazem história na Liga de Educação e Saúde.

Versinho

Nara Maria Pinheiro Almeida

És o céu acima da água
És a luz do claro dia
És menina delicada
És da minha simpatia.



A Bolha

Patrícia Weiber Schettini Figueiredo



Passando entre o ensino militar e colégios católicos com as “tias freiras” e os padres que até subiam na árvore de jambo ao meu pedido, cheguei na Universidade Federal do Rio Grande para cursar a minha tão sonhada medicina.

Confesso que pensava que seria um tanto diferente, mais Grey's Anatomy do que lâminas histológicas, peças de patologia e tudo aquilo que tinha esquecido de anexar na minha medicina da infância.

Adentrando ao curso, tivemos uma semana de acolhida que achava bem sobrecarregada de informação. Acostumada com horários quadrados e aulas redondas e bem delimitadas, me deparei com período integral, vários intervalos, conteúdo que precisava sempre aprofundar em casa. Pensava que nada seria possível. Sempre usei farda, roupa civil era só para ir passear no shopping com o namorado ou fazer um simulado do colégio no final de semana... o civil que resumia ao sapato fechado (tênis), não mostrar as pernas (calça) e camiseta com manga. E no inglês? Quando não ia de uniforme estava com mesmo “uniforme civil”.

Hoje, minha vida social se resume aos meus amigos da faculdade. Saímos para gulodices, comemorar aniversários e almoços de finais de semana. Minha overdose é desde frutas e sanduíches naturais a chocolate e coca-cola ao jogar no



computador com meus outros amigos, conversando, ou gritando no Skype (minha sorte é ter vizinhos muito queridos).

Minha amiga me convidou para entrar em uma liga, A Liga de Educação em Saúde, nossa LES. O que é isso? Não me lembro... devia estar cochilando entre uma apresentação ou outra na semana da acolhida... o que importa é que como todo calouro, eu fui na primeira reunião! Olha! A menina e o menino que vi em um vídeo do youtube cantando uma música do "O Teatro Mágico" usando baldes. Não conhecia nada de Rio Grande, busquei informações na internet, joguei no Youtube, Google, Facebook, até no Orkut.

Começaram as práticas, caí em um grupo de adolescentes... eram adolescentes que tinham vários irmãos, cada um com pais diferentes, cada um contribuindo para a renda familiar ou mesmo pensando em sexo e gravidez aos seus 12 anos. Onde eu fui me meter? Que mundo é esse?

"Ploct!"

É engraçado o susto inicial que levamos, quando saímos de nossa "bolha", do mundo "perfeito e regrado". Falo em susto inicial, mas cada encontro com os grupos vem cheio de novidades, o que era susto, vira encanto, e o perfeito e regrado que se deteriora, vira capacidade de compreender o ser humano. Cada encontro da LES tinha alguma atividade em grupo, para cada participante falar um pouco de si, ou ao menos "falar" um pouquinho. Muitos ficam tímidos (eu sou um grande exemplo), ou tem uma resistência para participar. Mas com o tempo, com os encontros, construímos um vínculo ímpar, que se tem saudades daquele grupo, saudades de poder tentar levar algum assunto para a discussão que o grupo escolheu.

No CAIC me deparei com alunos que estavam envolvidos com algum tráfico de drogas e assuntos que sempre foram "de jornal e televisão" pra mim. Eram alunos participativos, que se diziam até grandes cozinheiros para podermos fazer alguma pizza durante nossas atividades! Será que aquele pensamento de "marginais" que eu tinha sempre foi

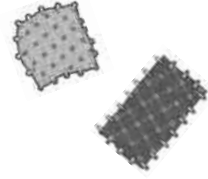
errado? Será que aquilo de “fazendo isso por vontade própria” não é algo a se pensar melhor? São pessoas como qualquer outras.

Outro motivo que me deixou com um pé, ou dois pés atrás (ou quem sabe o corpo inteiro) foi saber que existia desrespeito a professores, destruição do ambiente escolar, entre outros aspectos. Quem destrói o próprio colégio? “Meu coração quase pulou na boca com isso” ... Embora já tivera alguns colegas que faziam “artes” pelo colégio, mas eu via tudo de uma forma completamente diferente. Tive grande receio de não nos receberem.

Ao contrário do que temia, eles foram extremamente receptivos, com brincadeiras, conversas, participativos nas atividades. É... são “crianças” também que adoram fazer “arte”. Não basta informação e oportunidade”, se não existe uma orientação direta, muitas vezes. Seria o mesmo que falar que todos que erram nas provas é por vagabundagem. Informação tem no livro, se precisar de auxílio para dúvidas, o professor. É o aluno envergonhado, o que sofre bullying, o que possui déficit de atenção, o que está preocupado com um problema familiar durante as aulas, entre outros... eles muitas vezes não tem coragem de perguntar, de ficar mais próximos dos professores e acabam por errar nas provas. Não é falta de informação nem de oportunidade.

Logo teve a “greve das federais” e tivemos que nos afastar do grupo para viajar para a casa dos nossos pais. A saudade permaneceu, e no retorno, saber que o grupo estava para se formar e não poderíamos mais continuar nossos encontros foi a síntese da saudade em luto.

Hoje estou afastada das reuniões da LES, mas sempre serei muito grata a tudo que aprendi. Quando vejo o modo de alguns professores manejarem o paciente, a sensibilidade e a graciosidade, espero que eu também consiga levar para toda minha vida profissional, essa graciosidade de técnica e carinho pelo ser humano!



Seu Juan: Pai, pescador e filho de Iemanjá

Juan Lourenço Hulmo e Jean Veronese de Souza

Sento-me diante dessas folhas em branco para transcrever sentimentos que embora não sejam meus, compõe uma vida de histórias e experiências de alguém que mudou à sua maneira o meio em que vivia, alguém que participou de processos em tempos distintos dos meus, porém que compartilha de sentimentos similares aos meus.

Após um ano de trabalho no Asylo dos Pobres, vejo que as histórias dessas pessoas não devem ser perdidas ou esquecidas e que o valor de cada indivíduo precisa ser guardado e apreciado. Aviso que o mais importante segue não passível de escrita ou descrição e que apenas a vivência desse momento representa a riqueza da conversa que travo com meu amigo Juan nessa tarde de sexta-feira.

“Meu nome é Juan Lourenço Hulmo e nasci no Uruguai há 66 anos. Quando tinha 10 anos minha mãe se separou de meu pai e tive que começar a trabalhar no mercado de frutas para ajudar minhas 2 irmãs. Com 11 anos, decidi conhecer o mundo e fui parar no Chuy, na década de 1970, quando cruzei a fronteira e fui morar em Rio Grande.

Durante uma partida de futebol, conheci Simone com quem me juntei e tive 3 filhos, 2 meninas e 1 menino. Vivemos

por 8 anos juntos quando nos separamos por causa de ciúmes dela. Nessa época, trabalhei como pescador, na Barra, época em que passava 15 dias embarcado por mês.

Em seguida meu pai faleceu e fui morar em sua casa, no Cassino, onde morava com meus filhos. Nesse período juntei-me com Cátia, já conhecida minha, com quem tive uma filha, hoje com 22 anos. Vivi com ela por 4 anos.

Durante minha vida, trabalhei como pedreiro, no Cassino, e pescador. Pescava com meu amigo Henrique, com quem pescava com redes de arrasto. Eu ficava como remador das canoas carregadas com até 30 caixas de peixes, quantia que se reduziu com o passar dos anos.

O galpão em que ficava na época de pesca, na Beira da praia, era visitada por pinguins sujos de óleo, quem muitas vezes lavei e alimentei até sua recuperação. Nessa época vi também tartarugas marinhas, baleias (que passavam muito perto da nossa canoa), golfinhos e lobos marinhos, esses últimos muito brabos, que tinham que ser expulsos do barco quando pegos por engano."

Rio Grande, 29 de novembro de 2013.



Modelando o Caminho da Vida

Suzana Camargo Reis

Uma coisa muito importante para mim foi a chegada da Liga de Educação em Saúde na Barra. Lembro, que era uma tarde de terça-feira, e eu estava reunida com nosso grupo do GAB (Grupo de Artesãs da Barra), e de repente chega a Mayara com o Wagner Passos que nos dava umas dicas sobre cores e pinturas.

Não pude dar muita atenção ao assunto, porque estávamos em uma encomenda grande, mas no intervalo ela se apresentou e nos falou sobre saúde, que era uma coisa que a gente nunca tinha parado para pensar direito. Ela falou que existia uma Liga, que se chamava Liga de Educação em Saúde, e perguntou se eles poderiam desenvolver algumas atividades na Barra. Falei que iria pensar e falar com o grupo. O grupo disse que sim, e iríamos ver o que aconteceria.

Na outra semana o pessoal da Liga voltou, e outra coisa que marcou muito foi que justamente era aniversário do nosso grupo de artesanato. O Luan me ligou para confirmar, e eu disse que iríamos conversar na medida do possível, mas que estávamos trabalhando bastante. E foi legal, porque acabamos falando do nosso artesanato, do nosso trabalho.

Na sexta-feira seguinte, foi a primeira reunião fora do

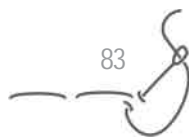
nosso grupo de trabalho do GAB. Era uma tarde muito bonita. Ficamos sabendo mais sobre a Liga, sobre os nossos direitos do SUS, e sobre algumas dúvidas que a gente tinha (como pressão alta, postura, anatomia humana).

Depois o grupo da LES perguntou se poderíamos nos reunir no sábado, atender a um pessoal que estava vindo de fora e queria conhecer o nosso trabalho (eram o Ernande Valentin do Prado, a Maria Amélia Mano e o Júlio Wong Un). E foi muito bacana, pudemos conversar bastante, decidimos conhecer um pouco mais a Barra, a praia e os lugares, tomamos café, conhecemos todo o grupo da LES, foi uma tarde muito bacana.

E naquele dia foi uma emoção olhar para o rostinho de cada um e ver pessoas tão jovens, e com tanta vontade de fazer um mundo melhor, em uma área tão importante. Pintou uma curiosidade sobre a minha saúde, a saúde dos meus filhos. E me fez lembrar do nosso grupo do GAB, quando tudo começou lá atrás, com pessoas tão jovens como os que estavam lá.

Então continuamos com os nossos encontros até que chegamos ao termo de que a nossa comunidade estava sem assistência, mas que também temos direitos, e de que poderíamos criar um Conselho Local de Saúde e lutarmos por uma saúde melhor. E isso é uma coisa que se a Liga não tivesse vindo teria passado em branco. Descobrimos que temos direito à vida. Para nós, foi muito importante porque a gente acompanha muita coisa complicada aqui no Posto de Saúde, de pessoas que procuravam atendimento médico e quando chegavam lá não conseguiam, e que acabavam se auto-medicando, o que era um perigo porque acabavam indo ainda piores do que estavam para o hospital, ou de gente que nem procurava mais ajuda, porque sabia que não seria atendido. Eu tive sorte que sempre pude contar com o meu marido e com os meus filhos, mas também muitas vezes tive cólica de rins e tive que me medicar para poder aguentar até o outro dia.

Mas a Liga também acabou se tornando mais um elo na corrente, mais uma parte da nossa família. Ela chegou até nós, e de nós chegou até a nossa família, e quanto mais a gente se ajuda,



melhor é.

E os médicos tem que ser assim. Aqui na Barra a gente teve a enfermeira Valda, que conhecia as famílias e conseguia fazer muita coisa, e se ela conseguia, por que não o médico? Tivemos outras pessoas assim aqui, até o pediatra que salvou um dos meus filhos.

A gente precisa de gente que vê o porque que as coisas acontecem. Se a pessoa está doente, saber se alguém da família já teve, e confiar mesmo, porque fica mais fácil que passar de médico em médico.

Com todo esse movimento desde que a Liga chegou, nós já conseguimos pediatra. E esperamos, que agora com o Conselho Local de Saúde, a gente consiga uma estratégia de Saúde de Família, e que as coisas melhorem. Além disso, esperamos que outras comunidades tenham projetos como este, e que possam resolver juntos os problemas, inclusive de médicos, e de estruturas também.

A gente espera, que como grupo, a gente dê continuidade, e que outros colegas também repassem para outras comunidades. As pessoas têm que saber e correr atrás disso. O médico fala: "- não pode comer isso, tem que fazer aquilo", mas por quê? A Liga trouxe a solução também, além de ouvir o que os médicos falam, a gente entende o porquê de ele falar isso, e também o que fazer para se adaptar às coisas. Antigamente eu cheguei a pensar que não podia comer mais nada, só tomar água, e não sabia porque me mandavam fazer isso, e como eu ia fazer uma dieta se eu tenho uma família que também ia acabar tendo que fazer? Depois da Liga ficou mais fácil, porque se antes eu diminuía o sal por causa do Gonzalo (meu esposo) e eu ficava com pressão baixa, hoje eu já sei que tem alternativas, que eu posso mudar o tempero, sei o que faz bem. A Liga não mostrou só o problema, mostrou a solução também. E isso para as dores que a gente sentia por trabalhar na postura errada, e para outras coisas que a gente conversou aqui.

Outra coisa muito importante que eu gostaria de deixar

— — —

bem claro é a importância da FURG disponibilizar essa prática, e possibilitar aos alunos conhecer a realidade na prática. Porque como você vai me cobrar alguma coisa se você não sabe quem eu sou e como eu vivo? Agora não, agora se sabe a realidade, e as coisas não ficam só naquilo que está nos livros. Na prática, só quem conhece a realidade pode entender, e a prática que é tão importante somos nós, é gente conhecendo gente, e isso é muito legal.

É importante também que outras comunidades estejam, assim como a nossa comunidade, de portas abertas, porque a gente aprende, a gente ensina, a gente passa para outros, e passa a ver coisas que antes a gente nem reparava. Antes a gente falava do corpo humano, mas onde estão as coisas? Eu tenho pancreatite, mas o que é o pâncreas? E essas descobertas são muito importantes.

Eu também espero que o nosso grupo cresça e mais gente aproveite disso que é tão bacana. Eu sei que às vezes é muito complicado sair de casa, e eu também já passei por isso, até a gente dar o primeiro passo e ver o que está acontecendo ali fora, e no próximo passo a gente se une, e no próximo a gente passa adiante isso tudo.

Para mim é muito importante, e eu fico muito feliz, porque eu já passei por muitas coisas na vida mas sempre tive essa vontade de fazer diferente para os meus filhos, levar coisas boas para a minha família. E fui criando os meus filhos, sobrinhos, irmãos, fazia pastéis e bolinhos para vender, e eu descobri uma força que eu nem sabia que tinha. Hoje eu vejo meus filhos criados, trabalhadores, de bom coração, e as pessoas elogiam. E isso tudo é mais um elo entre a gente.




A influência da Liga em minha vida

Thiago Medeiros

Sou acadêmico de medicina do primeiro ano, tenho 23 anos minha chegada na liga foi devido a um convite de um colega, que queria entrar para a liga. Então fomos a uma reunião, que seria após as nossas aulas, de início me pareceu normal, como qualquer outro grupo, onde havia conversas e debates, relacionados à medicina e à saúde coletiva.

Ao passar do tempo, iniciou-se as atividades práticas da liga, nas quais, a liga faz uma atividade no Asylo dos Pobres de Rio Grande, e uma outra atividade com um grupo de artesãs, moradoras da comunidade da Barra, um bairro que fica próximo à praia e perto de um dos mais bonitos pontos turísticos de Rio Grande, “os molhes da Barra”. Resolvi fazer minhas atividades práticas com o grupo da Barra.

Na comunidade da Barra, a liga faz diversas atividades com esse grupo de artesãs, levando assuntos relacionados à saúde e orientando sobre os direitos daqueles moradores em relação ao SUS. De início, na minha primeira visita a essa comunidade, eu cheguei meio tímido, fiquei só olhando, mal sabia como falar ou me expressar, pra mim, que sou aluno do primeiro ano, tudo aquilo ainda era muito novo, mas constatei que havia gostado muito daquela minha primeira atividade. Ao passar do tempo, após algumas reuniões e atividades práticas, fui perdendo essa



timidez e começando a me relacionar e criando mais vínculos com essas artesãs. Percebi então, que a liga havia me mostrado uma outra realidade, uma medicina que eu não conhecia até então, sabia que existia, mas que para mim até então não tinha muito interesse, que é a medicina da família. Assim que começamos a cursar medicina, uma nova fase começa em nossas vidas, a dedicação aos estudos, o fato de abrir mão de muitas coisas e principalmente do convívio de nossas famílias e amigos.

Porém, a maioria dos estudantes, inicia o curso com um pensamento formado, sobre qual especialidade querer fazer futuramente. Muitas vezes, isso ocorre devido a opiniões de amigos e familiares. Comigo isso não foi muito diferente, tive muitos conselhos e opiniões, sobre o que fazer. A medicina de família, em nenhum momento esteve presente nesses assuntos. A liga de Educação em Saúde foi essencial para essa minha escolha, de querer então futuramente fazer medicina da família. A liga com suas reuniões relacionadas à saúde coletiva, relacionamento médico - paciente, e com as suas atividades práticas na Barra com aquele grupo de artesãs, revelou-me que eu gostava de fazer aquilo, gostava de estar ali, e eu me interessava cada vez mais. Eu sei que ainda é muito cedo, e que faltam mais alguns anos até me formar e decidir qual especialidade seguir. Mas, de início graças à Liga de Educação em Saúde, eu já posso dizer que já tenho uma pré-decisão formada, a Medicina de Família e Comunidade.



Uma tarde para guardar debaixo de 7 chaves

Jéssica Pereira Sauer

Publicado originalmente no blog da LES (lesfurg.blogspot.com) no dia 3 de maio de 2013.

Era uma tarde ensolarada de terça-feira. Cheguei. Procurei-a, e lá estava ela, cabelos grisalhos, perambulando de um lado para outro em sua cadeira de rodas, inquieta, incompreendida, com pressa, repetindo que estava com frio, reclamando em voz baixa.

Aproximei-me ansiosa, tinha uma surpresa para ela. Naquele dia, aquela senhora tão exigente era um motivo muito especial para eu estar ali.

Ao me ver, no entanto, eu fui apenas mais uma no seu caminho, a quem falou que estava com frio, resmungou algo que não consegui entender, e já ia desviando seu rumo. Mas percebeu que eu continuava ali, olhando-a, e então virou-se novamente para mim, como que estranhando meu comportamento. Pelo visto, há muito não haviam olhado realmente para ela...

Em pouco tempo de conversa, entreguei a ela o que tinha trazido: um pacotinho transparente com um doce abóbora dentro. Era o doce de abóbora que quisera na semana anterior e não encontrara alguém que lhe satisfizesse a vontade. Ah como

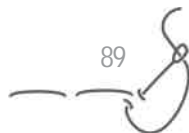
seus olhos brilharam! Aquele rosto antes tão magoado transformara-se em tão pouco tempo. Sorria, mas não sorria só com os lábios, e sim também com os olhos e com a alma. Agradeceu-me de uma forma que lembrarei por toda minha vida, e abriu apressada o pacote que envolvia seu tão desejado doce. Segurava aquilo que tanto quisera com as duas mãos, como se fosse a coisa mais preciosa do mundo, saboreava, e sorria.

Confesso que aquela senhora antes tão sozinha por ali, foi capaz de provocar em mim um sentimento indescritível, um misto de grande felicidade e esperança. Éramos então como duas crianças que acabaram de ganhar um grande presente, felizes, trocando olhares de agradecimento mútuo.

Após um tempo apreciando aquele momento, ela disse, olhando-me profundamente, que gostara muito de mim, queria saber sobre minha vida, apresentar-me toda sua família, ter-me por perto, e disse que queria me ajudar em tudo que eu precisasse. Toda a dureza transformara-se em tamanha doçura, agora sentia que havia alguém com ela, esquecera suas reclamações, era outra pessoa.

Contou-me sobre sua vida, abriu-se como uma criança que conta seus segredos. Sinceramente, hoje penso até que ponto as histórias que me contara aconteceram realmente ou foram fruto das marcas que sua doença lhe trouxera, mas naquele momento aquilo não importava, só conseguia me encantar com a beleza daquela experiência, de poder compartilhar com ela tudo aquilo, de ter representado alguém com quem ela pudesse se abrir, de ter satisfeito um desejo que lhe era tão importante...

Após um tempo, no entanto, como que passando o seu tempo, ela fora voltando ao seu mundo, aquele que ia além do que eu conseguia ir, voltando a sentir o frio que não passava, voltando a viver no passado que ela não conseguia separar do presente. E eu fui deixando-a ir. Não sabia, e me pergunto ainda hoje, como seria viver esse mundo paralelo? Será que ele é tal qual fora seu passado? Ou talvez contenha desejos do passado que não pôde realizar e que agora se concretizem? Será uma maneira de refugiar-se do presente? Até que ponto é real? Para



ela o é... São perguntas que me faço e que talvez nunca saberei responder. E por não saber simplesmente fiquei ali e deixei-la ir e vivê-lo.

E assim vivi um dos momentos mais incríveis de minha vida, ao lado de uma joia quase esquecida, de uma rica senhora... Rica em histórias, em doçura e em capacidade de apreciar coisas simples. Espero que, ao contrário da memória que se vai, o sentimento que nossa experiência nos trouxe não se esvaia, que seja guardado debaixo de sete chaves e dentro do coração...

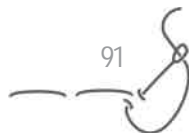


A Educação que Adoece

Luan Menezes

Publicado originalmente no blog da LES (lesfurg.blogspot.com) no dia 31 de agosto de 2012.

Conta-se que certa vez um homem procurou um médico queixando-se de tristeza excessiva. Ao se olhar para o homem, logo era possível notar o grau de sua tristeza. Olhos murchos, corpo curvado, andar cansado e um tom de voz sem encanto. De sua boca saíam apenas sussurros, audíveis somente por causa do silêncio que se fazia no consultório médico. O paciente reclamava de ter pensamentos ruins, de estar sempre cansado e com falta de vontade para tudo, inclusive para pensar. O médico afirmou que ele deveria ouvir música, sair para passear, fazer alguma atividade física ou algo que lhe desse prazer. O paciente, sempre com a voz baixa e sem emoção, argumentou que era difícil dormir e depois que o fazia, acordar se tornava um fardo. Ouvir música? Como? Se nem mesmo sua própria voz gostava de escutar. E além do mais, se pudesse fazer tudo isso, não estaria procurando um médico. O caso era grave, mas o profissional, em uma última tentativa de solução, aconselhou que ele visitasse o circo da cidade. Contou que existia um palhaço nesse circo de nome Esbagliati, e tal palhaço animava a todos, homem ou mulher, criança ou idoso e até mesmo o mais carrancudo dos empresários caía na gargalhada depois de cinco ou dez minutos de show. Foi o primeiro esboço de sorriso feito pelo paciente ao ouvir isso,



durou pouco, logo depois veio uma lágrima. O triste homem olhou sério para o esperançoso médico, e com esforço lhe disse, olhando dentro de seus olhos. Mas doutor, eu sou o palhaço Esbagliati.

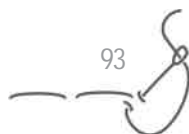
Quem cuida de quem deve cuidar? A saúde dos estudantes de cursos da área de saúde é geralmente negligenciada. Na faculdade, passamos por provas, noites mal dormidas, alimentação inadequada, estresse, saudade, angústia, tristeza e tantas outras emoções e hábitos que corroem o corpo e a mente dos estudantes. E quase nunca recebemos amparo por parte da universidade para que não acabemos adoecendo. A estrutura dos cursos não ajuda. Somos levados a crer que devemos encarar tudo como uma corrida, cujo final chegará ao término do curso, como se não houvesse vida pós-formatura. Nessa corrida, não há tempo para olhar para trás, nem para o lado, não podemos parar para dar de beber a quem já não aguenta mais correr. Só pensamos nisso quando a sede nos ataca. A distância dos professores impede qualquer tipo de ajuda ou auxílio nesse sentido. A distância que criamos de nossos amigos, os quais são vistos em sala de aula como uma nuca, afinal nos sentamos um atrás do outro sempre olhando para frente, faz com que não tenhamos nestes uma fonte segura do cuidar. Sentimos medo inclusive de chorar na frente deles. No final, criamos distância de nós mesmos, pois aos poucos, vamos deixando de ser para ter. Ter boas notas, ter um currículo bom, ter aquele estágio que tanto queremos, ter uma boa orientação etc. Se éramos cantores, bailarinos, escritores, deixamos de ser. Tudo em nome de nossa profissão, como ser médico, enfermeiro, nutricionista, exigisse de nós menos arte e mais técnica. Quando estamos longe de nós, nem percebemos o quanto estamos doentes, até que o corpo e a mente sentem sede e pedem água.

O grande problema de tudo isso, é que, se a universidade se propõe a ser um ambiente de ensinagem, é necessário que cuide de seus estudantes e professores. Aqui abordo pouco a questão dos professores, deixo para outra oportunidade. Mas em relação aos estudantes, parte inerente de seu aprendizado ocorrerá apenas se este se encontrar dotado de saúde. Doentes, de uma doença causada por distância, jamais trocaremos saberes

ou estaremos seguros para contribuir com a academia. Com isso vamos nos tornando cada vez mais passivos, permitindo o ensino bancário criticado por Freire, e assim perde-se a educação e passamos ao adestramento. Se percebermos bem, tudo o que nos é cobrado como dedicação, participação, contribuição e criatividade, somente é possível se nos sentirmos bem. E quem liga para o que sentimos na faculdade?

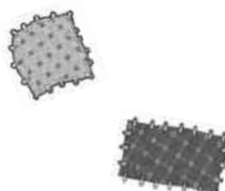
Mas então como acabamos com esse problema? Primeiramente juntos. Se pensarmos profundamente, perceberemos que todo o poder da universidade está em reunir pessoas. É por isso, que acabar com suas paredes e estendê-la para a comunidade inteira, seria fortalecê-la. Ora, se a universidade reúne diversos indivíduos, com diferentes experiências, saberes, idades e em diferentes posições, como professores e alunos, por que não aproximar todos e promover o cuidado entre eles? Sabemos que grupos podem ser muito terapêuticos e que promover o cuidado dentro de um grupo é uma forma efetiva de diminuir a violência e promover a saúde. Patch Adams, que infelizmente ficou conhecido por conta de um filme sobre sua vida, discursa em prol de tal ideia. Não seria excelente, se ao invés de cinquenta alunos em uma sala, sentados um atrás do outro, tivéssemos uma roda com poucas pessoas discutindo e interagindo entre si? Não seria bom se nossos professores pudessem nos acompanhar de perto e ver quais nossos medos e dificuldades, aflições e angústias, muitas das quais eles já passaram, e com isso traçar conosco uma rota para superação? Por que pouquíssimas vezes acompanhamos nossos professores em seus trabalhos? Por que isso só ocorre em algumas disciplinas? Por que jamais temos momentos de construção conjunta de saberes? Tudo isso poderia ser resumido em uma ideia, aproximar pessoas e não separá-las. Realçar o ser e não o ter. E como somos aquilo que compartilhamos, faz todo sentido que da troca de saberes surja o fortalecimento do grupo.

A segunda atitude a ser tomada, é olhar para a universidade além de suas paredes e entender que estamos nela para um processo de construção. Tal processo jamais terá fim e precisamos trabalhar constantemente para que tenhamos energia para continuar construindo. Não é o objetivo da universidade



ensinar através do medo, filtrar capazes de não capazes, moldar homens melhores, separar os mais aptos. Essas atitudes acabam criando a falsa visão de que devemos saber mais que nossos colegas, quando, mais uma vez citando Freire, ninguém sabe mais do que ninguém.

Precisamos, por fim, transformar a universidade em um local onde nos seja ensinado a nos aproximar uns dos outros, para assim olharmos para o que somos. Essa é a única maneira de cuidar e de sermos cuidados, para que tenhamos um novo paradigma dentro da educação. Paradigma este que esteja de acordo com a máxima de que os homens se educam entre si (cansado de Paulo Freire, né?). Afinal, educação é como abraço, não tem sentido fazer sozinho.



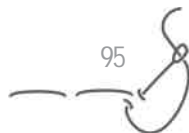
Viagem a Santa Catarina, um sonho realizado!

Ledeni Alves dos Santos, Gabriel Loterio Marques, Jéssica P. Sauer,
Thiago Medeiros e Luan Menezes

Sábado ensolarado e com muitas expectativas. Tínhamos, à nossa espera, uma pessoinha muito especial nos esperando na longínqua comunidade Vila da Barra. Pegamos o ônibus, encontramos a casa em que ela mora, e pudemos encontrar a nossa querida Ledenir, conhecida como Leda, nos esperando. Perguntamos se ela lembrava da nossa visita, e ela respondeu que estava esperando desde manhã. E fomos muito bem recebidos, viu? Conhecemos a filha e o esposo da Leda, conversamos bastante, conhecemos histórias da Barra, recebemos bolo de chocolate recém saído do forno, lavamos a louça, e firmamos ainda mais a amizade que viemos construindo ao longo do tempo. Lá pelas tantas resolvemos sentar para escrever, a mãos unidas, uma história que foi escolhida pela Leda e marcou a vida daquela pessoa tão querida pela nossa Liga de Educação em Saúde. Algo para ser registrado e mostrado para os netos.

E ficamos sabendo da seguinte história, contada com entusiasmo:

Meu marido, devido ao trabalho de pescador, estava sempre indo até



Santa Catarina, embarcado no seu barco de pesca. E eu sempre tinha essa curiosidade de pelo menos conhecer aquele lugar de que tanto me falavam.

Assim foi por um tempo, até que ele comprou um bote e parou de trabalhar por lá. Achei que depois disso não iria mais ter a oportunidade de conhecer Santa Catarina, pois se não pude ir enquanto ele trabalhava lá, também não iria depois que ele parou.

Nesse meio tempo passei a trabalhar com artesanato na Igreja, onde conheci uma Madre que muito lutou por algumas coisas para nós. Conheci também outras pessoas, que no futuro iriam começar o Grupo de Artesãs da Barra (GAB).

O tempo foi passando, a filha foi crescendo, e a ideia de conhecer Santa Catarina foi sendo esquecida. Mal imaginava eu que esse mesmo grupo, me daria a oportunidade de conhecer Santa Catarina.

No dia 13 de maio – vou lembrar o dia para sempre - pude então ir, com minha filha e minhas colegas que também fazem artesanato, para Florianópolis para conhecer o Itamar.


Fiquei impressionada com todos aqueles morros, e a beleza daquele lugar. Tivemos a grande oportunidade de ficar em uma linda pousada, onde fomos bem tratados. Tínhamos a nossa disposição a casa mobiliada, café colonial, e podíamos ver um grande morro de árvores, na Barra da Lagoa, que pareciam ficar uma em cima da outra. Era tão bonito tudo aquilo! Também fomos a um rodízio de pizzas, tomamos sorvete, conhecemos o hospital das tartarugas, conhecemos artesanatos de outros lugares expostos na praça.

Conhecemos todo o Itamar, desde o museu até a área de tratamento dos animais marinhos. Adorei muito ter visto todos aqueles animais e poder ver um pouco do trabalho que é realizado por lá.

Apesar de o tempo estava chuvoso, aproveitamos muito, realizei um sonho, e vou lembrar para sempre.

Leda

E só pensávamos que as coisas podem sim se tornar



realidade, que coisas boas acontecem, e que histórias como essa se somam na bagagem de experiências que adquirimos em nossa vida.

Palavra perdida

Ariane Neuhaus

Existem muitos jeitos de nos comunicarmos com uma pessoa. Podemos tentar ser muito agradáveis, perguntar sobre tudo e ser gentis. Ou ainda podemos esperar a fala do outro; não forçar nada. Quando entrei no Asylo dos Pobres pela primeira vez, a experiência me dizia que idosos eram pessoas que precisavam da primeira abordagem. O silêncio era um inimigo, e ele seria combatido pela minha própria voz, se necessário. Usei extensamente desse recurso ao conversar com o seu Valdir, o primeiro idoso com quem tive contato lá dentro; cada comentário dele puxava uma pergunta minha, e outra resposta, e outra pergunta, e a naturalidade ia ralo abaixo. Eu olhava concentrada nos olhos e nas falas do senhor à minha frente, mas nossa conversa era uma espécie de teatro cansativo; estávamos (de alguma maneira que me parece estranha agora) discutindo. Foi quando ele me convidou para conhecer a sala principal do asilo. Andamos, e segui os passos do senhor. Pela primeira vez, eu me calava, eu era guiada. E, finalmente, eu deixava que os sons do ambiente chegassem até mim. Só então, entendi: eu não temia o silêncio! O que eu temia era perceber que havia pessoas lá dentro que não sabiam onde estavam. Pra ser sincera, eu temia ouvir o murmúrio de um senhor com demência, a queixa sussurrada de uma senhora ressentida pelo frio ou pela dor. Eu temia ouvir a solidão alheia... e não saber lidar com ela.

Chegando à sala principal, eu e seu Valdir nos sentamos em um dos sofás. A partir desse momento, não guiei mais a

conversa. Não evitei olhar os detalhes do ambiente, as outras pessoas em volta. Eu abri o espaço, e me surpreendi com a pessoa que se desdobrava, aos poucos, para mim. Percebi que minha visão sobre o idoso, em geral, era limitada e limitante. Ao ouvir um pouco da trajetória do seu Valdir, mesmo que brevemente, eu entrevi a bagagem enorme que a vida vai depositando em cada um. Eu vi mais claramente a criança que cresce e se torna homem e depois idoso; e como o tempo constrói e ao mesmo tempo desconstrói o ser humano de uma maneira bonita e dolorosa, simultaneamente. O idoso é uma vida toda, e isso precisa ser levado em consideração. Tive que elaborar muitos pensamentos e sentimentos, durante essa primeira experiência, e a cada visita ao asilo eu me surpreendo novamente. São extensas vidas lá dentro, muitas vezes deixadas de lado pela família ou simplesmente carentes de algumas palavras. Mas nunca carentes de uma palavra nossa: a palavra que eles desejam é a deles próprios. Eles querem deixar para nós aquilo que foi construído, recuperar a voz que eles achavam esquecida; seja para nos falar que sentem calor ou para nos relatar um episódio importante de suas vidas.

Acho que o maior objetivo de recuperar a palavra perdida é driblar o tempo, que se avizinha curto, deixando conosco um pouco de si. De todas as minhas vivências até hoje, no asilo, eu levo comigo que a solidão é circunstância e que a tristeza é consequência. Isso significa que cada conversa com os asilados beneficia ambas as partes, e que a tristeza pode ser afastada ou amenizada pelo ato mais básico de ouvir. Eu entendi que eu não preciso (e nem devo) saber lidar com todas as perdas. Eu só preciso entender, que às vezes, a minha presença (e só ela) é capaz de melhorar o dia de alguém e até de enriquecer a minha própria bagagem.

A Ao educador, as batatas!



Mayara Floss

Sempre gosto de falar que o meu pai é engenheiro florestal e a minha mãe é bióloga – talvez, goste de falar pela influência de tantos fatores diferentes principalmente em relação à natureza na minha formação. Claro que falei isso um dia na comunidade da Barra para a Celina, uma senhora muito simpática que tem um jardim vasto ao redor da sua casa, ali tem flores, árvores, plantas de chá, frutíferas, arbustos... Um “matagal” – como o filho dela diz, para ela um lugar harmonicamente organizado. E de fato é, porque ela conhece cada palmo daquele chão e daquelas plantas, tem uma mapa detalhado de onde fica cada planta, vaso, semente, flor.

Não raro, você passa na frente da casa da Celina e ela está caminhando levemente encurvada, remexendo em suas plantas. Ela quase sempre anda com um lenço amarrado na cabeça, sempre colorido, passeando pelo terreno. Quando está sentada na varanda fala com sua imensa sabedoria sobre os chás e as flores com sorrisos espertos e carinhosos.

Quando eu falei que meu pai era Engenheiro, ela parou e falou imediatamente: “Então você poderia trazer umas plantinhas para mim!”. Na verdade, ela corrigiu depois e disse que eu poderia “roubar” umas plantinhas para ela, afinal como ela explicou planta roubada “vinga melhor”, ela sempre brinca com a

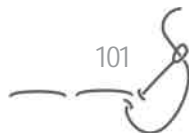
vizinhança que está com flores bonitas e que vai passar à noite para roubar uma muda da planta. Eu não esperava aquele pedido, mas não poderia negar.

Só que eu acho que a Celina esqueceu que eu moro cerca de 1000km de distância de Rio Grande, no oeste catarinense. Mas agora estava feito, estava comprometida em ajudar com ela no seu jardim. O que certamente ela gosta muito. Então, enquanto não ia para casa, comecei a pesquisar sobre armadilhas de caramujos (tem uma com uma lata de cerveja que funciona bem!), receitas caseiras para formigas, plantas medicinais, flores.

Comecei a levar para ela mudas, que conseguia comprar no centro, textos de livros sobre plantas medicinais que meu pai indicava, formas de plantar, épocas, colheitas. Mas ainda não tinha levado as tais "plantas roubadas", o que ela adorava me lembrar. Ela nem escolheu a planta, só colocou a condição "tem que ser de Santa Catarina", afinal a Celina é minha conterrânea.

Foi aí, então, que nas vésperas de um feriado, avisei a meu pai para preparar as "plantas roubadas" para quando eu voltasse do feriado, pudesse trazê-las. Foi aí que começou a saga das batatas yacón (*Smallanthus sonchifolius*), as quais meu pai pesquisava e estudando um pouco mais, descobri que elas são um importante alimento funcional, pois tem bastante frutano, um tipo de açúcar não absorvido pelo trato digestivo, sendo empregada na dieta adjuvante para pessoas com colesterol alto e diabetes.

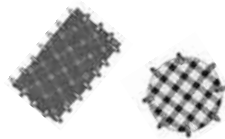
Meu pai tinha muitas batatas yacón no herbário de plantas medicinais, então não seria difícil "roubá-las" e eu gostava das tais batatas que são de origem andina e são consumidas cruas. Além disso, era época de plantar o yacón. Tudo minuciosamente calculado. Fui para casa e na hora de voltar, tinha a minha mala, uma mochila, meu travesseiro (companheiro inseparável) e uma caixa consideravelmente pesada carregada de mudas de batata yacón (estava levando as batatas para consumo para que pudessem experimentar). Em Porto Alegre eu teria que trocar de ônibus em pleno domingo de manhã, no feriado.



Quando eu estava atravessando a rodoviária de Porto Alegre, a duras penas, rompeu a parte debaixo da caixa (que havia sido reforçada) e as tais batatas saíram rolando para todos os lados. Tive que largar tudo para catar as batatas e improvisar em um saco plástico; uma cena cômica, pensando agora e desesperadora para um momento apertado, no qual eu tinha que correr para trocar de ônibus.

Mas consegui coletar as batatas naquela rodoviária vazia. Na sexta-feira seguinte, cheguei triunfante na comunidade carregando as batatas. Infelizmente, a Celina havia viajado para Santa Catarina naquela semana e não pude entregar as batatas para ela plantar. Mas as artesãs experimentaram as batatas, que lavi e cortei na cozinha na Unidade Básica de Saúde tradicional da Barra, durante o encontro da Liga de Educação em Saúde.

Os integrantes do grupo dividiram as batatas entre si e plantaram as mudas da Celina em um balde para entregar a ela quando ela voltasse de viagem. Hoje, elas já estão no jardim da Celina, com folhas verdes e mais ou menos meio metro de altura. E claro, ela já me pediu outras plantas "roubadas", depois que cumpri a promessa do yacón. E assim se faz também a Educação Popular, com batatas! Por isso, parafraseando Machado de Assis no seu livro Quincas Borba: "Ao educador, as batatas".



A esquina Zaloni não deve ser a mesma

Marcelino Passos Brum e Ana Maria Evangelista Ferreira

O asilo é um lugar aconchegante.

Rio Grande é uma cidade muito hospitaleira.

O trabalho da plataforma/estaleiro é acréscimo muito grande na área de desenvolvimento.

A visita dos gurus (LES) é muito importante. Nós nos sentimos bem.

Eu aprendi muitas coisas na vida me comunicando com as pessoas.

Com isso, vamos guardando através da escuta e da troca.

Aprendi a profissão de alfaiate; eu montava casacos.

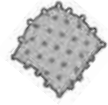
Ficava na Conde de Porto Alegre, esquina Zaloni, n.º303, ah, disso eu lembro bem!

Não era um serviço de stander¹; era sob medida.

Lá apareciam bancários, comerciantes, mas o povo simples da cidade também fazia encomendas de vez em quando.

Depois a indústria tomou conta. Os alfaiates em atividade se acabaram.

¹Em "serviço de stander" S. Marcelino faz menção a um termo, provavelmente da língua inglesa "standard", que ele usou para se referir a produtos encontrados à pronta entrega, nas lojas convencionais. Os casacos, portanto, não estavam disponíveis de forma imediata ao comprador. Para comprá-los era necessário que, primeiro, o cliente fosse até a loja para que o alfaiate verificasse as medidas e, a partir disso, iniciasse a confecção do vestuário.



Que É; Que Querem

Juliana Batista Rocha da Silva

Já ouviu falar que boas notícias são sempre trazidas por um passarinho?

Comigo não foi diferente;

Sim, eu vi um passarinho verde!

Perspícaz, encantador, instigante

O alado mensageiro das boas-novas.

Um dia, um deles passou por mim e, empolgado, disse:

“Pega ela! Pega ela! Pega!”

Olhei curiosa para todos os lados, procurando

E eu vi o que era.

Como uma pluma de suas asas, eu vi passar

O que todos queremos preservar

Alguns até recuperar

Pois é o que mantém viva a alma de gente

Que é

Que quer.

Essa esperança me pegou pela mão e me trouxe até aqui

E aqui chegando, eu vi

Sim, eu vi vários passarinhos verdes!

Que são

Que querem.

Hoje, alçamos voos juntos com muitos outros

Que vamos encontrando pelo caminho

E essas plumas de esperança passeiam

Pelos olhos, pelos sorrisos,

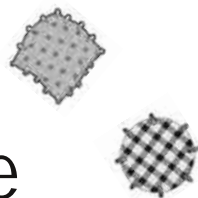
Pelas palavras,


Pela vida de cada um.

Desde que os encontrei, estou me sentindo meio diferente...

Acho que estou me tornando um também!

Entre Memórias e Sorrisos



Marina Anzolin e Luan Menezes

Publicado originalmente no blog da LES (lesfurg.blogspot.com) no dia 24 de abril de 2013.

Estava sentada ao lado do seu namorado. Fizemos um cumprimento e apenas esse gesto iniciou a conversa. Setenta anos, olhar mutante, passava da tranquilidade apática para a inquietude curiosa em instantes, e tão logo ficávamos admirados com essa nova forma de olhar e ele já estava perdido em apatia novamente. Olhares à parte, nossa admiração e atenção aumentavam conforme a conversa se encaminhava. O encanto com o qual ela descrevia suas paixões nos cativou. Costurar, conversar, cozinhar, recortar e tantas outras coisas que a alegravam iam enfeitando o caminho de nossa conversa. Vez ou outra, passávamos por obstáculos nesse caminho. O estigma da velhice e as incapacidades que surgem com ela, as memórias do que foi bom e passou e outras pedras que sempre existirão na vida das pessoas, mas que eram chutadas por nós.

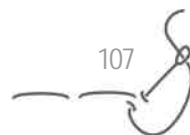
Aí, de repente, surgiu uma constatação inusitada. Um pensamento repentino, algo que nos deixou sem jeito. Ao tentar responder uma pergunta feita por nós, a senhora se surpreendeu em perceber que a resposta havia desaparecido. Esforçou-se em buscar a lembrança que iria satisfazer o questionamento proposto por nós, o qual confesso não recordar qual foi, mas nada surgiu.

Ela ficou enraivecida, mas de uma raiva triste, como quando perdemos a pessoa amada e não mais sabemos distinguir raiva de tristeza. O que havia perdido era algo tão importante quanto um amor. Uma perda que não a matava, mas retirava um pedaço de sua vida.

Ainda com raiva, nos disse que tais esquecimentos eram comuns. Dizia ela estar consciente e ter conhecimento da falta de certas lembranças. “Talvez eu deva ser louca”, foi a sua conclusão. Contornamos dizendo que todos esquecemos das coisas. A senhora então insistiu em explicar sua condição, insistiu em tentar descrever o que se passava em sua cabeça, mas se enrolava em suas descrições. Não é uma das coisas mais fáceis explicar o que ocorre dentro de nossas cabeças, quicá o que não ocorre. Você conseguiria dizer o porquê de não ter lembrado o conteúdo estudado para a prova? Consequiria explicar o porquê de ter esquecido o aniversário de namoro? Nossa memória é como a maioria das coisas do dia a dia, usamos sempre, sem no entanto saber como funciona.

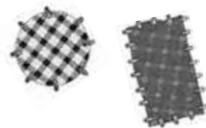
Em um destes momentos de dificuldade, em que ela tentava se explicar, minha colega completou seu raciocínio, mostrando que estava acompanhando sua forma de pensar. A alegria voltou a aparecer em seu rosto. Foi difícil imaginar, que algum dia, aquela mulher havia sido triste. “Isso! Você me entendeu!”, ela nos disse com enorme alegria. “E eu que pensei que ninguém me entendia.” Agora as palavras saíam com facilidade de sua boca, em perfeita sintonia. Uma atrás da outra eram capazes inclusive de expressar o que ela sentia, tarefa esta impossível de ser realizada, quando envolvia a memória de fatos recentes.

Ela elogiou o sorriso de minha colega, sua vontade, sua juventude, pediu que não ficasse parada, que não enferrujasse por não fazer nada. Contou que apesar dos constantes episódios em que tinha um branco em sua memória, conseguia viver. Quando esses episódios ocorriam, não ficava tentando pintá-los com memórias, “pois se eu viver tentando fazer isso, acabo não fazendo nada”. Ela, assim que percebia que havia esquecido algo, ia fazer outra coisa. Foi uma profunda demonstração da



capacidade adaptativa do ser humano. Em geral, olhamos apenas para as alterações que as doenças causam nas pessoas, os chamados sinais e sintomas, mas esquecemos de ver as alterações que as pessoas causam nas doenças. As superações criativas, obra da plasticidade humana, a qual é vista apenas em uma medicina que se inicia no paciente, passa sim pela doença, mas termina sempre no paciente.

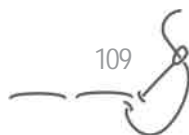
No final, um pouco depois da despedida, percebemos que o Mal de Alzheimer produz problemas sérios para as pessoas que o possuem, mas esses problemas provocam incríveis adaptações na forma de viver de tais pessoas. A doença no final não é um fator incapacitante que acaba com a saúde do doente. Ela é apenas um modificador de sua forma de viver. Um muro que exige que o escalemos para continuarmos vivos. Há que se admirar aqueles que tem força para perpassar o muro. Afinal, o branco do esquecimento não nos impede de reparar no branco de um sorriso.



Sobre o vínculo

Ana Maria Evangelista Ferreira

Eu, em frente àquele pesado portão de ferro, cá fora na rua movimentada. Lá dentro, depois do portão, olhos, almas e corações que já viram e sentiram muita coisa nessa vida. E que ainda veem, e que ainda sentem. Ao transpor o portal, percebo que já não sou mais uma estranha ali. Sr. José Carlos, sempre no pátio, sentado em sua cadeira de rodas, fumando seu pito, olhando pros carros. Eu me aproximo dele, aqueles olhos vivos me fitam e um leve esboço de sorriso se desenha naquela face enrugada. Não, não são quaisquer gestos. -“Mineirinha, estás vindo aos sábados agora?” Ele diz quando eu o cumprimento. Vou entrando e, no caminho, Seu Waldir diz um “Oi” polido e reservado. Basta ficar frente a frente com aquela figura que ele já dá as pistas de que lembra da gente: “Bah, mas eu nunca iria fazer Medicina!”. E esses reflexos de intimidade me fazem continuar. Dá vontade de ouvi-los, sabe? De querer bem! No salão principal ficam as senhoras, sentadas nos sofás ou oscilando-se naquelas cadeiras de balanço. Elas fizeram o lanche da tarde e esperam o jantar. Tricotam, enrolam um fio de cabelo em um dos dedos, olham para o chão, deixam o tempo passar. Sacodem o chinelo na ponta dos pés contra o movimento rítmico do tornozelo da perna que está cruzada sobre a outra. Dona Neiva me chama pelo nome. Agora sou eu quem busco, com o olhar, aquela voz já conhecida. O som que se forma do “Ana Maria!”, bem entonado e gaudério é, para mim, um exemplo limpo e precioso de vínculo. Abraços, sorrisos, tristezas, histórias. Histórias. A família que abandonou, o filho que vai trazer um ventilador na semana que vem. Lembranças de um



mundo velho, dos quinze anos, do caminho de trem a Porto Alegre. Hora da despedida. “Vens semana que vem?” Eu sorrio, toco nas mãos frias, no rosto, nos cabelos algodoados. Faço-me sentir. Na saída, troco meu caminho linear para o da direita, onde fica a sala grande, que tem uma estante com muitos livros antigos, enciclopédias, quadros de fotos dos primeiros que ali moraram, uma televisão e aquele piano. Lá também tem sofás e, num deles, Seu Marcelino passa sentado tardes inteiras, vendo noticiários, jogos de futebol e novelas “das nove”, que ele me confidenciou gostar. Quando eu passo, ele gira um pouco a cabeça, põe-se de pé e me recebe de um modo afetuoso. Eu me sento, ele abaixa o volume ultrasônico daquele aparelho televisivo e começa uma boa prosa de amigo. Fala-me sobre a fronteira agrícola, a política nacional e me pergunta como é que se interpreta os ruídos encontrados numa ausculta pulmonar. E eu, que já tinha anunciado a minha saída, passo mais alguns minutos discutindo sobre tudo quanto há neste mundo com aquele senhor intelectual, que me fascina e que tem hoje apenas um irmão, que o busca no dia de Natal para passear de carro. Agora sim, devo ir! E saio de lá, inundada de pensamentos, imagens, sensações e de vontade de poder passar ali mais vezes. O exercício do vínculo iniciado há quase dois anos, distante e desacreditado, mostra-se cheio de existência e movimento a cada conversa lembrada, na espera pelo retorno e em todas, em todas aquelas as trocas de olhar. E o portão, ah, esse continua em seu lugar, duro, firme e materializado.



Sobre o amor que se foi

Neiva Enilda Silva

Fui no livro do destino
Minha sina procurar.
Folheeí folha por folha
Só nasci para te amar.

Borboleta cor de ouro
Tem as asas denegridas.
Se o nosso amor for firme,
Terás amor por toda vida.



Uma parte do que sou

Larissa Fernanda Rizzardi

A LES ajudou a construir na minha formação uma visão aberta da realidade, ou seja, consegui perceber com a vivência e as atuações muitas coisas que antes eu só havia tido contado na teoria. Com certeza nesse período de LES eu pude expandir meu campo crítico e mais do que isso, adquiri uma bagagem de experiência que quero levar não só durante o curso, mas também para a minha atuação como profissional. A capacidade de saber ouvir, de entender não importa quem seja e onde esteja sempre temos muito o que aprender com as vivências e experiências das diversas pessoas; entender verdadeira dimensão da construção compartilhada de conhecimento são alguns aprendizados que quero levar comigo não só para usar na vida profissional mas também para preencher o meu 'eu' como ser humano.

O meu maior aprendizado na atuação da LES nas comunidades se deu na conscientização de que sempre podemos ajudar aprendendo e compartilhando conhecimentos. Saberes, experiências, culturas, modos de ser e agir diferentes, foram matéria prima para amoldar a minha formação no que diz respeito ao lado humano, que não apenas os médicos, mas todos os outros profissionais que trabalham na saúde deveriam ter bem desenvolvido e em prática. É muito bom e mais do que isso, é importante, reconhecer que a pessoa doente que está na sua frente não é apenas um fígado que não está funcionando mais, que não é apenas um coração insuficiente, um diabético que não se cuida ou mais um depressivo e obeso entre tantos outros,

antes disso, são pessoas, são seres humanos e merecem serem ouvidos, compreendidos em toda a sua complexidade. A LES me proporcionou esse aprendizado não só na teoria mas na prática também. Além disso, um projeto de extensão em saúde proporciona conhecer uma realidade fora das cadeiras acadêmicas e com isso adquirimos a capacidade de não nos amoldarmos a saberes ditos como únicos e verdadeiros, mas nos tornamos capazes de reconhecer nos saberes dos outros uma riquíssima fonte de aprendizado.

Em um certo dia, quando eu estava fazendo uma tarefa obrigatória de uma cadeira do primeiro ano de medicina, eu e meus colegas de grupo estávamos conversando sobre métodos contraceptivos e DST's com jovens alunos de uma escola pública. Nesta ocasião, um menino, que até então não havia se manifestado em nenhum momento durante a discussão, levantou a mão e perguntou se nós, aquele grupo de estudantes de medicina, éramos integrantes da LES e se conhecíamos tal pessoa, da qual ele disse o nome, e que era integrante da Liga e que havia realizado atividades com eles em tempos passados. Aquela situação me deixou com extrema alegria. Percebi o vínculo que a Liga estava criando com a comunidade e o quanto era importante pra nós ouvir aquilo de um jovem que já havia participado de algumas reuniões que a LES tinha realizado naquele local. E quando pensei que já estava suficiente aquele reconhecimento, me surpreendi com ele perguntando quando iria ter outra reunião e que ele queria participar. Aquilo foi sem dúvida marcante. Foi gratificante saber que estávamos fazendo um trabalho legal e digno de reconhecimento por aqueles que já conheceram e participaram de alguma reunião.

Posso afirmar que a LES fez e faz parte da minha vida. Sem ela, hoje não seria quem sou.



Cada planta tem uma história

Gracelina David e Mayara Floss

No começo da conversa, a Celina falou que não tinha histórias para contar. Eu discordei, ela já tinha várias histórias para contar, e já tinha contado sobre várias das suas plantas. Então ela começou a contar:

“Eu gosto das minhas plantinhas. Desde pequena, desde que eu era bem pequena e não sabia plantar, eu já saía plantando ao meio dia de sol quente, minha mãe contava que eu plantava mesmo com muito sol, as plantinhas, e ia regando. Eu acho que é mal de família, porque a minha avó também tinha muita planta de remédio e flor, era a casa que mais planta tinha. E eu fui criada por ela que faleceu com 105 anos. Acho que eu herdei essa herança das plantas.

Tem uma planta que eu gosto muito, que é o bugangiro vermelho (Bougainvillea); a maioria das minhas plantas é de Santa Catarina, que eu trago de lá. Uma vez, eu fui para Santa Catarina e na volta, um senhor pegou a minha sacola na rodoviária em Porto Alegre. Então, eu disse que tinha uma sacola cheia de plantas e o senhor perguntou da onde estávamos vindo e eu falei que era de Santa Catarina e ele falou “mas isso aqui parece que é do Amazonas”. Meu marido não gostava das minhas plantas e já começou a reclamar, mas meu filho, mesmo pequeno, sempre protegia as minhas plantinhas.

Uma vez, eu passei de carona com o meu vizinho e ele parou para

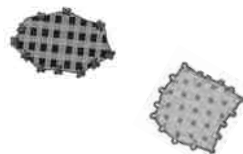
deixar a filha na Vila São Miguel, e lá tinha uma casa velha quase caindo. Então, eu chamei “ô senhor, ô senhora”, porque eu tinha visto um pé de rosas lindo. Ninguém respondeu, aí eu entrei e cortei um galho, e eu pensei que era pequeno o galho, mas eu ficava puxando e o galho não terminava muito, pois era enorme. De repente, o senhor apareceu e começou a me xingar: “Uma vez a gente pedia antes de pegar”. E a esposa dele que me conhecia disse “vou fingir que nem conheço”. O marido dela continuou me xingando, mas as rosas eram muito bonitas e eu só queria um galho para fazer muda. Eu fazia que nem era comigo, e diz que rosa não pega em mês que não tem R (maio, junho, julho e agosto) mas eu plantei em fevereiro e ficou um pé lindo. Não é o mesmo pé que está plantado hoje porque eu fiz mudas novas e aquele acabou morrendo, porque estava velho. Mas são as mudas daquele pé.

O pé de romã atrás da casa, foi um menino que me deu. Ele disse que tinha uma fruta muito gostosa na casa dele parecida com uma maçã, falou que o nome era “romã” e eu lembrei da minha infância que eu achava linda a flor do romã e pedi para ele me trazer, aí ele trouxe uma muda do pé de romã. Eu plantei bem perto da porta, porque ficava perto da torneira e podia regar bastante. Hoje, aquele menino já é casado, pai de família

Os pés de Jasmim que eu ganhei de um senhor que comprou um sítio na Querência, um bairro antes de chegar no Cassino, a fazenda ainda está lá, só que não é mais do mesmo senhor. Na época, ele queria fazer um muro, só que onde eles queriam construir o muro tinha vários pés de jasmim e eles foram arrancando para fazer os muros. Aí, a esposa daquele senhor lembrou que eu gostava de jasmim e mandou os filhos dela me trazerem na caminhonete, trouxeram várias mudas. E ficou lindo, vingou muito bem.

Tem outras mudas que eu comprei como a de e Camélia e a de Azaleia; eu comprava escondida do meu marido porque ele não gostava de planta. Aí, quando eu vinha chegando e percebia que ele estava em casa, eu corria na casa de algum vizinho e entregava para a vizinha e dizia para ela vir e me dar de presente para ele não ficar bravo.”

No final, nós sorrimos, porque no jardim da Celina, cada planta tem uma história, e todas fazem parte da história e da vida da Celina.



Um olhar, um carinho, uma esperança...

Clarissa Resende Corrêa

A vida nos leva por diversos caminhos, ainda mais enquanto acadêmicos de medicina, mas talvez nunca tão certos e inesperados como os caminhos que a LES me levou. Quem iria imaginar que após uma reunião sobre educação popular, que era algo que eu não entendia, eu iria viver com tanta paixão e encanto o tema. Fazia muito tempo que eu havia perdido meu brilho no olhar, entre tantas aulas, tantos estágios, a própria medicina me absorveu bastante desse clarão que antes eu tinha, até que, num certo aniversário tudo reascendeu. Foi no aniversário da querida Suzi que eu reavivei o meu olhar. Há um ano atrás, me perguntaram numa mesa redonda sobre a formação do educador popular, questionando como pode um aluno, de uma classe socioeconômica diferente da comunidade, se relacionar e sentir que pertence a uma comunidade? Eu fiquei um pouco desconcertada com a pergunta, não soube responder, não sabia e nunca tinha sentido.

Contudo, tudo mudou quando no início de 2013, a LES entrou na Vila da Barra, uma comunidade afastada do centro e que vive em processo de realocação pelo crescimento da zona portuária. Chegando na comunidade, fomos de imediato para um espaço no qual se reuniam as artesãs da comunidade, e senti o primeiro impacto. Isso ocorreu, quando chegamos no meio de uma reunião de trabalho para substituição de um produto de

serigrafia, que não afetasse a saúde das artesãs. Aquela reunião me mostrou uma das necessidades daquelas mulheres, me mostrou que elas estavam preocupadas com a própria saúde, e até mais do que isso, com o meio ambiente, já que todo o artesanato que produzem é inspirado na fauna específica de Rio Grande. Então o desafio daquela pergunta foi lançado, como grupo. E, sempre muito ansiosos por iniciar uma nova etapa, fomos diretamente perguntando sobre que assuntos as integrantes do grupo da Barra gostariam de conversar, e surgiram vários temas, entre os quais, um dos mais marcantes, que se relacionava ao significado do SUS e como esta instituição funcionava.

Nós, alunos da LES, nos reunimos e trabalhamos nas reuniões teóricas e individualmente o tema. Estudamos as funções dos conselhos, a função das equipes, quais são os componente das equipes da UBSF, o que era o programa de Estratégia de Saúde de família na sua essência e em como explicar toda essa informação, que nos vinha de forma maçante e hierarquizada, através de um conhecimento que pudesse ser horizontalizado. Nunca imaginei que falar sobre algo que eu usava todo o dia e em que atuava como estudante fosse tão complexo.

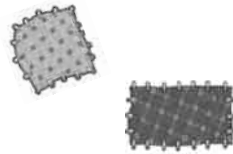
Chegamos nervosos na Barra (percebiam, no início identificávamos de maneira mais genérica e oficial como comunidade Vila da Barra, depois Comunidade da Barra, e já nessa hora, bem familiarizados, Barra), ansiosos e preocupados com o que aconteceria nessa reunião. Nos preocupava se conseguiríamos interagir. Mas a reunião foi maravilhosa, como todos as que se seguiram até então, as participantes Suzi, Leda e Celina tinham dúvidas quanto à formação das equipes da ESF e quanto à possibilidade de haver uma equipe dessas na nossa Barra.

Foi nesse encontro que foi plantada a semente de luta, de empoderamento que eu tanto lia nos textos de Eymard, de Zé Neto e de Pedro Cruz, meus autores favoritos, além é claro, do mestre Paulo Freire. Dessa reunião em diante, foi montado um pequeno folder com explicações básicas sobre o SUS e os direitos da comunidade de acessar o SUS, o qual foi distribuído pela



comunidade. Essa reunião chegou até o presidente de bairro, e a partir daí, o ideal de montar um Conselho Local de Saúde na Barra, hoje pode se tornar uma realidade.

Essa reunião foi especial, mas depois dela eu fui novamente absorvida pela academia, pelo estágio, pelo estudo e me afastei. Entretanto, uma chamada na rede social me acordou, eu tinha que ir ao aniversário da Suzi. E fui, entrei na casa dela, conheci toda a sua família, ri, conversei, cantei, comi e comemorei, cantei “parabéns a você” pra Suzi e sua nora e me senti em casa. Agora já sei responder à pergunta que me fizeram na mesa redonda, hoje digo sem ressalvas que ser parte da comunidade é sentir-se em casa com pessoas que antes eram participantes de um grupo e que hoje são suas amigas e lhe convidam pros seus aniversários, pra dividir suas vidas contigo e em troca, divides a tua vida com elas. Essa experiência só é possível se abrimos nosso olhar, nossa vida; só ocorre se a troca for igual, for recíproca.



Senhores do Asylo

Luan Menezes

Somos muito mais do que aquilo que vemos no espelho. Em geral não notamos, mas os lugares em que vivemos se tornam uma parte de nós e os adjetivos que usamos para descrevê-los servem também para nos definir. O asylo,¹ é assim, antigo e repleto de histórias para contar. O casarão é enorme, com paredes amarelas e um jardim murcho na frente onde os moradores tem conversas bem vivas, enquanto tomam Sol ou fumam seus cigarros.

Ao chegar no portão, um senhor me recebe com um óculos escuros em seu rosto e logo abaixo dos óculos encontro um convidativo sorriso. Por entre o portão posso ver o pescador uruguaio que sabe tudo sobre tango e que como todo bom uruguaio se sente ofendido quando digo que Carlos Gardel nasceu na Argentina. Vejo um aventureiro aposentado, encolhido enquanto fuma e conta histórias incríveis do tempo em que se viajava de Rio Grande até Porto Alegre de trem e em inacreditáveis cinco dias. Com uma muleta temos uma amante de brinquedos, que pela pobreza jamais teve uma boneca sequer e depois de mais idade passou a juntá-las aos montes, dar banho, trocar as roupas e tudo com a graça de uma guria de sete anos. No casarão, temos a realeza, a mais antiga moradora com 92 anos, com a felicidade de uma princesa, a inteligência de uma

¹ O Asilo foi escrito com “y” porque vem do nome do asilo em que acontecem as atividades da LES “Asylo dos Pobres”.



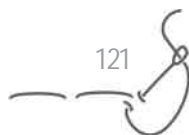
rainha e que conta histórias como um rei, como quando fugiu com seu marido que estava noivo de outra e que a família dela não permitia. Temos quietinha no canto uma senhora com Alzheimer, a qual nos mostra que o branco do esquecimento não nos impede de reparar no branco de um sorriso. Na recepção, sou recebido com um grande sorriso por uma mulher que já esteve no Marrocos e que atende a todos os meus pedidos com a mesma frase, Claro que pode Luan, você é da casa. Ao entrar converso antes com uma senhora que cuidou do marido até sua morte e que conta essa história com lágrimas emocionadas. Como eu disse, são muitas histórias no asilo e histórias são como máquinas do tempo, nos levam para o passado, futuro e por vezes nos puxam para o presente e assim como a mais famosa delas, a TARDIS², nem sempre nos levam para onde queremos ir, mas sempre para onde precisamos. E é isso que torna o asylo um lugar tão especial. Nos seus corredores imensos, com sofás por toda a parte, cada um coberto por uma colcha diferente, histórias voam por todos os lados em um fluxo contínuo. Algumas são contadas, outras apenas pensadas, algumas estão em conversas animadas, outras em reflexões profundas, mas basta que você se sente para viajar nessas histórias. É estupendo notar que asylo é maior por dentro do que por fora, muito maior na verdade! Nele cabe a antiga estação ferroviária de Rio Grande, uma carrocinha de vender suco, uma casa enorme onde se come bem todos os dias, um armário repleto de vestidos de seda de todas as cores, todo o Porto Velho, com suas máquinas a vapor imensas, que ocupam armazéns enormes, mas que estão ali dentro do asylo, ao lado das demais histórias. Aliás, espero que você acredite em mim agora, o asylo está realmente repleto de histórias, não se deixe enganar pelo lado de fora, pois como eu já disse, ele é fantasticamente maior por dentro.

Por ele ser maior por dentro, eu sempre demoro anos para andar da entrada até o meu sofá favorito. Preciso passar por décadas em que trabalhar em banco era fácil, “Era preciso apenas carteira”, por anos em que as fábricas de peixe empregavam

² TARDIS, acrônimo de Time and Relative Dimension in Space, é a máquina do tempo usada pelos Time Lords, na série de ficção científica Doctor Who.


— — —

muitas pessoas na cidade e a Fábrica Nacional de Tecidos e Panos da Rheingantz e Vate era mais que um prédio abandonado, visito o Uruguai na época da ditadura, onde ficar parado na esquina esperando um ônibus já era motivo para ser levado pela polícia para a delegacia. Conheço muita gente, os guerrilheiros Tupamaros, os pescadores do Cassino, pessoas que já morreram e suas histórias que continuam vivas no asylo. O asylo tem de fato muitas histórias e se você quer ter uma ideia dessa grandeza, imagine o quão grande ele é, pois só a imaginam é capaz de conceber tal grandeza. Mas enfim, demoro décadas para atravessar o corredor, o que não é problema nenhum, já que ali faço isso em alguns minutos, como em uma máquina do tempo. E então me sento. Ao meu lado, uma senhora com as pernas esticadas em um banco e assistindo televisão, junto com várias revistas, todas com as palavras cruzadas feitas. Ela está repleta de colares, anéis, com a maquiagem feita e me olha com um jeito acolhedor. Luaaaaaaaan! Ela sempre pronuncia o meu nome com mais “as” do que posso colocar em qualquer livro e para cada “a” pronunciado o meu sorriso aumenta alguns milímetros. Como você está, ela sempre pergunta, mas antes que eu responda já estamos em movimento, viajando por entre suas memórias. Conta como casou aos 18 anos e depois se arrependeu. Voltou a casar mais tarde, com o grande amor da vida dela, mas sendo esse amor pequeno demais para sua enorme vida, se separaram. “Ele me disse para eu ter certeza de que ele me amou, mas como era 18 anos mais novo do que eu, não poderia terminar a vida com uma velha”. Escorrem uma lágrima de cada olho, gosto de pensar que uma é de felicidade, pelo amor que aconteceu e outra de tristeza, por ele ter acabado. Depois voltamos para o presente, no sofá ela me conta o que comeu hoje, se gostou ou não, me fala das enfermeiras que irão dar banho nela, levá-la pra cama, fala o nome das funcionárias que estão passando, horário de entrada, de saída, história de vida. Tudo isso faz parte de uma certa exibição, ela sempre me mostra o quão boa sua memória é e eu sempre fico impressionado com isso, algumas coisas nunca mudam. Mas outras estão sempre mudando, o futuro é assim, cada escolha cria um novo rumo para nossas vidas. Por isso gosto de ir pra lá, surpresas sempre me agradam. Dessa vez viajamos para um futuro otimista, quando ela estará fora do asylo, com seus filhos e netos, em uma casa sua, onde poderá dormir e comer quando



bem quiser. Nem sempre é assim, houve viagens em que fomos para lugares escuros, solitários e ela teve medo de que o destino dela fosse morrer ali, sem família ou alegrias. Quando acabamos indo para lugares assim, sempre aperto sua mão e não solto, mesmo que precisemos correr de algum monstro, como o Arrependimento, Ciúmes, Raiva, Ódio, ainda assim procuro correr com minha mão entrelaçada na dela, sei que assim é mais seguro, para nós dois. Ela teima em ter a ideia de que eu irei soltá-la, deixá-la cair, diz que eu sou "Lá de fora, do mundo fora do asylo", que poderia, caso caísse nesse mundo escuro, me levantar e sumir; ao contrário dela, que ficaria presa para sempre nessas memórias. É justo, eu sempre penso, ela é mais forte do que eu. Ou talvez não seja nada justo, eu já vi muitas coisas injustas ali, como eu já disse, o asylo tem muitas histórias e nem sempre nos mostra o que queremos ver, mas quase sempre o que precisamos.

Se viajar de uma cidade para outra cansa, imagina entre décadas! No final sempre me despeço com um até mais e ela me pergunta quando eu vou voltar. Eu sei que, caso me engane na resposta e não apareça exatamente na data marcada, ela vai se lembrar. Aquela não é uma pessoa que esqueça. Falo o dia e digo, com uma profunda sinceridade que irei voltar. "Eu sei, porque você é meu amigo". "E isso é uma grande verdade" "Sim, eu sempre falo a verdade e sempre digo coisas certas, não sei o porquê, mas é assim". Arrogante, não? Mas ela realmente está certa, nesse tempo nos tornamos mais do que meros companheiros de viagem. Eu não sento simplesmente ao seu lado e desfruto da vista, dos tempos passados ou dos que ainda estão por vir. Nesse tempo, nos tornamos amigos. Quando estou saindo faço o caminho inverso, agora é mais curto, mais promessas e menos viagens. "Quando você voltar conversaremos mais", "Na outra semana falaremos mais sobre isso". Ao chegar na saída, olho para trás e me despeço do asylo. Eu não quero ir, penso, mas preciso, afinal o meu presente é tão importante quanto as histórias que deixei ali. E aí então duas coisas me animam, uma é o vento, que sempre sopra de um jeito diferente quando saio do casarão, outra é que não importa o que eu viva, o que eu aprenda ou ouça no asylo, não importa o quão triste ou alegre seja a visita, o quão rápida ou demorada, não importa o



quão difícil ou agradável tenha sido segurar sua mão, não importa se estou cansado, se tenho prova, se tenho trabalho, se está chovendo ou se está Sol, não importa o que aconteça ao sair do asylo, eu sempre me lembro do sorriso dela.

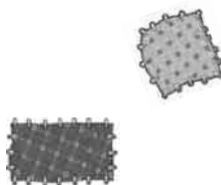
Encontros e desencontros



Neiva Enilda O. Silva

Eu me casei aos 18 anos e fui infeliz porque o meu primeiro marido era ruim para mim e para os meus filhos. Ele colocou até o filho em um hospital para loucos. Mas o segundo marido foi muito bom. Eu fui casada por oito anos e durante esse tempo ele plantava de joelhos, flores para mim. Infelizmente ele quis se separar dizendo que não poderia ficar com alguém 18 anos mais velha que ele. Desses dois casamentos, tive cinco filhos, sendo que um deles me colocou aqui porque a mulher dele disse que não iria dividi-lo comigo. Minha filha, única filha, nunca veio me visitar no asilo, porque disse que não gosta de velhos. Ela mora sozinha em uma casa enorme, mas nunca veio me buscar para passar a tarde com ela. O meu filho, o melhor filho, morreu bebendo em um bar, e se ele estivesse vivo eu não estaria aqui.

Chuva



Vanessa Cardoso Barrientos

Rio Grande quando chove é urgente. Rio Grande quando chove é mais úmida, brota, borbulha, história, sentimento, e o sofrimento desse povo do extremo sul. Naquela tarde quente, enfrentei mais uma das repentinas chuvas riograndinas enquanto caminhava, num intervalo de aulas, até Asylo¹.

Cheguei de mau humor, e praguejando internamente, murmurando contra o banho súbito de água gelada.

A senhora estava sentada no mesmo lugar de sempre, no mesmo sofá perto do refeitório. Quando me viu abriu o sorriso mais lindo que eu poderia receber naquela tarde tão conturbada. Aproximei-me e os próximos 30 minutos que passei ao seu lado foram de um conforto e de uma paz tão grande. Ouvi sobre os banhos de chuva que costumava tomar na adolescência, sobre como gostava de ouvir o barulho dos pingos caindo no telhado da sua antiga casa na estância.

Quando saí do Asylo, o sol já havia raiado timidamente entre as nuvens carregadas.

Olhei para o céu e gravei o sorriso daquela senhora como uma benção, gravei a minha experiência com a LES, no Asylo como uma benção.

¹ O Asilo foi escrito com “y” porque vem do nome do asilo em que acontecem as atividades da LES “Asylo dos Pobres”.



Há muito além dos livros


Lais Nascimento

Estudos, livros, peças anatômicas e uma carga horária maior do que diversos cursos somente no 1º ano de início à faculdade. E o paciente? A conversa? Como vou lidar com um ser humano daqui há alguns anos e até mesmo dentro da própria universidade? Vou conseguir olhá-lo de uma forma completa ou somente ver ali na minha frente uma patologia, sem me preocupar com o que levou a isso ou o que o faz procurar atendimento médico? Diante de questionamentos como esse, decidi entrar para a LES no meu 1º ano de acadêmica de medicina.

Minha estada na Liga foi um tanto quanto passageira, 1 ano. Pode parecer pouco, contudo cada momento e cada experiência que a LES proporcionou valeram por toda uma formação!

Aprender que cada ser é um conjunto de angústias, histórias, sabedoria, tristezas, alegrias, sonhos ... é uma vida! Olhar em sua totalidade, ouvir e escutar, numa relação horizontalizada, onde estou lá para ensinar, mas muito mais para aprender. Aprender com a experiência de cada um dos quais fizeram parte da LES, enquanto estive nela.

Há certas coisas que são impossíveis de se aprender nos



livros. Certamente, pude aprender muitas dessas enquanto estive de passagem pela Liga de Educação em Saúde.

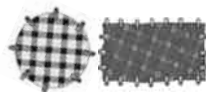
Poeminha pro tio Paulo



Roberto Conter Tavares

Paulo freire deu o caminho
basta agora seguir
"Não há saber mais ou saber menos:
Há saberes diferentes."

Então não venha sozinho
ponha-se a discutir
tudo que com os outros aprendemos
é formador de nossas mentes.



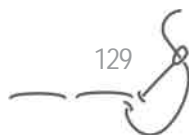
A lâmpada de Dorval Martins

Rosane Galarraga Martins Castro, Juliana Batista Rocha da Silva,
Mayara Floss e Carlos Roberto dos Reis Castro

A história da Barra se confunde com a história do mar, dos pescadores, dos molhes, de Rio Grande e das embarcações que por ali passaram. Estávamos sentados na mesa da cozinha do Beto e da Rosane conversando sobre a história da Barra. A Rosane se levantou e com o passarinho criado solto em sua casa, a Quequé no seu ombro, falou: “eu tenho duas coisas para mostrar que vocês vão gostar muito” se dirigindo à Juliana e à Mayara. Ela foi até o quarto e buscou uma notícia de jornal em um papel envelhecido. Enquanto líamos a notícia, ela saiu com a Quequé e foi até o porão. Foi nesse meio tempo que a notícia falava do sr. Dorval Martins, o seu pai já falecido.

Não é por nada que o Molhe é chamado de “Molhe da Barra”, ele fez e faz parte da história da Vila. O Molhe da Barra é uma obra marítima da cidade de Rio Grande que foi construído entre 1911-1919 sem grandes máquinas e tecnologias. Foram os braços e a força dos pescadores e trabalhadores, a maioria da Vila da Barra, que ajudaram a construir essa obra hidráulica de 2,2km que sai da praia em direção ao mar, este é o Molhe oeste e o Molhe leste vem do município de São José do Norte, formando a babilônia que ajuda os navios a chegarem no Porto de Rio Grande.

Os Molhes dividem a lagoa dos Patos do Mar, e a Vila da



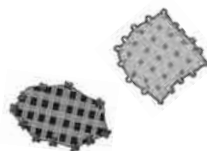
Barra da praia do Cassino, é um marco de pedras. Ali são os molhes do oeste, e as vagonetas (trilhos de trem com vagões empurrados pela força humana ou pelo vento) que hoje servem para os turistas passearem, é que levavam as pedras para a construção dos Molhes.

Na Barra, todo mundo trabalhou no passado, no DEPRE (Departamento Estadual de Portos, Rios e Canais) e o seu Dorval Martins trabalhou lá. Os trabalhadores chegavam com as mãos feridas de carregar as pedras e os antigos dizem que o trabalho hoje é fácil: “tudo é elétrico”. Também, foram jogadas pedras de até 10 toneladas no começo do século XX que totalizaram 4.5 milhões de toneladas. O “colosso” resistiu sem manutenção até 1995 quando foi necessário a reforma e foram mais 500 mil toneladas de pedras ao mar e 100 mil toneladas de tetrápodes de concreto. E já no final do século XX, a próxima geração que ajudou a construir os Molhes precisou utilizar o mesmo guindaste de carvão de 1910.

O pai de Rosane tinha uma caderneta com as anotações das suas experiências na Barra. Mas o que sobreviveu ao tempo, foi a enorme lâmpada de 500 velas (vela é uma unidade antiga, que quer dizer que aquela lâmpada ilumina como 500 velas) a qual Rosane trouxe para mostrar, no final de tarde. A lâmpada fazia parte do guindaste Francês Titan, que chegou ao Brasil para a Construção dos Molhes.

Rosane retirou-a com cuidado de uma caixa de papelão, era uma das lâmpadas entre as 1000 que iluminavam o trabalho da construção dos Molhes, porque a obra não podia parar à noite. Já tirando da caixa, ela falava que pretende levar ao museu, mas sempre esquece de ir até lá para isso.

Ela ligou a lâmpada na tomada e sacudiu o bulbo com cuidado, pois o filamento já estava partido, até mesmo um arame encostou no outro. Era como se quinhentas velas iluminassem o nosso dia. A lâmpada de Dorval Martins, que depois de iluminar a construção dos Molhes da Barra, ele usava para esquentar sua cama no inverno, faz brilhar a história da própria Vila da Barra.



Da Liga de Educação em Saúde e seus reflexos

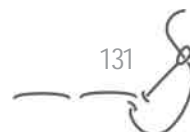
Vanessa Cardoso Barrientos

Publicado originalmente no blog da LES (lesfurg.blogspot.com) no dia 9 de setembro de 2012.

Ando percebendo que des(acredito) muito. Mas, sabe, eu também creio muito. E se, hoje, eu tivesse que contar sobre algo que acredito, sem dúvida eu contaria sobre como creio nas pequenas atitudes e no efeito multiplicador que elas podem alcançar quando verdadeiramente contagiam outros.

Assim começa a minha história com a Liga de Educação em Saúde. Ainda não acompanhei uma atividade prática ou uma reunião teórica, não tenho propriedade para falar sobre a dinâmica e vivências dos participantes e tampouco sobre o embasamento teórico das discussões que fazem. Sobre o que eu posso falar são os reflexos que venho sentindo desde 2011.

Não há dúvida de que práticas individuais e coletivas geram reflexos que não conseguimos dimensionar. E é nesse sentido que fui contagiada, em doses homeopáticas, pelos participantes da Liga. Em pequenas conversas com integrantes, lendo suas publicações, acompanhando de perto a confecção dos banners para o 15º Congresso Gaúcho de Educação Médica, vendo fotos das atividades realizadas, lendo alguns textos usados nos encontros teóricos, e em tantos outros momentos, minha



curiosidade em relação à Liga foi aumentando. Mas é no brilho do olhar que fui contagiada.

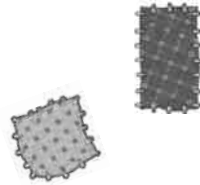
A mudança não é um corpo de doutrina, é um movimento em constante conhecimento sobre si mesmo e sobre aqueles que nela acreditam. Eu percebi vida no brilho dos olhos de muitos integrantes da Liga. Vida em movimento. E vida valorizando algo que me encanta: a aquisição do saber sendo considerada no mesmo patamar que o saber propriamente dito.

Os reflexos que observei nas práticas em saúde daqueles envolvidos nos espaços de ensinagem proporcionados pela Liga fisgaram a minha atenção. Colegas de sala de aula, veteranos, 'avó'teranos. Não importa o ano do curso. Somos todos um, um deles disse. Lembro, daí, da expressão "compañero" que se usa no espanhol, numa significância bem mais ampla do que apenas "colega".

Venho de um turbilhão, de um período rico, de reavaliação sobre tudo. E foi durante essas férias, ou "grérias", como preferir, numa junção de férias com greve, que a minha vontade tímida de participar da Liga de Educação em Saúde tomou forma e decisão concreta. É por buscar a mesma alegria e satisfação que senti em seus integrantes, que na última quinta-feira participei do meu primeiro encontro na Liga. Isso se deu, por eu querer aprender com esse grupo e, se possível, contribuir com ele. Mas não só por isso; é também porque desejo fazer parte de uma mudança e porque desde já quero que essa mudança traga reflexos em minhas práticas de estudante de medicina e, futuramente, de trabalhadora da saúde.

No final do primeiro encontro em que participei, pediram que definisse a Liga com uma palavra. Não hesitei, não houve dúvida: desafio. Sim, no momento, a palavra que define a Liga de Educação em Saúde para mim é desafio. Mas se eu pudesse usar mais de uma palavra seria: um imenso e contagiante desafio.

Para meus netos



Nara Maria Pinheiro Almeida

Assim como as estrelas brilham no céu
O amor que a vovó dedica em ti
Brilha no meu coração.

A caixa de música



Jean Veronese de Souza

Publicado originalmente no blog da LES (lesfurg.blogspot.com) no dia 7 de maio de 2013.

Sempre gostei de música. Entende-la, senti-la, reproduzi-la, enfim, vive-la. Assim que soube que havia um piano no asilo da cidade, programei uma visita ao local e iniciei as idas até lá apenas para tocar. A motivação era mais egoísta do que “bem intencionada”. Queria praticar as músicas e exercitar meus dedos. No início, uma sensação de nervosismo se apossava de mim (o que os idosos iriam pensar de mim? O que eles pensariam ao ouvir meus erros ao piano?), logo em seguida, certa tranquilidade apareceu, dada a falta de importância da minha presença (como aspirante a músico) lá. Mas isso me incomodava. Por que ninguém conversava comigo?

Na segunda vez que fui lá, um senhor veio falar comigo. Notei logo a presença da demência, mas essa não mascarava uma vontade angustiante de interagir. Ele adorava música, e pelo jeito já havia tocado algum instrumento, pois sabia muito da teoria. Na terceira vez um senhor, sentado no sofá, me elogiou “Bonita a música!” e logo parei de tocar. Conversamos por algum tempo e quando vi já havia passado muito tempo. Era o Seu Marcelino, muito inteligente e apreciador de filmes e futebol. Sai dali pensando em como a minha presença havia sido diferente para ele, e mais do que isso, como a conversa que tivemos fez bem para mim.

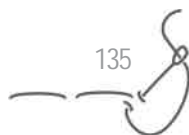
Segui indo ao asilo todas as sextas de manhã que podia. Com o passar do tempo eu tocava nos intervalos da conversa e o piano deixou de ser a minha motivação de ir até lá. Decidi entrar na Liga de Educação em Saúde.

As idas ao asilo, ao longo do tempo foram proporcionando novas formas de ver o outro e, principalmente, de me ver. Comecei a pensar no quanto importante é um indivíduo, quanto ricas as suas experiências e o quanto não aprenderia com isso. Além disso, as transformações “para dentro” foram se tornando cada vez maiores (qual o meu papel quanto estudante de medicina? O que espero do meu futuro como médico? Como venho levando a minha vida? Como posso melhorar a vida dos outros?).

A LES foi se tornando essencial na minha rotina. As idas ao asilo se tornaram motivo de preocupação (como será a visita de hoje?). Passei a reconhecer as faces e associá-las aos nomes, as histórias, e mais do que isso, passei a valorizar cada palavra dita, não por obrigação, mas pela potencialidade do conteúdo dessas palavras. Cada dia aprendia mais e deixava as ideias serem guiadas pelas experiências de quem já viveu muito mais do que eu.

Porém as conversas com um idoso por vez não me satisfaziam, uma vez que eles conversavam apenas comigo e não interagiam entre si. Queria vê-los interagindo, trocando as suas vivências e aprendendo, assim como eu. Não queria mais que a minha presença, uma vez a cada 15 dias, fosse a única oportunidade de conversar com alguém.

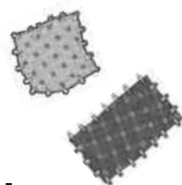
Então começamos com o grupo de idosos. Na primeira reunião não fui, mas os relatos foram de que tudo ocorreu bem. Na segunda reunião, após uma “coleta” de idosos pelos corredores do asilo, iniciamos com uma apresentação. Percebi que havia vontade e segurança na fala dos conhecidos moradores do asilo. Surgiram em mim novas esperanças. A conversa foi se desenvolvendo. Histórias de amor, solidão, infância, abandono foram expostas e todos reagiam a esses relatos. Cada história foi valorizada e, portanto, cada indivíduo foi visto como importante.



Fato interessante é que nesses encontros havia a constante presença da música. Sozinha ou acompanhada da dança ela sempre era lembrada, e até foi levada às reuniões para descontrair o pessoal. Enfim eu havia reencontrado a música no asilo, mas dessa vez a motivação não era egoísta. Queria vive-la com os outros, vê-la de outras formas, senti-la de maneira que, antes (sozinho), não poderia fazer.

Encontrei no Asylo dos Pobres do Rio Grande uma caixa de música, onde as notas – no caso a valiosa vivência com os idosos- está, ao menos por hora, contida em um local. Espero poder libertar essa música e deixa-la embalar outras pessoas, assim como fez comigo, sempre lembrando de quem a compôs.

Uma quinta-feira importante pra vida



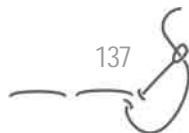
Roberto Conter Tavares

Agradecimento ao meu vô Roberto Conter pelos ensinamentos de uma vida, à toda minha família e à Liga de Educação em Saúde.

Cada quinta-feira, um novo aprendizado. Assim nas reuniões teóricas da LES, nós íamos discutindo textos. Lembro de uma semana que discutimos sobre a morte e como acompanhar a terminalidade de alguns pacientes. Parece algo simples, pois ninguém fica pra semente, a morte é a única certeza da vida, mas logo se viu que não era simples, tanto pelas dúvidas suscitadas, quanto pelas vivências que tínhamos.

Passadas algumas semanas retornei à minha cidade de férias e como diz a música de Adoniram Barbosa, "Deus dá o frio conforme o cobertor", meu Vô estava doente e não saía mais da sua cama. Eu visitava diariamente meus avós, mas sentia uma certa tristeza em casa, era duro viver na volta de um quarto e depender dos outros, principalmente para um homem tão independente como ele. Nas minhas visitas diárias, lembro como meu avô gostava quando eu abria as janelas e algum passarinho vinha cantar no pé de pitanga ou o simples cair da chuva desde que fraca. Volta e meia, ele pedia para eu tocar alguma marcha no seu acordeon, embora eu nunca conseguisse tocar nada direito, pouco importava a valsa que eu executasse, ele sempre cantava a mesma música e pedia pra tocar mais alto.

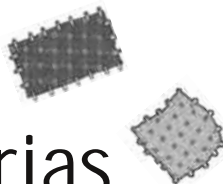
E assim, as semanas passavam.



Numa tarde, em meio a uma de nossas conversas e após vários causos contados e recontados, ele olhou pra mim e disse que era muito novo para morrer. Sinceramente, não lembro se esbocei um sorriso ou se acenei com a cabeça, pois ele tinha 87 anos. Será que em 87 anos a gente não faz tudo que quer? Seguimos conversando sobre a morte, pensando como devia ser depois dela. Eu continuava sentado ao lado dele e após uma grande pausa, ele com os olhos marejados disse que não queria morrer, que não queria ficar sozinho. Eu me levantei, dei um abraço como poucos se dá na vida e disse: — "Eu sempre vou estar por perto". Choramos baixinho por algum tempo e mudamos de assunto, logo depois.

Acho que cresci muito naquele mês e as discussões daquela reunião da LES me serviram para apoiar muito a minha família e nortear minhas atitudes. Para ficar com minha família, desisti de uma bolsa de estudos na Itália, mas pouco importa, hoje durmo sem peso na consciência, sabendo que escolhi o correto e fiz o melhor que pude.

Encontro de gurias



Amanda Ribeiro

A palavra “gurias” sempre me remeteu a jovens moças, abaixo dos trinta anos, e, portanto um encontro de gurias seria um evento no qual no auge da juventude, cada guria falaria sobre os seus interesses, anseios e todo tipo de sentimento, um encontro bem “mulherzinha”. É o tipo de situação comum, quem nunca saiu pra jantar com as amigas, comentou o dia-a-dia, os planos pro futuro, os interesses e desencontros amorosos? Enfim, tudo aquilo que trivialmente é o universo feminino e também, tudo aquilo que é do universo de qualquer jovem, de qualquer sexo.

No entanto, há algum tempo, não sei precisar quanto, ouvi uma das minhas bisavós, que já tinha ultrapassado os 90 anos na época, dizer que estava esperando as gurias e que era pra fazer uma café pra elas.

Acho que foi uma das coisas mais mágicas que já vi acontecer: um encontro de jovens gurias, de 90 anos!

Passado algum tempo, situação semelhante aconteceu com a minha mãe, a qual viu uma jovem senhora octogenária ir com as “gurias” ao bingo. Após isso conversamos superficialmente sobre o assunto, dizíamos achar a situação engraçada, de um engraçado bom.

O fato é que desde então, quando via senhoras com as amigas pensava: Que delícia poder ter esses encontros de gurias



por toda a vida. E com o passar do tempo fui percebendo o quanto eu estava enganada quanto a minha ideia de quem eram as "gurias". Elas são de qualquer idade, tem conversas animadas, planos, opiniões, anseios, críticas e todo tipo de sentimento para expressar nesses encontros e portanto esses encontros tem a mesma essência, da juventude à velhice.

Essa introdução à respeito do meu encantamento por esses encontros deurias é porque, semana passada eu participei de um encontro deurias diferente, no qual estavam eu e minha colega e amiga Ana Maria além de algumas senhoras do Asilo dos pobres de Rio Grande.

É essa experiência, que entre tantas, as quais a faculdade de Medicina e a Liga de Educação em Saúde tem me proporcionado, que escolhi para contar aqui, nesse primeiro texto que escrevo para uma publicação.

Semana passada, amanheceu um sábado adorável, de céu azul e poucas nuvens. Eu não pretendia ir no asilo, a minha ideia era arrumar o apartamento em que moro e descansar para depois estudar, no entanto acabei mudando de ideia após o convite de minha colega Ana Maria e decidi fazer a visita ao asilo.

Ao sair de casa eu fui criando expectativas sobre aquela visita, afinal todos contam experiências tão interessantes no asilo e a mim não tinha acontecido nada de grandioso ainda. No entanto, em breve, as minhas expectativas foram alcançadas.

Chegando no asilo, imaginei que a Ana Maria estaria lá, mas ela chegou uns minutinhos atrasada. Esses minutinhos foram suficientes para eu caminhar ao longo do corredor principal do asilo e então ouvir um "psiu, psiu" de uma senhora me chamando:- Quem tu és? Perguntou-me ela.

Puxei uma cadeira e me apresentei, e ela fez o mesmo, era a Dona Maria Teresa, e a simples menção do nome já criou a aura de magia que eu sempre quis que surgisse para mim, naquele asilo. Maria Teresa é um nome que por motivos desconhecidos por mim, me encanta. Sentada ao lado da dona Maria Teresa,

estava a Dona Eneida, que apesar de não se lembrar de mim, eu já a conhecia. Essa é uma senhora muito peculiar, porque é absolutamente lúcida e inteligente, e mantém um humor adoravelmente ácido! Eu me apresentei novamente a ela, e no fim ela recordou quem eu era.

Ela estava toda enfeitada nesse dia, cheia de anéis e colares, o que imediatamente já me deixou pensando no quanto, às vezes, esquecemos que os idosos mantêm sua vaidade, eles também querem se manter arrumados, enfeitados e porque não, bonitos.

Nesse momento chegou a Ana Maria. A Ana Maria já frequentava o asilo há mais tempo que eu e tem mais intimidade com os idosos, e é perceptível que eles, de modo geral, gostam muito dela. Ela trouxe duas sacolas de roupas para doar no asilo, para um brechó de fim de ano promovido pela entidade, mas antes de doar, trouxe para que as senhoras escolhessem o que desejavam dali.

Acho que nenhuma de nós poderia imaginar o efeito da abertura daquelas sacolas, foi um frenesi absolutamente inesperado. Nesse momento, mais uma senhora juntou-se ao nosso grupo, a Dona Eunice.

Das sacolas cheias de roupa que a Ana Maria trouxe, iam saindo, calças, jaquetas, blusas, coletes, saias, e, diga-se de passagem, algumas peças eram realmente muito bonitas. Elas iam saindo das sacolas e passando pelas mãos enrugadas dessas três gurias tão interessadas em conseguir algo que ficasse bem nelas. Divagamos, sobre cores, caimentos, peso, enfim, sobre roupas e muito do que se relaciona a elas. Todo mundo queria um mimo para si.

A Dona Eneida, que é muito esperta coordenava a distribuição, deixando bem claro o que podia ou não servir em cada uma.

Em seguida, mais duas senhoras se interessavam pela nossa conversa, a Dona Victória e uma outra, da qual no



momento não me recordo o nome. Elas eram mais delgadas e portanto a possibilidade de algo servir-lhe era maior! Enquanto estávamos envolvidas no processo de distribuição e no debate sobre as roupas, algumas escreveram poemas e textos, os quais ficaram incríveis, falando sobre a simplicidade da vida, dos momentos, da passagem do tempo e de tantas outras coisas que podemos aprender com os idosos.

Seguimos na tarefa de tentar encontrar alguma peça para todo mundo que estava lá conversando conosco, até que aparece o seu Valdir perguntando se não tinha uma jaqueta para ele e aí achei muito engraçado que ele acrescentou saber que se tratava de roupa feminina, mas que hoje em dia homem e mulher usam as roupas uns dos outros e que então, não tinha problema ele usar, desde que servisse em si. Acho que ele encontrou alguma coisa.

Depois seguimos nossa conversa, as gurias falavam dos “guris” que gostavam e dos que não gostavam e do porquê não gostavam e também nos falavam das outras moças com quem não simpatizavam, que eram “metidas” demais.

Foi uma tarde linda, que se passou em um asilo, mas que poderia ter sido no pátio de um colégio, na cantina da faculdade, no ônibus de excursão, numa viagem de amigas...Na verdade, em qualquer lugar seria uma viagem, ao que temos de igual, que é aquilo que sentimos pelas pessoas e pelos ambientes, as coisas que nos mobilizam, para o bem ou para o mal.

Espero sinceramente participar de mais encontros com as gurias, para conversarmos, trocarmos nossas experiências, e porque não, tagarelar sem sentido? Até porque, a gente perde a idade quanto está entre amigas, nesses encontros de gurias.



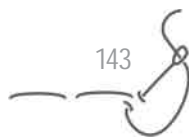
Futebol e lembranças

Vanessa Cardoso Barrientos

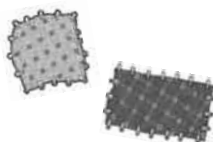
Tinha sido pintor, pedreiro e jogador de futebol no time do bairro Santa Rosa.

Perguntei se queria uma bola de futebol para voltar a jogar. E ele mirou-me com os olhos brilhantes por detrás do arco senil, olhos de quem muito sabe e pouco fala. Deu um breve sorriso e disse com doçura:

- Doutora, eu jogo é com as minhas lembranças.



Obrigada



Marina Anzolin

Tudo começou quando decidi ser médica.

Na primeira semana de aula, eu e mais 69 calouros, prontos para salvar o mundo, fomos apresentados para os projetos de extensão da universidade. As opções não eram muitas, Liga do Trauma ou Liga de Educação em Saúde (LES), quase impossível ficar em dúvida. Um pessoal bacana, animado, cheio de ideias do bem -LES eu escolho você! Além do que, pensei comigo, se eu fizesse a Liga do Trauma logo de cara, quem iria sair traumatizada era eu.

Já nos primeiros dias na LES tivemos que escolher entre duas frentes de atuação: Ou o Centro de Aprendizagem e Integração de Cursos (CAIC) e trabalhar com jovens ou o Asilo de Pobres da cidade. Escolhi o asilo mais pelo horário. Também não posso deixar de dizer sobre a curiosidade que aquele antigo casarão amarelo, no centro da cidade, me despertava.

Dá pra dizer que, quando começamos, éramos tão bem intencionados quanto inocentes. Marcamos uma reunião com o diretor do Asilo e...é, a primeira vez ninguém esquece. Talvez fosse o frio que fazia aquele dia, talvez o pouco sol que entrava pelas janelas, tanto faz, saímos de lá sensibilizados. Não ia ser fácil.

Marcamos uma reunião num domingo de manhã para pensarmos juntos num cronograma para o semestre. Tentamos

— — —
pensar em tudo: Seriam duas ou três semanas para criar o vínculo e nas semanas seguintes atividades acessíveis, valorizando suas histórias, experiências, sempre com um coordenador e um relator.

Primeiro dia: Música. Não tinha erro. Quem não gosta de música? O clima de descontração iria facilitar nossa abordagem e ajudar a criar o tão esperado vínculo. Tentamos convidar alguns deles para irem até a cozinha, ouvir uma música. A maioria não queria ir, e, dos que foram, a maioria não sabia direito o que estava acontecendo. Nós estávamos nervosos e não conseguimos nos comunicar bem com eles. Enfim, um desastre.

Na reunião seguinte, compartilhamos nosso problema com o grande grupo. Percebemos, juntos, que o maior desafio seria nos aproximarmos deles. Que sem criar primeiro o vínculo, nada além poderia ser criado. Deixamos nosso 'cronograma' de lado e recomeçamos do zero. O plano agora era: fazer visitas casuais, para conversar, entender aquelas pessoas, os seus desejos, suas angústias, e tentar criar uma relação mais próxima com aqueles que se mostrassem mais interessados em interagir conosco.

Começa então nossa jornada ao mundo do Asylo. Já nos primeiros meses conseguimos entender melhor o espaço, conhecer pessoas e histórias incríveis. Tudo ia muito bem até que tivemos a greve das universidades, em Maio. Em meio a algumas visitas isoladas, dá pra dizer que ficamos quatro meses longe do Asylo. Na volta, o clima era outro. Já sabíamos melhor o que esperar o que buscar e como agir!

A partir de setembro tudo só melhorou. Dois grupos se revezaram, e conseguimos fazer visitar semanalmente. A árdua missão de criar um vínculo não se mostrou tão árdua assim. As idas se resumiram a boas horas de conversa. Saía de lá certa de que quem realmente tinha aproveitado a conversa tinha sido mais eu do que qualquer idoso com quem eu tivesse conversado. Por mais que houvesse muita troca entre nós, nada me tirava essa ideia da cabeça.

E assim minhas tardes de terça-feira foram ganhando um novo sentido...

E não só as terças-feiras, depois dessa experiência meu primeiro ano na faculdade de medicina também ganhou um sentido totalmente diferente e de certa forma inesperado. Foi na LES que consegui me sentir no caminho certo para seguir em frente e ser a médica que quero ser no futuro. Foi um ano de tentativas, de erros e acertos, de companheirismo, união e entrega.

Com os idosos aprendi que sempre valerá a pena se dedicar ao outro, por que é no outro que nós nos reconhecemos, nos encontramos. Aprendi o valor da presença por inteiro. Aprendi que muitas vezes não precisamos buscar nada além do que já trazemos dentro de nós, para fazer com que, "simplesmente", o dia de alguém se torne melhor.

E se eu posso chamar de trauma aquela coisinha que deixa pra sempre uma marca em nós, então a LES foi a minha liga do trauma.

Obrigada LES!

